



0

ALABAMA



1871



G. H. B.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.^a

QUARTA-FEIRA 1.^o DE MARÇO.

Ns. 758—759.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collecão, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
28 de fevereiro de 1871.

Não houve expediente.

—Estou por saber qual foi o acto de desespero que decidiu uma moça a precipitar-se da janella de uma casa ao becco da Jaqueira, freguezia de Sant'Anna.

—Quando?

—No domingo.

—Horas de mau humor.

Ouvi tambem dizer que no sabbado uma infeliz dera cabo de seus dias, tomando porção de veneno.

—Factos realmente para deplorar-se.

—V. por cá! E' portador de alguma nova?

—Uma noticia luctuosa.

—O peor é isso.

—No dia 23, o trem de balastro da estrada de ferro, machinista Simplicio, trouxe a morte a um individuo.

—A morte não vem sinão quando Deus a manda.

—E' bem verdade; mas como humanos, temos o dever de sentir e lamentar as desgraças, que acontecem a nossos semelhantes.

—A policia não terá sciencia do grande numero de latrocinios que se teem commettido ultimamente?

—Necessariamente deve ter.

—Estará por acaso alheia á falta de segurança que reina; aos innumerados arrombamentos praticados?

—Não pode estar.

—Não conhecerá por ventura os individuos apontados como ladrões de gazúa, nesta cidade?

—Deve conhecê-los.

—E os furtos continuam! A industria dos larapios progride!...

—Ora! Sempre é policia que nomeia o dono de uma casa de jogo para subdelegado!

—Será cousa que precise grande tino mandar observar os passos dos larapios, sendo todos elles conhecidos?

Mas os larapios confiam de tal maneira na descuidada docilidade da policia, contam com tal certeza que ella não procura perturbar-lhes os passos, que mesmo na sua vizinhança fazem das suas!

A crioula Thereza, moradora ao Canto de João de Freitas, sahiu no sabbado para seu trabalho de lavagem de roupa, contando que trancando a porta de sua morada e levando a chave comsigo, ninguem nella podia penetrar. Voltando á noite porém, conheceu que não ha chaves que sirvam ante a industria ratoneira. Tinham-lhe aberto a porta e levado o que havia de melhor.

—A animosidade está em ser de dia.

—Na manhan de segunda feira 27, a africana Joanna Maria Rosa teve aviso de que sua casa de negocio, ao Taboão, amanhecera arrombada.

E era exacto; uma porta travessa de cerca de dous dedos de grossura, chapeada de ferro, foi forçada e a casa saqueada em generos no valor maior de 500\$ rs.

—E vivá-se tranquillol! E conte-se com segurança!

—Assim é de mais. E' preciso bradar aos ouvidos do chefe de policia que olhe para isso.

—Dizem que na casa de Correcção ha um preso á quem querem matar de fome!

—As leis criminaes não registram semelhante pena.

—Chama-se Mariano Pereira; consta que desde o dia 18 negaram-lhe o sustento que a justiça concede aos presos indigentes e á não ser a commiseração dos companheiros de infelicidade, ja teria exhalado de fome.

—Si é obra de misericordia dar o que comer a quem tem fome, encarcerar um homem e negar-lhe o alimento indispensavel á subsistencia, não pode deixar de ser desmarcada tyrannia.

—Vi hontem terça feira, um crioulinho que terá de 13 a 14 annos, com o rosto espatifado, e lavado em sangue que causava horror!

—Seria alguma pedrada?

—Qual! Mordeduras de um formidavel caxorro.

—Logo no rosto!

—Si o maldicto animal é um monstro de tamanho tal, que as patas descancavam sobre os hombros do rapaz!

O nariz ficou dilacerado.

—E traz-se um animal tão bravio solto!

—Ora! nesta terra não se observa o que é de utilidade publica.

O offendido é escravo de Santos Moreira; trabalha de pedreiro em uma obra á Estrada, de que é mestre um tal Eugenio; o caxorro é da rocinha que foi do finado Barros, junto ao Paraassú.

—Bolla nelle.

—Um forçado dos que serviam em palacio poz-se ao fresco no domingo.

Safou a calceta e foi-se.

—O maior empenho que pode ter quem está preso, é ver se livre.

—Querem agora lançar a culpa ao sentinella, que não viu nem sabe por que escaninho de palacio o homem se sumiu.

—E, coitado, é quem ha de pagar as favas.

«—Minha sinhô, pro mode Deu!

«—Negra dos diabos aonde botaste os dez mil réis, que não o entregaste?

«—Eu predeu, sinhô

«—Dá nesta negra, mata este diabol»

—Que historia é aquella alli n'aquella casa ao sahir o largo da Piedade?

—Parece que é uma preta que apanha Barbara e deshumanamente.

—Vamos espreitar?

—Eu não, tem um cabo de policia na porta.

—Quem mora alli?

—Aquella cabo parece o cabo de ordens do Dr.....

—Cale-se! V. é muito fallador....

—Adeus; hoje é domingo e eu não estou para ir visitar o Custodio.

«—O homem é meu.

«—Desgraçada, antes de tu seres *d'amisade d'elle*, ja eu tinha sido de seu *conhecimento*.

«—Não quero saber d'isso, elle fazia tanto caso que te deixou. Hoje arrebento-te á p.... da cara.

«—Vejam só que mulher insolente, vir para minha porta para querer levar meu ho-

mem á força! Pois eu te mostro que elle não vae d'aqui, que eu sou quem não quer.

«—Não vae porque tu és uma ca.....

«—E' tua mãe.

«—E' a tua! salta para fóra que te mostro para quanto presto.

«—Pensas que eu tenho medo de ti, que levo-te em conta, espera.....

«—Aqui-del-rei..... aqui-del-rei.... »

—Que alarma é aquelle alli na rua da Laranjeira?

—São duas mulheres que disputam a primasia de um homem: uma julga-se com direito sobre elle; a outra julga-se com direito superior e nesta contenda estão esbofeteando-se.

—Olhe que nas noites de sabbados vêm-se cousas importantissimas.

Como chamam-se aquellas desnorteadas?

—Uma chama-se Avelina e a outra Romana.

—Que terra *moralisada*, meu Deus!...

—Que diabo de alarido é aquelle alli no 1.º andar do sobrado n.º 4, á rua do Julião?

—E' uma mulher que, tanto ella como o marido, tem o costume de se embriagar, e o marido está escovando-lhe o pello.

No sabbado á noite levaram neste gosto até 3 horas da madrugada; hoje, domingo, provavelmente ja jantaram, continuam no mesmo alarido.

—Lá chegou ella á janella com a cara toda arrebetada!

—E' isso que o Sr. está vendo, e a policia nem se abala!

—No dia 26 partiu-se o guindaste da ponte da Companhia da Estrada de Ferro; cahiu sobre um barco, causando estragos. Feriu dous homens; um soffreu amputação no pe e o outro está a morte.

—Eu sempre digo que toda prevenção e cuidado são sempre poucos.

—Começaram os exercicios da quaresma. Ha sermões em diferentes egrejas.

—Tempo em que as mulheres affluem para as egrejas.

—Julga V. por ventura que ellas procuram a casa de Deus levadas por espirito de devoção e penitencia, possuidas de sincera contricção e arrependimento?

—Quem pensa é outro.

—Vão por luxo e vaidade; levando o arrebanho nas maneiras e a maldade no pensamento, vão cevar a maledicencia; pondo em ostentação a devassidão por variadas e diversas formas; vão excitar pelos requiebros e tregeitos a chamma da libidinagem.

Em quanto o sacerdote do alto do pulpito sagrado commemora os passos dolorosos da paixão do Homem-Deus, ellas, como se estivessem em sordido prostíbulo, retalham a vida alheia!

—E ahí despejam as viperinas lingoas em todos os sentidos.

—Cada qual quer ter preferencia de logar; um simples olhar de uma outra é motivo para descommedidos apodos e descomposturas; sem fallar ja nos cochichos maliciosos com que chasqueam da que foi mais mal vestida; commentam a que faltou por estar com o ouro empenhado ou a que está apaixonada porque o amasio deixou.

—Ja na sexta feira eu vi na Ordem Terceira uma brindar á outra com os epithetos de *rabicha*, *cadellinha*, etc., porque, dizia ella, reparava para sua anagua.

—Eu tive de ficar ao pé de uma que apontava quem era o amasio de toda a mulher que entrava!

A certo individuo, que eu conheço, deu a posse de quatro mulheres.

—Na bocca da tagarella é um novo *Chachd!*

—Quando entrou a que ella chamou a quarta, disse —faltam ainda Fulana e Fulana.

—E' justamente o que vão fazer á igreja: importarem-se com o que não é de suas contas e praticarem immoralidades.

—Profanarem o sanctuario com suas acções mundanas,

—A Sra. Maria Francisca da Conceição, pelo *Jornal da Bahia* faz ver ao publico e á policia, que se acha perdida sua filha *Therza moradora* ao forte de S. Pedro, com idade de 8 annos, e pede a quem a achar ou tiver noticia della, que dirija se á sua casa na rua Nova n.º 11.

—Está uma embrulhada difficil de entender!

Uma menina de 8 annos que ja tem morada separada da de sua mãe e que entretanto esta annuncia que aquella se acha perdida, como si fosse creancinha de peito!

—Os maus costumes pegam como visco!

—E depois para extinguil-os custa!

—E ha sempre quem propague os maus exemplos!

—Espelhos onde se reflectam as acções reprovadas, nunca faltam.

—Come os carros da limpeza publica não escolhem logar onde despejem o esterquilinio, em razão das condescendencias e immunidades que goza seu semaginario proprietario, entendem os donos de carroças particulares que devem imital-os.

—E lá estão os carros do aceio e carroças particulares a levantar uma nauseabunda e asphyxiante montureira, de immundicie e calça, no becco da Ordem Terceira e ladeira adjacente.

—E os fiscaes de braços crusados!

—Não se trata ja da trampa despejada nocturnamente pelo populacho, não se falla na intoleravel e immodesta pratica de reduzirem o logar á cloaca publica, onde quem quer vae fazer sua precisão, em alto dia; mas uma empreza que é subvencionada pelos cofres para se incumbir do aceio das ruas, ser a propria a reduzil-as á extrema porcaria, concorrendo para a insalubridade, é o que se pode taxar de cúmulo do abuso!

—E os particulares seguindo-lhe o exemplo mandam seus carros que vão tambem deitar alli a ciscalhada, calça, etc.

—E os moradores que soffram!

—E os proprietarios que vejam seus predios depreciados!

—A plantação de arvores nas praças, largos e ruas são de commodo e utilidade publica.

—Mas ha muito quem antipathise com ellas.

—So o mais reprovavel egoismo de quem quer fazer prevalecer seu bem-estar ao interesse geral.

—Agora mesmo tenho ouvido dizer que para não estorvar a vista de um sumptuoso edificio, ha quem se empenhe contra a conservação de duas frondosas arvores.

—Ora queira Deus.....

—A proposito de arvores:

No passeio publico derrubaram algumas arvores.

—Estou que sim.

—Que destino darão a lenha?

—O administrador lhe dirá.

—Eu sou de opinião que deve ser vendida e o producto recolhido aos cofres.

—E eu que não; o administrador tem seu trabalho, logo, tem direito de tomal-a para si.

—Que pensar estragado!

—O seu é que caducou.

Pelo menos si o homem algum dia for arreumatante de roupa lavada, fará economia de lenha para cosinhar as varrelas.

—O jogo.....

—O mais pernicioso de todos os vicios.

—...esse cancro roedor da sociedade que se alenta nos prostibulos do vicio, do crime e de toda sorte de infamias indignas, progride n'esta cidade!

Estatuiram-se casas que cobram barato, e disso fazem um meio de vida, olvidando os

imperiosos, os graves e inqualificaveis resultados de tal instituição.

E' por mister, éde indeclinável necessidade a intervenção da policia para que se corte o mal pela raiz.

O que quer dizer casas abertas, algumas illuminadas até o clarear do dia, onde, ao redor de compridas e redondas mezas, se vão confundir todas as classes da sociedade, niveladas pelas cartas?

O que significa sentarem-se a meza do jogo homens de certa posição social, com outros, que fora d'alli, até envergonhariam com o cortejar familiarmente?!

Que papel representam os homens que no fim de duas, tres ou quatro noites mal passadas nesses lupanares, perdendo tempo, saúde, dinheiro e credito, recolhem-se a suas habitações envergonhados de suas proprias familias e de todos que os veem passar, lamentando as mais das vezes consideraveis perdas?

Tudo isto quer dizer povo viciado, desejo latente de obter dinheiro, por parte dos empresarios.

Todo este mal, porem, desaparecerá da sociedade, mediante energica intervenção da authority.

E pois é de esperar que o magistrado que se acha a frente da importante repartição policial, em seu esclarecido criterio dando o peso merecido ás considerações que ahi ficam apontadas, envidará esforços para coarctar o mal.

—V. fallou como um deputado da opposição, mas creio que perdeu seu tempo.

—Desatinos da policia.

Um caixeiro do Sr. Estebenét, sahindo mascarado na terça feira de entrudo, por volta de sete horas e meia da noite, para ir ao carnaval, chegando ao Caes Dourado, viu-se inesperadamente agarrado por tres policiaes que lhe fizeram saber que era prohibido sahir á rua de noite com mascara.

Não houveram razões que fossem bastantes para convencer aos tres zelosos agentes da segurança publica; foi preciso appellar para a intervenção do subdelegado e como este não fosse encontrado, teve o homem de gramar retido até nove horas e meia da noite!

Si quiz sahir dessa massante collisão, teve de *bolir co'o sacco* e sugeitar-se á condição de tirar a mascara fora.

—Sob a guarda de tão ordeira e morigerada gente, não ha que receiar pela tranquillidade e segurança.

—Na historia do *Juca Rosa*, o gran-feiticeiro que ultimamente foi a ordem do dia no

Rio de Janeiro, vem as seguintes considerações que não são fora de proposito:

«A feitiçaria é hoje uma monomania como em épocas o costuma ser o suicidio. Ha feitiço para tudo: para casar; para descasar; para ser amado; para ter dinheiro; para ter amigos; para ter saúde; para ser bello; para alcançar empregos; para exercer vingancas; enfim para tudo... para tudo quanto ha e possa haver de sublime e de pessimo!...

Antonio quer casar-se com Genoveva, que é feia mas que tem dinheiro. Vai ter com um feiticeiro e depois de entregar-lhe junto com os cobres um objecto da pretendida, espera muito satisfeito o sim da «curuja» acompanhada do dote á sombra do qual o feiticeiro enxugou já duas boas garrafas do Porto fino.

Ambrosia quer ver-se livre de Pantaleão, seu marido. Vai ao feiticeiro, dá-lhe boa somma e promete-lhe outra mais avultada si a desquitar do fardo!

Simplicio que arrasta a aza á Thomasia, mas que ella nem sequer sabe que existe tal bicho, vai ao feiticeiro e entrega-se-lhe nas mãos em corpo e alma, alumiado pelo farol metalico que vai sempre na vanguarda!

Janna que só ambiciona dinheiro, vai primeiro consultar as cartas, depois o somnambululo e por ultimo o feiticeiro, e, na esperança de vêr raiar o dia em que appareça rodeada de saccas de ouro, vai, despojando-se do que tem... esperando sempre!

Felisberta padece de morfécia, tem o rosto que não se pode vêr e vai procurar cura no feiticeiro, exigindo como condição belleza serafica.

Dorothea padece de rheumatismo, tem uma perna inchada, o joanete muito saliente e vai ao feiticeiro para que faça desaparecer todos esses males, mediante... já se sabe... grossa pechincha!

Bernabé anda por ahi quebrando as mesas dos cafés com a manga do casaco: dizem-lhe que procure emprego e os seus passos lá se dirigem para o locutorio do representante de Satanaz, pedindo-lhe um emprego, pelo que hypotheca o seu ultimo valor, um velho escravo, bem como metade dos seus futuros ordenados durante dous annos.

E Pedro querendo vingar-se de Paulo, procura o feiticeiro e manda que trabalhe para esse fim, pagando adiantado metade do ajuste!

E si não ha quem vá aos feiticeiros pedir serviço para cassuar com a morte, é porque os feiticeiros se não lembraram ainda de annunciar que possuem o invento que põe a humanidade ao abrigo d'ella!...

E tudo se tem passado livre e desassombradamente, nas barbas da policia, á sombra

de uma tolerancia tanto mais criminosa quanto prejudicial á sociedade.

Custa a acreditar o, mas é uma verdade.

A humanidade vai caminho do abysmo; lá embaixo está a sepultura e é a policia quem á ella impellia os infelizes que se deixavam arrastar pela corrente dessa credulidade estúpida!

Para qualquer parte que volvamos os olhos encontramos um desses cavalheiros, a quem não duvidarei chamar industrioso; e aqui, ali, e alem, as suas victimas, os seus «filhos» porque elles, desde o momento em que foram consultados, lhes ensinam o modo por que devem ser tratados!

Nessas infelizes que por ahí vivem pelo preço do pudor, é que essa nauseante industria encontra mais proselitos... Creio que não haverá meia duzia que não tenham o seu papel. E quantas não ficam desgraçadas por isso? Quantas não vão exhalar o ultimo suspiro n'um leito do hospital de caridade, com o corpo em chagas, produzidas pelos ingredientz venenosos que lhes applicam essas nojentas creaturas que se dizem feiticeiros?...

Não ha muitos dias que eu vi uma dessas infelizes, que acreditava nos feitiços e se entregava a elle, sentada na soleira de uma porta, esmolando o pão da caridade, com o rosto em uma chaga; a pelle sobre os ossos descarnados, envolta em um esfarrapado chaile!...

Pedi-me uma esmola..... olhei a, estava chorando!... reconheci-a, e... chorei tambem... Senti-me como prestes a perder o alento ao ver em tão penoso estado uma creatura que não havia muito eu achara feliz, alegre, mimosa e com uma saude de ferro!...

E hoje... não é mais que uma mendiga... não é mais que uma desgraçada!... Aquellas faces tão bellas e rosadas, como o carmin são hoje um espectro horroroso, que não pode olhar-se!

E porque, tudo isso? porque a infeliz quando já não tinha que dar aos feitiçeiros, reconheceu a sua inutilidade e affastou-se delles: delles que se vingaram inutilizando-a tambem!...

Não é possivel que a sociedade possa medrar no seio de uma infinidade de vermes que lhe cospem o veneno. É impossivel que a policia continue a deixar ir ahí alem o tigre, destruindo em sua passagem o que tanto custa a crear—a humanidade—, principiando por arrancar-lhe do coração alguns restos de amor, de fé religiosa que possua.

O feiticeiro é tanto mais criminoso quanto é ousado o seu arrojo de collocar-se adiante de Deus, que, dando ao mundo o homem legou-lhe o destino!

O feiticeiro tal qual como se apregôa é o agente directo do demonio. Dizendo-se adivinhador e com poderes sobre os destinos do homem, nega, primeiro que tudo, o poder de Deus, e a immensidade do seu saber.

So encararmos, pois, a questão por este lado, aos representantes da igreja compete punir o exercicio de tal seita porque tal industria é um crime de lesa-religião; e si a encararmos pelo lado civil, é um crime porque se torna unica responsavel a policia, á qual compete velar pela segurança individual.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

III.

As promessas no jornalismo são imprescindiveis: em questões de interesse geral nada pode tolher a livre manifestação da verdade.

A luva nos foi covardemente attirada, e o repto miseravelmente lançado; o insulto, porém, não se recebe com o sorriso nos labios, e muito menos com o indifferentismo do sceptico. Isso talvez só se condiga e conforme-se com o caracter do escriptor portuguez.

O momento em tão graves conjuncturas deve ser decisivo, a cratera está inflammada, e a lava ha de necessariamente fazer explosão.

Recuar agora seria um contrasenso, dar um passo de menos uma loucura, si não completa inversão dos mais nobres sentimentos.

Tal é a ordem natural das cousas, e sem mais preambulos demonstremos até calar no espirito do nosso vil detractor, que a corrupção é legado tradicional do povo portuguez, que ahí e aqui são elles os verdadeiros ladrões e usurpadores da riqueza publica do nosso paiz, já por meio do fabrico da moeda falsa, já pelo emprego de outros meios não menos torpes e illicitos.

Não: o *nobre* redactor do *Salamalek* ha de impreterivelmente certificar-se, de que a fraude vem da sua terra natal, ahí n'este solo, hoje amaldiçoado e proscripto pelos homens de bem, é que vegeta em todo seu vicio e vigor a arvore da corrupção, e hoje já nenhum cataclysmo poderá sopear-lhe a força da raiz, que germina rapida em uma progressão ascendente.

E que importa que o *nobre* redactor, na sua vaidade de fatuo, na sua infamia de falsario, se firme em trechos de varios discursos do Dr. Alexandre Braga, pronunciados em diversas sessões do jury para livrar os seus conterraneos dos crimes, que com muito fundamento

lhes eram imputados pelo nosso consul quando o *distincto* advogado também é portuguez, e portanto da mesma grey?

Diz o Dr. Alexandre Braga, além de muitas outras baixezas, que bem stierotypam o seu character o seguinte:

«Desde 1857 até hoje, quantas iniquidades commettidas em nome da justiça! Quantos desgraçados, quantas familias inteiras immoladas á barbara intolerancia de uma inquisição estrangeira!

«Não admira. O agente consular do imperio incumbido pelo seu governo de uma missão de tal ordem, tinha stricta obrigação de empregar todos os recursos ao seu alcance para ver se desencantava algum coelho da lura. Mas para isso tornava-se indispensavel uma policia secreta, e com effeito em 1857 o vice-consulado brasileiro creou essa policia.

«Ora os individuos que a constituem tem praticado durante o longo espaço de 11 annos as maiores iniquidades para não perderem o preço infamante da sua degradação e da sua vilania.

«Si accaso se passassem os mezes sem que se realisasse n'esta cidade descoberta de notas falsas, então cessariam as instrucções expressas do governo imperial, e com ellas os avultados fundos, que tem o consulado ao seu dispor para emprezas de tal ordem, por que então os verdadeiros moedeiros falsos do Rio de Janeiro se convenceriam de que o Porto não é um covil de falsificadores, onde se trabalha de dia e noite no immenso fabrico de notas de seu thesouro!

«Assim conheceria o Brazil que os verdadeiros ladrões estão lá mesmo, fabricando-lhe notas atraz das costas!

«Não! a corrupção vem de fóra! tral a o ouro do Brazil lançado para ahí aos punhados, entre a ignobil espionagem, que rodeia o consulado brasileiro!»

A estas phrases ajunta no seu opusculo o Sr. Loureiro:

«Não é só a corrupção que traz o ouro do Brazil, e sim também os proprios filhos d'elle, que não trazem ouro! Dizei-nos agora onde param os verdadeiros ladrões da fortuna publica do Brasil, si cá, onde a vara da justiça é inflexivel, si lá, onde, na phrase do illustre casuístico tantas vezes citado nas paginas deste opusculo, NUNCA SI SOUBE O QUE ERA JUSTIÇA.»

Assim remata o nobre redactor a parte do seu livro, tendente a esse ponto.

N'essa occasião desenrolemos o fio de meida tão intrincada, penetre-se n'estes myste-

rios, que sombrios e tenebrosos, como a mais caliginosa noite de horrores, só acobertam em si o dolo e o crime, e aos olhos avidos e inquietos da opinião publica appareça e bem alto se revele o character portuguez, quer em forma, quer em natureza.

Guardem-se porem as conveniencias, que o decoro e a decencia do apostolado da imprensa imperiosamente reclamam. O nosso fim não é sanar affronta por affronta, nem impôr injuria á propria injuria; não, mil vezes não. Elle é muito nobre e grandioso, tão grandioso e nobre como a indagação da verdade, tendo em mira a veracidade dos factos.

Contra esse montão informe de torpezas, que acabam todos de lêr, exaradas em um libreto que corre mundo, que poderá responder-se?

A vista de tão descabellada ousadia o que nos resta?

Só o silencio, somente elle no preceito horaciano—*Silentium verbis jacundius*.

Justiça inflexivel em Portugal não será uma perfeita mentira?

Onde alli ninguem viu e nem verá severa punição para os delinquentes?

Não será escarneo dizer-se que entre aquele povo existe correção para os crimes, e imposição legal de penas?

Quem não sabe o triste papel, que representa alli a magistratura?

Alli, onde os juizes, os desembargadores e até os proprios ministros do supremo tribunal, ganham ordenados tão diminutos e tão mesquinhos?

Pois poderá haver independencia no lugar onde si o ouro não brilha, o aço refulge?

Não: e ninguem contestará.

Lancemos agora uma rapida vista sobre as principaes praças commerciaes do nosso imperio.

Vejamos a que homens pertencem as casas fortes, estas que gyram com sommas fabulosas.

Façamos um ligeiro esboço sobre o modo, por que foram essas riquezas adquiridas, e por elle saberemos, si ellas são devidas a meios de vida honestos; si com o profuzo suor do labor incessante é que foram taes cabedaes adquiridos.

O commercio do Brazil, força é confessal-o, desde os tempos coloniaes pertence aos portuguezes; só por uma atrevida metaphora se poderá chamar—brasileiro.

Quando mesmo a nossa independencia surgira, e que d'est'arte melhores horisontes pareciam descerrar-se para o imperio, o commercio permanecera, não no *statu quo*, ao contrario abalou-se, porque os gallegos mais sabi-

dos enviaram para o reino grandes sommas de dinheiro, e então somente levados, não por convicção, mas por seus reaes interesses. ficaram alguns, que adheriram á causa de nossa liberdade, e continuaram no gyro do commercio, já não levando em linha de conta as avultadas quantias, que anteriormente o estadista portuguez Sebastião José de Carvalho e Mello obigara aos negociantes enviar para a reedificação de Lisbôa, quasi completamente destruida pelo horrivel terremoto de 1755, fazendo renascer á custa do futuro imperio do Brazil a capital do paiz que hoje o injuria com toda covardia e infamia.

Talvez que a Lusitania já fosse fadada para ser ingrata!

D'ahi resulta ser o nosso commercio em maior parte estrangeiro, predominando o elemento da metropole, que era o portuguez.

Sim: ao passo que os habitantes do paiz entregavam-se aos trabalhos agricolas, aos officios e artes mecanicas, e um ou outro seguia por excepção a vida commercial nas cidades maritimas, os filhos da metropole chegados á America só se davam aos lucros commerciaes.

Já por isso se vê que o cancro destruidor do progresso do Brazil é só devido aos portuguezes.

Bem: mas como enriquecem os portuguezes? Como ajuntam elles tanto dinheiro?

Não é o acurado trabalho que os faz enriquecer, e nem tão pouco longos annos de laboriosa e incansavel existencia: os homens sensatos do nosso paiz protestam contra essa asserção.

E porque? Hontem miseraveis, cobertos dos andrajos da propria terra natal, eil os pedindo o pão á comiserção publica?!!

Ainda agora de pés descalços, dormindo ao relento, tendo apenas uma pedra para repousar a cabeça, eil-os esmolando dos filhos do Brazil o sublime preceito da caridade, aqui tão bem cumprido para honra nossa!

Hontem, coitados.!!! mas da noite para o dia, eil-os proletarios e ricos. em um abrir e fechar d'olhos eil-os avarentos pela força da riqueza.

Estes, vindo assim de suas plagas começavam a negociar, é verdade; mas que genero de negocios?

Mettidos em uma loja, tendo apenas nas estantes uma ou duas peças de brim de algodão, e com alguns objectos roubados, mas que compraram a dez reis e mel coado, de repente apresentam-se millionarios.

E agora perguntamos ao nobre redactor do *Salamalek* que nos responda os meios que se empregam para tornar-se o homem rico de

uma noite para o dia, de um instante para o outro?

Sem cerimonia pedimos a resposta.

E em verdade parece que da bocca do proprio redactor estamos ouvindo as seguintes phrazes: *assim só por meio de moeda falsa.*

Parece-nos, (e todos convirão em dizel-o), que o nobre redactor diz com toda convicção da verdade—os portuguezes são ladrões da fortuna publica do Brazil, e o consul d'este imperio teve sobejo de razão quando assim proferiu-se.

Ainda não é tudo: nos principaes edificios, que ornam as ruas de todo o imperio só residem os portuguezes, e quando por anomalia, como todas inexplicaveis, se vê um filho da terra possuir uma casa melhor construida e ornada, esta mesma está hypothecada a um negociante portuguez.

E o filho do Brazil assim viverá, sempre defraudado pelos gallegos.

Aqui cabe nos fazer a seguinte observação: qual a razão porque de quando em vez ausentam-se d'aqui certos negociantes portuguezes com o fim de viajarem pela Europa, e pouco tempo depois voltam? Porque regressam tão depressa?

O nobre redactor ha de concordar haver n'isso grande *melqueira*.

Já vamos longo, no proximo numero continuaremos.

Mario.

A PEDIDO

Fabula.

Pergunta um rato á formiga
Uma cousa interessante:
Si padre que já diz missa
Que vende abob'ra e toucinho
E' ou não negociante?

O curió sem rabo.

—Le-se no *jornal* de domingo, o seguinte:
«Eu abaixo assignado faço seiente ao publico que não me responsabiliso por qualquer compra ou recebimento que faça Antonio Lopes Rodrigues Braga por não ser mais meu caixeiro.—Manuel Corrêa Machado.

Este individuo foi o que na terça feira do *masqué* provocou a *desordem* no *Café Les Deux Amis* ao Largo do Theatro.

Para arredar interpretações equivocas, declara-se que a publicação inserta no *Alabama* n.º 755, não se entende com o Sr. Manuel José Teixeira de Araujo, com venda n.º 9, á Preguiça.

Esta declaração é feita, no sentido apenas de evitar enganar.

—Sr. *Tupi-bambá*, o proprietário do botiquim á rua da Misericórdia, faz-lhe saber que quando lhe fôu foi na persuasão de que Vm. era pessoa exacta nos seus tratos.

Vm. porem matou sua fome e agora diz muito lampreiro que não paga sem que o homem o chame primeiro por esta folha.

Si a duvida é essa, agora não tem desculpa. Está cumprida sua vontade.

Caminhe, Sr. protocolista; do forum até lá, é meia duzia de passos.

VARIÉDADES.

Vinagreiras de meu tio.

Ainda não vi homem mais vinagre do que meu tio Pantaleão dos Anzoes Arcados.

Elle está para a vinagreira, assim como o pae para a filha.

Meu tio é pois o pae da vinagreira.

A vinagreira nelle é innata.

Em pequeno, muito pequeno, já elle fez cousas do arco da velha por causa da vinagreira.

Meu tio é um desses vinagres cheiratas; ninguem lhe vê uma liberalidade, mas aproveita-se quanto pode da dos outros.

Elle toma rapé, mas ainda não houve quem lhe visse a boceta, que aliás lhe foi dadá.

Apezar da vinagreira, meu tio tem roda; pois elle é muito rico.

Elle tem a habilidade de reduzir a duas uma caixa de phosphoros de pau, para vendel-as assim com ares de brincadeira: mas em todo o caso a caixa va-se, e o dinheiro fica.

Gosta muito de negociar com creanças por serem de boa fé, como elle.

Meu tio, em um dia excepcional, quiz comer uma melancia; comprou de sociedade com mais tres amigos, partiu-a, e para que ninguem fosse lesado, ordenou que se pezasse as quatro partes, e dizem que andou ahi a tirar fatias d'aqui para ali, d'ali para acolá, para endireitar o peso.

Falla-se que o mesmo fizera com um queijo.

Elle não assigna jornaes nem escreve cartas em casa; mas anda em dia com as noticias, e traz sua correspondencia de capitalista em ordem.

Lê o jornal do visinho, e sempre lembra-se que tem de escrever com pressa, quando está na casa de algum amigo.

Não pára ahi: depois que lê o jornal diz ao dono: F., V. não precisa mais disto, por tanto eu levo. E depois, é interessante ver-se

meu tio, arcado sobre os jornaes, a cortar-lhes as margens para seus assentos.

Meu tio tem um par de botins comprados por occasião da chegada do imperador. Trata os com o amor e carinho com que um pae extremo trata ao filho predilecto. Logo que chega da rua, limpa-os com cuidado, e colloca-os sobre a commoda, e á noite para que as baratas não deem no couro colloca-os dentro de uma manga de vidro.

O mesmo se dá com o chapeu, verdadeiro torção de uma machina a vapor.

Meu tio sente calor abrasador no mais rigoroso inverno, e por isso ninguem lhe conhece a côr do sobretudo.

Entre as muitas cousas que meu tio desconhece está a ceroula, traste que nunca possuiu, attenta sua superfluidade.

Até o presente só deitou tres cartas no correio; uma para entender-se com um devedor que ia fazer viagem longa; outra para fazer lembrar a certo negociante da côrte que ainda não lhe tinha mandado o rei que lhe promettera quando 10 annos antes tinha estado com elle pelo natal, negociante que teve a complacencia de mandar-lhe um corte de sobre-casaca que meu tio vendeu, valha a verdade; finalmente a terceira carta foi pedindo minha tia em casamento. A' excepção dessas ninguem lhe pôz o olho no sobrescripto de uma carta que não veja o —P. E. F.

Não é de estranhar o relatar aqui, que meu tio recebe presentes constantemente, pois que elle é rico; mas o que é interessante é que taes presentes tanto lhes sabem o gosto a elle, como a mim e aos leitores; manda-os vender, e si as más linguas não mentem, meu tio perdeu um futuro representante de sua vinagreira, por um conflicto havido entre o desejo de minha tia que queria comer um melão e a resolução de meu tio que queria vendel-o.

Meu tio triumphou, já se vê.

Contar uma a uma as vinagreiras de meu tio, seria escrever volumes: eu só dei uma pequena mostra do panno; mas creiam os leitores que só verdades ahi estão escriptas, pois que nem zombando mente o

Epaminondas.

ANNUNCIOS.

Pede-se a um senhor capitão do extincto quarenta de voluntarios, o favor de vir a rua Direita do Collegio satisfazer o importe das botinas que mandou fazer por 2 de Julho p. p.

Na Photographia Nacional de Reis & C. se dirá quem precisa de mulheres e meninas que trabalhem em charutos, rua de S. Bento n. 6.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.^a

SABBADO 4 DE MARÇO.

N. 760.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.50 rs. por serie de 10 numeros; 5.70 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 3 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para o seguinte.

Existe no becco da Ordem 3.^a, a menor de 13 annos Conceição, orphan de pai e mãe, em poder de Apollonia de tal, casada com o homem de quatro pés, e do mendigo conhecido por *Papa-ovo*.

Esse homem, curvado ao peso dos annos e coberto pelos andrajos da miseria, encerra em si toda torpeza do vicio e da perversidade.

Tem pretendido desvirginar a pobre menina, e como a idade o impossibilite, recorre a meios artificiaes e a substancias medicinaes. Obriga a joven creatura a dormir no mesmo leito com elle e emprega abominaveis meios que a incontinencia lhe suggere.

E' assim que muitas vezes a charidade publica reverte em alimento do vicio, da ociosidade e da depravação!...

Quem ao ver esse decrepito homem, estendendo a mão á compaixão popular, dirá que com a esmolla que recebe, vae para o seu tugurio pôr em pratica uma obra de perdição? Quem acreditará que o obulo da charidade serve para atear o fogo da concupiscencia em um velho que ja não é todo deste mundo?...

Apollonia auxilia-o poderosamente neste empenho da maldade, dizendo que si a menina ha de vir a pertencer a outrem, seja delle que lhe dá o sustento.

Por obra de humanidade, em nome da moral offendida e da innocencia ameaçada, espera-se tudo de S. S. neste negocio.

—Que o Brasil anda doente, andá; mas que ainda não houve medico que acertasse com a sua molestia ou com o tratamento conveniente, tambem é verdade.

Os medicos liberaes desde 1864 até 1868 andaram sempre a brigar em conferencias e

por fim de contas o doente mudou de cabeceira a 16 de julho de 1868.

Foi chamado o Dr. Itaborahy, licenciado velho, e famosa panacóa dos conservadores, que com seis ajudantes tomou conta do Brasil.

O ministerio Itaborahy tratao o doente fazendo largas applicações de sangrias, causticos, sedenhos, vomitorios de bonds, banhos russos de docas, e purgantes de barracão.

E o Brasil a peor!...

No fim de dous annos e dous mezes, conservou-se o doente na mesma cabeceira; mas chamaram-se novos medicos conservadores veio á frente delles o Dr. S. Vicente.

Tratamento:—agua morna—ainda banhos de docas e dieta de mingau de apolices.

E o doente a peor!...

Como ultimo appello aos medicos conservadores dizem que recorreu-se agora ao Dr. visconde do Rio Branco, que é o —*Prompto Allivio* das occasiões difficeis e apertadas.

Ora pois!... vae o Brasil tomar *Prompto Allivio!*...

—E' o que diz a *Comedia Social*.

—«Ha um grande paiz em ruinas e uma grande nação nos horrores da fome e da miseria.»

—E' a França.

—Em nome da charidade christan e da fraternidade humana, pede-se ao bem-fazejo povo desta terra que concorra segunda-feira ao leilão de flores e outros objectos que o proprietario do Palais Royal offerece em favor da quelle desolado povo.

—O appello não será em balde.

—Minha senhora, tomou cinza na quarta feira?

—Não, senhor; tomo pó de arroz todos os dias.

—Mas o—*Memento homo?*

—Isso não se entende comigo, porque sou mulher.

—Meu padre, quando foi que você se mascarou melhor, na terça-feira do carnaval em

que dansou o *can-can* com as raparigas, ou na quarta-feira de cinza, pregando com tanta eloquencia contra a devassidão e a corrupção dos costumes?

—Meu irmão, cada dia tem seu santo diferente na folhinha.

—Até mulheres na companhia do olho-vivo.

—Agora é que sabe?

—No Pilar, quarta-feira, em quanto uma mulher, no interior de seu lar, fazia os arranjos de casa, uma intruza, installando-se subtilmente na morada alheia, dava caça nas gavetas.

Não lhe valeu a sagacidade com que desempenhava a tarefa; a moradora vindo á sala por acaso, deu com a estranha e inesperada visita e vendo a franqueza com que ella revolveia o que não era seu, pôz a bocca no mundo.

Para mal da rapina feminina, houveram curiosos que a ouvirem os brados entraram na casa para saber o que havia e obrigaram-na a ir, sem querer, passeiar na Correção.

—Um carro dos Vehiculos Economicos largou hontem as rodas, na rua de Baixo, conduzindo passageiros.

—Pela falta de cuidado expõe-se assim o publico a consequencias fataes.

—Não sei do que serve a companhia ter um caxeiro que anda galopando atraz dos carros.

—O temporal de quinta-feira á noite causou estragos.

—Uma cruz que havia no alto da Misericordia para a illuminação á gaz foi deitada á baixo.

—E uma das arvores de S. Bento revirada; casas destelhadas; portas cahidas; rotulas arrancadas.

—No mar houve muita cousa.

O patacho *Carteado* por poucas escangalhas sobre as pedras do Caes Dourado, nos fundos da casa que foi do finado Fontes; a lancha de conduzir couros do deposito de Albano e Cruz alagou, correndo risco de vida um tripolante; o *Santo Antonio dos Navegantes* espedaçou-se, perdendo-se grande quantidade de saccas de farinha e causando avarias em outros generos; mais de vinte saveiros deram á costa; alvarengas foram á garra e muitos outros desastres.

—A cidade está infestada de gatunos de toda especie e condição.

—E a policia abyssmada em profunda lethargia!

—Em sua imperturbavel indolencia, faz-se surda ao clamor dos que são victimas.

—E os ratoneiros, amparados pelo salvo-conducto que lhes dá a policia, tornam-se cada vez mais audazes.

Não se passa dia sem que appareça queixa de um latrocínio, noticia de um arrombamento, ou de uma empalmação!

—Ainda agora mesmo estive sabendo de uma.

A crioula Maria Honoria, moradora á rua do Collegio, n. 20, loja, tendo ido na quinta-feira de Passos passar a noite no Collegio, voltando pela manhan, achou sua casa roubada, sendo para causar especie que a porta da rua, commum para a loja e o sobrado, se achasse fechada por dentro, não se podendo por isso atinar por onde entraram e sahiram os larpios.

—Esta é celebre!

—O peor de tudo é ver-se a policia não se abalar.

—A irmandade do Senhor Bom Jesus da Paciencia, erecta em S. Pedro, annuncia que tem de ser beijada a mesma irmandade e que para esse fim ficará exposta a Veneranda Imagem do Senhor dos Passos.

—Beija-mão official eu sei que ha; porem beijamentos de homens na egreja nunca vi.

—E como a irmandade não declara o logar em que se darão os beijos, deve haver muito cuidado para que não appareça algum beijo immoral.

—Uma ordem da capitania do porto para que os barcos da carreira de Cachoeira não recebam demasiada carga, é burla completa; os mestres não fazem caso della.

—A culpa é do capataz.

—Os barcos largam do porto parecendo que querem submergir-se ao peso da extraordinaria carga.

—Usura só.

—O capataz o que faz é perguntar aos mestres si o querem comprometter.

—Que modo de cumprir ordens!

—Esse perigoso systema de querer abarcar o mundo com as pernas tem produzido prejuizos graves.

Quem muito o quer, muito o perde, seria bem applicado neste caso, si a cobice dos mestres de barcos da Cachoeira não estivesse uma vez por outra a causar danos á muita gente.

Ha pouco tempo, pela exorbitante carga que levava, afundou se um barco de Cachoeira, perdendo-se todo carregamento; na terça-feira, mesmo no ancoradouro, o barco colthecido pelo do *Manuel Sabido* sossobrou, somente com o prenuncio da tempestade que cahiu no dia seguinte, causando extraordina-

rio prejuizo com a avaria e perda dos generos que nelle estavam carregados.

—Ha occasiões em que nem ha logar para os marinheiros manobrar.

—Visto que as ordens da capitania do porto são menoseabadas, deve esta expedil-as mais terminantes, energicas e severas.

—Além das desgraças susceptiveis da vida do mar, não deve a ambição dos homens procurar outras.

—Um acontecimento inteiramente conster-nador. deu-se hontem, sexta-feira á noite.

—O que foi?

—Depois de ter atravessado a procissão do Senhor dos Passos, pela rua da Misericordia, despencou do segundo andar do sobrado n. 13, em que mora o cidadão Manuel Correia Garcia, uma criancinha escrava do mesmo.

—De que altura, meu Deus!

—Cahi sobre as pedras sem derramar uma gotta de sangue. Levada para o hospital, falleceu logo.

—A facilidade com que muitas vezes entregam as crianças a suas proprias acções, causam a maior parte das vezes desgraças que depois lamentam-se.

—Quer pelo lado da hygiene, quer pelo lado da humanidade, cumpre despertar a attenção das authoridadss competentes.

—Sobre o que?

—Affirmam que na venda—Passo da Patria—á rua de Palacio, existe um bexiguento.

—N'uma casa onde se vende alimentos de primeira necessidade!

—Dizem que ha um menino atacado da contagiosa peste, e o amo alli o conserva.

—Por economia, sem duvida.

—E que pelo nenhum tratamento, o doente está apodrecendo em vida; as pustulas exhalam um mau cheiro que tresando até a real!

—Taverna virando hospital de bexiguento, é muito bom para a saúde!

—O povo que vae alli supprir-se de seccos e molhados, leva para casa generos pestiferamente embalsamados.

—Porcaria e contagio a um tempo!

—As noticias boas fallham, porém as más quasi sempre são certas. Assim seria bom que quanto antes o Dr. inspector da saúde ou a authority policial dêsse um passeio á quella casa.

—Estas mulheres portam-se na igreja como se estivessem em um vil cortiço!

—Quando estão no candomblé guardam mais respeito.

—A exposição da Imagem do Senhor dos Passos na vespera da procissão, é acto de penitencia.

—Penitencia ja virou pagode.

—Na quinta-feira, á noite, que de cousas não fixeram no Collegio!

Deixando de parte as murmurações, os empuchões, os commentos mordazes, as phrazes licenciosas, as alterações desabridas, as descompusturas injuriosas, fallarei somente da uma escandalosa profanação.

—Estou lhe ouvindo..

—Um *taes* levaram *piguá* para a igreja. La pela noite adiante, foram comer na sacristia.

—E consentiram? Não se diz que é prohibido mulher entrar la?

—Comeram e beberam em patuscada e galhofa; dando a lingua uma liberdade illimitada, predominado as chufas e ditos da quitanda.

—Orgia completa!

—No meio da folgazan refeição, uma del-las, de nome Maria Philippa, tendo dor de purinãr, caminhou para o corredor, levantou a saia e ali sem o menor pejo despejou a carga.

—Grande descaramento! Meia duzia de passos eram bastantes para chegar á rua.

—Essas filhas do peccado, mais do que os judeus, crucificam o Christo a todo instante, com suas acções impuras.

—Já sei que brilhastes no carnaval, Antonio!

—Olé!... no baile de terça feira miei como gato e rinchei como cavallo toda noite! Parecia mesmo gato e cavallo...

—E' pena que desde a quarta-feira de cinza tornasses a fingir-te homem.

—Que ha naturezas de hyena encarnadas em forma humana, prova o que vae adiante se lê, do *Pharol* do Juiz de Fora, provincia de Minas:

«SENTENCIADOS.—Segue hoje para a corte uma escolta de 35 praças da guarda nacional de Ouro Preto.

«Conduz ella 41 condemnados e 3 desertores, indo entre aquelles os celebres Cherubino José dos Santos, Attilio Francisco Simo-nelli e Pedro de Souza Godinho, todos reus de morte.

«Do primeiro, conta se, entre outros crimes, o do assassinato de uma pobre velha que, depois de alimentar-o e dizer-lhe *que nada custava a despeza*, recebeu d'elle a morte com um tiro de pistola, dizendo-lhe o malva-

do que era um beneficio que lhe fazia, visto como na sua idade avançada a vida lhe era um fardo.

«Do segundo conta-se tambem que entre outros crimes figura o de atirar crianças para o ar e apanhal-as em ponta de faca.

«O terceiro foi condemnado por haver assassinado a um individuo cortando-lhe a lingua e furando-lhe os olhos.»

A PEDIDO

— Meu destemido pardal, queria V. furtar a rola do ninho, assim como se furta um sacco de laranjas!

— O Sr. soube disso?

— Pois eu não vi na terça-feira?

A cadeira em baixo á espera e V. no becco apertado como um funil para safar o fardo.

— Fui mal succedido, infelizmente.

— V. é o typo da variedade!

— Um genio infatigavel. Estou aborrecido de navegar pelos mares da viuvez; pretendo agora viajar pelos incultos desertos da virgindade.

— E conta sem duvida conseguil o com a mesma facilidade com que um volatil saltita de um galho de pinheiro a uma rama de figueira do matto.

— Conto com a minha boa estrella.

— Com tudo, tenha cuidado, para outra vez.

Vá com sella, brida e cavallo, que promettem mais velocidade.

— De quem é esta armação?

— Do Cachoeira.

— Xi!... O homem para armar passos está sosinho!....

— Pelo menos as fazendas são um primor da antiguidade, religiosamente conservadas.

— Qual! desta vez o homem deitou o Costa e os Soares por baixo.

— O homem por mais pacato e obscuro, não está isempto da calumnia e maledicencia.

No seu modesto afastamento o vai procurar a maligna mão da odiosidade.

Para desacreditar a reputação e causar emcomodos a um cidadão pacifico, fizeram apparecer no Alabama uma representação de Francisca Moreira, de Santo Amaro, accusando a um irmão de ter commettido um crime execravel; crime que si na verdade fosse perpetrado, devia cahir sobre seu author a rigorosa punição da lei.

Tal representação foi forjada lançando-se mão de dous meios, ou abusando-se do nome da inculcada queixosa, sem ella disso ter sci-

encia, ou si teve, illudiram-na miseravelmente.

O homem accusado de tão negra perversidade ha 20 annos que não ia a Santo Amaro; teve de lá ir para conduzir uma irman gravemente enferma, a qual fallecendo, regressou elle para esta cidade, onde se acha ha cerca de 7 mezes.

Esteve é verdade em casa da irman que dizem queixosa, porém sua sobrinha não existia em companhia desta, e sim na de seu padrinho o brigadeiro A. J. A.

Durante o tempo que está de volta a esta cidade, trabalhou nos Vehiculos Economicos e actualmente na empresa Ariani. Entretanto seu desafecto afirma que elle não se dá a meio de vida licito!

Quanto a ser casado e não está com sua mulher, esta foi quem o deixou, depois de com elle ter vivido nove annos em perfeita harmonia.

O facto da menina Laurentina é tão odioso e falso como todos os outros com que quiz a malignidade de seu calumniador maculal-o.

Teve, é exacto, relações com uma moça de egual nome; mas os habitantes de Brotas, onde era moradora, que o digam, por que sabem, si ella vivia sobre si e na independencia de seus parentes ou não.

Talvez que aquelle que procurou lançar sobre o accusado tão negras pechas, seja mais merecedor, por seus feitos, de ir habitar em Fernando.

O accusado escreveu para Santo Amaro a sua irman e parentes, pedindo esclarecimentos; logo que os obtenha necessariamente ha de desmascarar a seu encoberto calumniador.

— Si o manto da escandalosa protecção se estende nesta terra ao desmedido quilate de acobertar a prevaricação de um serventuario da justiça, accusado publicamente de extorquir das partes o dobro quatro vezes daquillo que lhe compete, ao menos para coonestar as cousas, obriguem esse corrompido serventuario a restituir o que ultimamente recebeu de mais de um estrangeiro.

— Diga quem é elle para se saber.

— Capitão, eu conheço bem os ladrões nesta terra, mas não pronuncio o nome de nenhum para não pagar injuria.

— Então como ha de ser?

— Ora, valha-me Nossa Senhora do Pilato com tantas objecções! Interroguem a parte, interroguem o portador, ouçam mais cinco ou seis pessoas que sabem da historia, e a verdade nadará como azeite sobre agoa n'ua pires.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª

QUARTA-FEIRA 8 DE MARÇO.

Ns. 761—762.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 77.ª do «Alabama».

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
7 de março de 1871.

Não houve expediente.

—Após longa e penosa enfermidade, entregou no dia 6 o espirito ao Creador, Domingos Guedes Cabral.

Era um dos mais antigos lidadores da imprensa bahiana.

Consagrou dilatada parte de sua vida jornalística á causa das ideias democraticas, ideias que com o correr dos tempos modificou um pouco e que na ultima phase da sua existencia abjurou de todo.

Disponha de grande somma de recurso intellectual, e podia ter sido a cabeça que dictasse em vez do braço que executava.

Diante da lousa que cobre seu cadaver uma prece e uma lagrima....

—Os ladrões tomaram conta da ladeira do Alvo. Suspeita se que occultam-se na roça do Sr. Godinho, d'onde sahem á invadir as propriedades alheias.

—Que flagello!

—A horrivel tempestade que descambou na quinta feira, infundiu receios a todos, menos aos gatunos.

—Para elles é quando se torna mais propicia a occasião.

—Nessa noite, voltaram a casa do Sr. Manuel da Costa Sol; o qual desta vez estava alerta.

Um dos tratantes recebeu um tiro de revolver, podendo assim mesmo esgueirar-se sem ser reconhecido.

A casa de uma africana quasi ao sahir na Saude foi roubada; assim como a de uma senhora um pouco mais para baixo.

—E viva o inalteravel estado de segurança desta terra!

E repouse a policia de suas afanosas fadigas para extinguir os ladrões.

—Na noite de domingo arcombaram um sobrado á rua dos Saboeiros e roubaram 500\$ rs. em dinheiro, joias, moveis de valor e roupa.

—Sr. Dr. chefe de policia; isto ja é de mais! Os ladrões, parece, que fazem pouco caso e até mofam da authoridade de V. S.

—Até no consistorio da egreja d'Ajuda trabalham os larapios!

O irmão Archanjo Bandeira, indo fazer assistencia á Sagrada Effigie do Senhor dos Passos durante a noite de sexta feira, deitou seu chapéu do Chili de preço avultado no gavetão; de manhan o gavetão estava limpo.

—Isso foi gente de casa.

—Engano não foi, por que então deixariam outro.

—Ze Russo, Garoupinha e outros, roubaram oito barricas de farinhas do barco que sossobrou, isto é, naquella tempestuosa noite tiveram o arrojo de arriscarem as vidas sobre as ondas do mar, para commetter o latrocinio; mas não gozaram do furto. O dono sabendo foi tomar o que era seu na occasião em que elles vendiam no Taboão.

—Fortes ladrões!

Ja no dia 26 foram ao mar, roubaram os monzuás de um pobre velho e vieram repartir em terra tocando meio sacco de peixe a Xambique, meio a Marcos, meio a Garoupeiro, o meio a Russo.

—Até um balandrão da irmandade do Senhor dos Passos serve aos larapios!

—Roubaram?

—Ganharam na, advinhação das cartas a um moleque.

—Ah.

—Tiraram a borla e deram a capa ao moleque. Consta que este é escrayo do tenente coronel José Carlos.

—Quando foi isso?

—Sexta feira em uma venda á fonte das Pedras.

—Estão em sua epocha. podem fazer tudo.

—Pelo contrario a epocha dizem que é de conserva e não de arrancar.

—E' insupportavel esta atroadora e immoral algazarra toda noite!

—Moleques do capêta!

—Aqui Atraz do Muro esta sucia estabanaada a molestar os ouvidos da castidade com graecjos obscenos, a incommodar quem mora com tanto barulho!

—Ah, tempo do major Soares!

—Ora, assim que anoitece vem esta sucia de sujeitos tomar banho na fonte das Pedras. Si ha uma postura que prohibe tomar-se banho nú nas fontes publicas, creio que elles a violam completamente.

—Eu concordaria de bom grado, si respeitassem o decoro escolhendo lugar mais apropriado para se despirem, mas onde sejam vistos por quem passa, é o que se torna inconveniente.

—Si ha quem se proponha ao estudo das *armas*, aqui acha campo vasto para suas investigações.

—Disseram-me que ia acontecendo uma *rebombiada* em um dos vapores da Companhia Bahiana; será exacto?

—Qual delles?

—O *Rio Vermelho*.

—E' da carreira da Cachoeira.

—Em viagem, sabbado, para la, esquece ram-se de fechar uma torneira da caldaira, por onde introduziu-se tanta agoa que alagou o porão e avariou as fazendas que levava. Deu-se pelo esquecimento ja dentro do rio da Cachoeira.

—E foi bom ser isso só.

—Será exacto que na noite de 23 de fevereiro foi castigado com 15 pranchadas no forte de S. Pedro, um individuo que fora ali recolhido preso?

Dizem que para perpretração de tamanha arbitrariedade o paciente foi subjugado, por 5 praças, sendo o executor do illegal castigo um cadete.

—Sr. commandante das armas atenda a isto.

—No dia da procissão do Senhor dos Passos um energumeno foi capaz de lançar mãos sacrilegas sobre um ministro do altar que azia parte daquelle acto solemne e respeitoso.

—Eu vi nas Portas do Carmo.

—Feitos desta ordem, são d'aquelles que chamam sobre si a animadversão geral e reclamam prompta e exemplar reprimenda.

—Capitão, por accumulção de artigos deixou de ser publicado o quarto artigo, sob o titulo communicado, o que fazemos hoje para satisfazer aos desejos dos nossos assignantes.

—Mas, no entanto, consta, o portuguez Domingos José da Silva Fortuna disse em uma banca na cidade baixa, que parecia que o *ouro* dos portuguezes havia comprado a penna que os escreve ou a redacção, por não ter sido publicado o quarto artigo no numero anterior.

—Pois desengane-se o Sr. Fortuna, o *ouro* de quem quer que seja ainda não chegou para comprar a consciencia da humilde redacção d'este periodico.

—Fugiu um homem casado com uma moça solteira.

—Ja foram presos no sabbado.

—Surge uma difficuldade que é saber si foi a moça solteira que desencabegou o homem casado, ou o homem casado que seduziu a moça solteira.

—No sabbado em muitas ruas apagou-se a illuminação ás tres horas da madrugada.

—Esta companhia do Gaz faz o que quer.

—Si ella acha quem pactue....

—Ha de vir dia em que mande apagar os lampeões á meia noite.

—No sabbado, pelas 3 horas da tarde, em uma das casas da rua da Lapa, um menino trepou-se n'uma janella do lado de detraz, e poz-se a fazer travessuras, resultando precipitar-se da janella abaixo e deslouscar o pescoco.

—Coitadinho!

Olhe que quando se dá um caso nesta terra apparecem logo diversos.

Na sexta-feira foi um menino cria do Sr. Manuel Correia Garcia que precipitou-se de um segundo andar abaixo, no sabbado outro na rua da Lapa.

—Mas o menino não morreu logo, segundo V. informou-me.

—E' verdade, vinha mesmo rectificar-lhe a noticia, quanto a esta parte.

—Não é mais preciso, pois já estou sciente.

—Capitão, V. Ex. conhece o padre Antonio da Rocha Vianna?

—Conheço; é o vigario actual da freguezia da Rua do Paço.

—Pois bem: V. Ex. leu a carta, que dirigiu

o mesmo sacerdote ao ministro do imperio, e que sahio inserta no *Diario* do sabbado, 4 do corrente?

—Não; o que ha de novo n'essa missiva?

—Oh! capitão, ideias que não parecem proprias de um ministro de Deus, e muito menos dignas de ser emitidas pelo Sr. Rocha Vianna, que goza fóros de illustrado.

—Pois então relate-me isso, pois de tudo ignoro.

—Depois de muita futilidade, faz o nosso vigario a seguinte pergunta ao seu collega da pasta dos negocios do imperio:

«Sr. conselheiro, qual será a razão cardeal e suprema, pela qual o numero dos ecclesiasticos tenha escasseado, ao ponto de estarem as egrejas abandonadas, e os pouquissimos, que entram para essa classe, sahem em regra geral da plebe *infima*?

«Em tempos que, aliás, não estão muito distantes, os primogenitos das familias nobres e abastadas, eram designados pelos seus paes ao sacerdocio, e os seminarios regorgitavam d'essa boa gente, que tendo educação e fortuna, ennobreciam o sacerdocio, e o clero compunha a primeira classe da sociedade.»

E como responder-se a um sacerdote, que falla por essa forma, desconhecendo os preceitos mais comensinhos da nossa religião, da seita do Crucificado?

—E o padre Rocha Vianna ousou dar publicidade aqui na Bahia á essa carta, onde trechos de tal ordem se vê escriptos?...

—E' verdade, capitão, teve esse arrojo, elle o homem por todos reconhecido *in iisdem conditionibus*.

—Mas a culpa não é d'elle, que está no seu direito; porque tenho visto até *vaqueiros* serem vigarios!...

—Todavia elle não podia expressar-se de um modo tão inconveniente: embora existam taes factos, elles não authorisam a ninguem a assim proceder.

—Veja o que diz mais adiante, capitão:

«O fervor religioso, porem, foi arrefecendo, devido a diversas causas, e os filhos das melhores familias, mesmo das classes medias, horrorisam-se hoje com a ideia de serem padres; e em consequencia os raros, que entram para os despovoados seminarios são tirados da classe *infima*, e d'entre as pessoas de *córes*, que, *condemnadas* pela sua *pobreza* a tirar a sua subsistencia das artes e industrias materiaes, procuram o sacerdocio como uma *industria* menos trabalhosa, que lhes ha de proporcionar meio suave de vida, e os bispos na durissima necessidade de, não achando onde escolher, acceitar os que apparecem, sabendo d'ante-mão que taes candidatos, sem educa-

ção de familia, e sem terem com que illustrar-se, virão a ser maus sacerdotes!!!»

—Em verdade, isto não pode ter resposta alguma; e acho que em base alguma se pode fundar o mesmo vigario para affrontar a opinião publica, a não ser o lado pecuniario.

—E quem sabe, capitão? a freguezia delle em relação ás outras aqui da capital dá poucos rendimentos, e não podendo o tal sacerdote *bifar* outra, que mais vantagens lhe offereça, mendiga dinheiro ao nosso ministro, e para isso calca todas as conveniencias, pois o *ouro* pode muito.

—Pois seria cem vezes melhor que o ministro de Deus, o homem da verdade, usasse de toda franqueza, dissesse ao nosso governo a causa unica da decadencia do nosso clero.

—Acho justa essa sua observação, capitão, porque o clero se apresenta essa decadencia, de modo a faltarem padres em muitas egrejas, é por se achar desmoralizado por si mesmo.

Quem ignora que um vigario hoje tem tres e quatro *comadres*, e que muitos são os principaes seductores das filhas familia, servindo se para isso dos confissionarios?

E agora pergunto a V. Ex., capitão, quem tem tres *comadres* poderá possuil-as, não havendo dinheiro?

—Por certo que não.

—E então porque chora tanto dinheiro o nosso vigario?

—E' porque talvez julgue elle ser o escandalo ainda pouco, contudo depende disto, e ao existirem em maior escala homens de *córes* no sacerdocio, perguntamos—o Sr. Rocha Vianna será branco?

—Deixe-se disso, não continue, olhe a responsabilidade pelo crime de injuria, embora o Sr. Loureiro diga que todos os brasileiros são *cafres*.

—O Sr. deputado vigario Telles propôz em sessão de hontem que a assembléa provincial manifestasse ao papa, por intermedio do nosso prelado, que protestava contra a *iniqua* e *sacrilega* invasão de Roma, bem como contra o *nefando roubo* dos Estados Pontificios.

—Para remediar as urgentes e momentaneas necessidades que soffre esta provincia o illustre deputado não podia apresentar mais salutar medida.

—Mesmo que interessa muito ao povo desta terra que o rei de Roma se chame Victor Manuel ou Pio IX.

—E até porque os invasores dos Estados Pontificios hão de fazer muito caso do protesto da assembléa provincial da Bahia.

—E primeiro que todas essas considera-

ções é preciso saber si a manifestação está nos limites constitucionaes, si o principio de neutralidade é religiosamente observado e si a assembléa provincial da Bahia tem o direito de ingerir-se nos negocios de um povo estranho.

—La disso não peso nada; minha opinião é que o eminente sacerdote não é capaz de apresentar outra proposta de tão palpitante utilidade publica como esta!

— Os valles das companhias de *bonds* tem curso legal em toda parte; no mercado, no commercio, nas estações publicas.

A moeda legal do paiz é regeitada nas repartições fiscaes!...

—Ora não diga!

—Não posso dizer outra cousa.

No dia 3 do corrente indo-se á thesouraria geral fazer um pagamento, levou-se 50 rs. nas novas moedas de dez réis. Lá não quizeram aceitar-as; entretanto no correio já me deram troco com valles dos Trilhos Urbanos.

—Deve ser assim mesmo!

—E aprecie mais esta.

Diz o portador que na thesouraria lhe disseram que fosse deitar aquillo no cisco.

—Neste seculo em que se proclama a *egualdade* e a *fraternidade*; que a nossa constituição politica, lá em um bem elaborado artigo, para inglez ler, diz—«os brasileiros só se distinguirão pela intelligencia e virtudes;» hoje que se diz que a nossa civilisação tem tocado a méta, presenciemos que os homens de *pelle esfolada* julgam que é injuria ser-se mulato!

Na sexta-feira, na occasião de passar a procissão do Senhor dos Passos, pela praça do Conde d'Eu, conversava o Sr. Dr. Americo com um dos proprietarios da typographia em que se imprime o periodico *Alabama*, quando appareceu o capitão Ataliba e diante de muitas pessoas injuriou-o atrozmente, e além das palavras offensivas lançadas por elle sobre o Sr. Dr. Americo, sobre-sabiam—*essa cõr de jenipapo bem demonstra o que é V., sempre mostra que é mulato!*

—Que importa isso? E' mulato, mas mulato que se presa e dá-se a estima, por conseguinte mais branco do que aquelles brancos que não se presando, andam embriagando-se pelos botequins e tavernas, ao ponto de cahirem vergonhosamente pelo meio das ruas; que devem ao sapateiro a botina que ja rasgaram ha seis mezes, e no que menos cuidam é em trazerem um nome limpo de maculas.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

IV.

A todos quanto tiverem lido estas linhas, que a tristeza, vergonha e miseria dos factos coagiram-nos a escrever, demasiado ha de surprehender e estranhar.

Pouco importa: a culpa não é nossa, a repriminação não nos pertence, e sim áquelle que desconhecendo os sãos principios da mais santa communhão amoldara a imprensa á torpeza e vilania de seu character, avalando contra o Brasil as insinuações mais perfidas e calumniosas, que lhe suggeriram á mente em um estado de completo desespero.

Sim: talvez que hoje já o remorso e o arrependimento lhe tenham vivamente atormentado, talvez que a consciencia do Sr. Loureiro esteja n'esse momento luctando com os estertores da mais cruel agonia, e que assim torturado procure elle desviar de si as severas vistas da opinião publica, que unisona o amaldiçõa; qual outro reptil, talvez procure embrenhar-se em antros tenebrosos, como a *escuridão* de sua alma, mas nada o poderá eximir do anathema geral.

E' por isso que não deixaremos de proseguir em a nossa peregrinação, tão justa e tão nobre, como a dos grandes *commettimentos*.

O nosso desejo torna se cada vez mais ardente, o nosso anhelo é supremo para desmascarar o nosso vilipendiador.

Aspiramos leval-o a rastros e de vencida; almejamos que esse cão leproso, que no accesso de hydrophobico furor pretendera inocular nos filhos do Brasil a sua baba pestilenta, se estorça cada vez mais no circulo de sua impotencia, e extenuado conheça que a sanie fetida e putrida que poreja dos portuguezes, não a têm, e nem podem ter os filhos do imperio, destinado pela Providencia ao que ha de mais grandioso e sublime na vida das nações.

O procedimento do Sr. Loureiro para conosco fõra inqualificavel, tornando a imprensa, a arma mais poderosa do progresso e da civilisação, o pelourinho de suas desenfreadas paixões e canibaes instinctos.

Queremos em summa a sua confusão, e para isso prosigamos na analyse do seu opusculo.

Diz o Sr. Loureiro: «a carta do digno consul geral bem mostra o seu character, ella não pode mentir aos usos vilões da terra que o viu nascer. Impossibilitado de jogar arma

«leal, feriu como quem é. A capoeira não «exclusiva dos mulatos e dos pretos.»

Mais adiante ainda se exprime do seguinte modo: «Mostra elle finalmente, que é representante de um imperio, em que sobrepuja «ainda o elemento cafre.»

Que quererá dizer o Sr. Loureiro com isso? Accaso a côr pederá deturpar o caracter de alguém?

Em que se poderá basear tão vão e tão ridiculo preconceito?

E' verdade, Sr. Loureiro, os cafres não são os ladrões da fortuna publica do Brasil, não são e nem podem ser os falsarios da sua terra natal, elles não enriquecem da noite para o dia, e nem vão buscar fortunas e riquezas no solo portuguez; isso é predicado exclusivo do povo degenerado, em summa do portuguez.

Que diversidade de côres chegando tambem a tão diversos fins!!

A claridade eil-a na produção das trevas, e estas eil-as engendrando a luz, que figuradamente será a honra.

Isto será menos uma loucura, que pretender mudar a face das cousas.

Portanto o vosso brazão hyerardico, Sr. Loureiro, é muito escuro, a vossa genealogia muito borrada.

As tradições dos *cafres* no Brasil são outras, e de modo algum se parecem com as vossas.

E' forçoso dizer isso, porque é a verdade, que aqui sobrepuja.

Os *cafres* só servem para ser espreitados por vós, d'elles quereis a riqueza, a honra, e até a vida.

Vêde, Sr. Loureiro, o passo degradante, dado por vosso irmão que se dizia *claro* e *ilustrado*!

Vêde o golpe vibrado pela mão do sicario sobre uma infeliz brasileira, esta que, qual victima immolada ao sacrificio do ouro, deixou-se illusoriamente attrahir pelos calculos avarentos de um vosso concidadão!

Vêde afinal ella ser victima da traição a mais cobarde de um inimigo domestico!

Vieira de Castro é vosso conterraneo, Sr. Loureiro, e vós, melhor que nós, sabeis a sua nefanda historia.

Este crime, não ha muito, foi commettido, e mil seculos que por sobre elle passem, serão pouco para apagal-o da memoria dos homens!

Os seus caracteres são indeleveis e immortredouros.

Para o plano de tão vis machinações é só e somente para que servem os brasileiros *cafres*!

Em outro ponto do seu escripto diz o *nobre* redactor do *Salamalek*: «O Brasil só attenta

«hoje para a escravatura, só contempla o at- «tentado dos seculos da escravidão, contem- «pla o lastimoso espectaculo de muitos de «nossos irmãos convertidos ali em escravos «brancos; contempla finalmente um grande «numero de scenas analogas, tão vergonho- «sas, como afflictivas, profundamente repro- «vadas pela civilisação europeá.»

Agora percorramos as paginas primitivas da nossa historia patria, e vejamos si o trafico dos africanos nos pertence, si aos portuguezes.

Todos que lêem, e apreciam devidamente os factos, hão de concordar que os armadores negreiros no Brasil eram quasi que exclusivamente subditos da Lusitania. Este commercio nefando fôra inaugurado no imperio pelos filhos da metropole, era sob a bandeira portugueza que este trafico se fazia.

O Brasil, honra lhe seja feita, foi sempre adverso ao agio africano, e tanto isso é verdade, e repousa em bases tão irrefragaveis, que aquillo que a poderosa Albion, a colossal Inglaterra em vinte annos não podera conseguir, o governo brasileiro o poudo em menos de dous annos; ficando por essa forma extinto o trafico em todo o Brasil, o que talvez jamais tivesse obtido a velha Inglaterra.

N'essa era as fortunas collossaes pertenciam aos negociantes do reino, e quando os diplomatas inglezes denunciavam e reclamavam para a deportação dos principaes armadores negreiros, porque tentavam recommençar tão vil carreira, avultados capitaes, que de algum modo poderiam auxiliar o nosso imperio no caminho das industrias, foram ainda constituir a riqueza de Portugal, augmentando-a consideravelmente.

Portanto fique provado, que si nós não tivéssemos sido colonia portugueza, talvez esse cancro não nos houvesse corroido o solo, e muito menos n'elle existisse esse gyro anticatholico.

A' Portugal devemos favor tão demasiado, graça tão esplendida.

Raciocinemos ainda: o Brasil ainda encerra em si a escravatura, é verdade, mas em maior escala a quem pertence ella, ao brasileiro ou ao portuguez?

A questão é facilima de resolver-se, os factos ali estão e contra elles se não argumenta.

O commendador Breves, portuguez, e estabelecido na praça do Rio de Janeiro — eis o maior dono de escravos no imperio; mas os portuguezes, que são tão *liberaes*, que *diviniam* qualquer ideia, que *endeosam* os sublimes preceitos do catholicismo, porque sendo os possuidores de maior numero de escravos,

não reúnem-se para dar algum passo n'esse terreno, e em proveito do lugar onde adquiriram ou por *fas* ou por *nefas* tamanhas grandezas?

As sociedades libertadoras aqui se organizam constantemente por iniciativa própria dos filhos da terra, e porque os portuguezes não se reúnem a esse nosso appello?

Porque aqui residentes, e possuindo grande somma de captivos, nem um só obolo offerreem?

Risum teneatis: e diz-se com todo desplan-te e cynismo—contemplar o Brasil os seculos da escravatura!!

Tambem agora succedem o inverso, e o *nobre* redactor convencer-se-ha de que si a escravatura ainda vegeta entre nós, é só e somente pela usura portugueza.

Continuaremos.

Mario.

A PEDIDO

LA VAE VERSO.

Vou fazer um regimento
De raparigas solteiras,
Para la do Amasonas
Guarnecer nossas fronteiras.

E por tanto principio
Pela Rita do Rastel,
A quem as honras concedo
Do posto de coronel.

E em seguida organiso
O seu estado maior;
A Mariquinhas Gostosa
Nomeando p'ra major.

Faço Elisa secretario;
E' Thomazia quartel-mestre,
Em attenção aos serviços
Feitos por seu pae pedestre.

Para ajudante do corpo,
Nomeio a bella Chiada,
Que para fallar verdade,
E' mulatinha lavada.

Nomeio a Cabocolinha
Agente; e porta-bandeira
E' a Maria Philippa,
Vulgo — *cutia ligeira*.

E para que, coitadinha,
Não continue a dar urros,
Faço cirurgião-mor
A Mariquinhas dos burros.

A *priminha* Izabelinha,
Que ao *pe da Cruz* faz morada,
Fica exercendo as patentes
De vago-mestre e brigada.

Para mestre de tambores
Nomeio *Dona Taóca*;
Para balisa do corpo,
Jesuina carioca.

Martiniana canaria,
Nomeio p'ra quarteleira,
Magdalena desempenha
O lugar de farrancheira.

Instructora quem será?
Deve ser Martinha-boi;
Que hoje estando reformada
Ainda mostra o que foi.

Da primeira companhia,
Arranje bem os seus molhos,
Vae servir de capitão
Henriqueta bellos-olhos.

E depois do capitão,
Segue se logo o tenente,
Nomeio pois a Quinhinha
P'ra exercer tal patente.

Leopoldina faço alferes,
Como seu tonante é,
E para o outro que falta
Seja a Maria da Fé.

Tambem faço a *Mula-Russa*
Capitão para a segunda;
E a Mafalda tenente
Pelo tamanho da bunda.

E as mulatas Firmina,
E Maria dos Prozeres,
Dessa mesma companhia,
Nomeio a ambas alferes.

Para a terceira promovo
A capitão, Leonidia;
E para tenente della
Promovo tambem a Lydia.

Para alferes da terceira
Vae Maria Carolina,
Que ha de fazer parilha
Com a cabrocha Andreлина.

Agora Maria Rosa
Por causa do *argollão*,
Para a quarta companhia
Nomeio p'ra capitão.

E tambem para tenente
Marcionilla lagarta,
Laura e Constança p'ra alferes
E assim completo a quarta.

Para a quinta é a Bibi
O capitão nomeado;
Coroassy p'ra tenente;
Eis pois um brilhante achado.

E para alferes da dita
Exige a conveniencia,

Que eu nomeie a Rolinha
Com a mulata Vicencia.

Capitão da companhia
Que tem o numero seis,
Está ja designado
Para a Maria dos Reis.

Nomeio para tenente,
Sem receio algum Pastora,
Para alferes Adelaide
E a outra, com quem mora.

Para a setima nomeio
P'ra capitão Luciana,
E para tenente della
A lisa Simpliciana.

Para alferes ja se sabe,
Que promovo logo e logo
A Virginia da Baixinha
E a grande Lasca-fogo.

E desde ja promovida
Joanna Salta-balcão,
Fica, sendo da oitava
Companhia, o capitão.

E p'ra tenente da mesma,
Por ser muito bonitinha,
A rainha das creoulas
A mimosa-Eudoxinha.

Theodomira alferes,
Egualmente a Paulina,
Eis o estado completo
Do regimento. Que mina!

Bahia e o Ze Roberto,
Ja que assim querem seus fados,
Deste grande regimento
Serão os porta-machados.

E o almofarizinho,
Que 'stá suspenso por treta,
Por merecimento fica
Servindo como corneta.

(Assignado) O general *Alli-Babà*, comman-
dante em chefe.

— Ha graves queixas contra o subdelegado
do rio tinto.

S. m. é o primeiro a infringir a lei; além de
violentas arbitrariedades que commete, como
de algemar homens livres, espancal-os e depois
mandal-os presos; mata bois sem licença e
vende escancaradamente.

— Uma sarabanda nelle.

— Isso ha de ser muito breve.

**Pede-se a attenção do Illm. Sr.
Dr. juiz de capellas.**

Estando ha annos suspensa a irmandade de
S. Leproso, erecta na sua capella no sitio onde

abunda o *camarão*, consta que foi ultima-
mente authorisado o Revm. vigario da fre-
guesia do *Tropheu* para organizar de novo a
mesma irmandade; para esse fim diz-se que
foram convidadas por cartas certas e deter-
minadas pessoas, a maioria das quaes não
são membros da mesma irmandade deixan-
do-se de fazel-o com alguns mais antigos exis-
tentes nesta cidade.

Reuniram-se pois no dia 26 de fevereiro
proximo passado 12 dos taes convidados, dos
quaes foram eleitos logo de pancada 11!!!
deixando de sel-o o 12.º por não querer ac-
ceitar cargo algum.

Syndique o Illm. Sr. Dr. juiz de capellas os
factos que apresentamos, os quaes nos pare-
cem no todo irregulares, e muito desgostam
a pessoas que de bom grado concorreriam
para elevar a irmandade ao grau que se torna
necessario, porem não fazem, lembrando-se
ainda da malfadada administração do finado
Manuel Alves Borges.

7 de março de 1871.

O carolla desinteressado.

Para evitar interpretações equivocas, que
podem dar logar a se fazer maus juizos, de-
clara-se que a publicação inserta no *Alabama*
n.º 755, não si entende com o Sr. Manuel José
Teixeira de Araujo, com venda n.º 9, á Pre-
guiça.

Lundú.

O FEITICEIRO E AS FEITICEIRAS.

Si accaso por feiticeiro
Juca Rosa anda em vae-vem,
Sei de uma Rosa sem Juca
Que é feiticeira tambem.

Denuncia á policia dou
Que Rosa me enfeitçou.

Juca Rosa está em talas,
Já não lhe vale o feitiço;
Mas a policia assanhada
Que não se ufane por isso;

E sinão... se animo tem,
Que prenda Rosa tambem.

Si n'essa entrosga se mette,
Ah! que festa que ha de haver!...
A policia fica presa
Em vez de Rosa prender;

E o chefe e seus delegados
Cahidos e enfeitçados!...

Prenderam o Juca Rosa,
Feiticeiro charlatão;
Mas a minha feiticeira
Juro que não prendem, não.

Que o seu feitiço é dos taes
Que a gente inda pede mais.

Si a policia quer, eu digo
Onde minha Rosa está.
Saia á rua e em cada casa
Essa Rosa encontrará;

Porque em cada brasileira
Terá uma feiticeira.

Feitiços de Juca Rosa
São negros ardís de horror;
Feitiços puros só ha
Das brasileiras no amor;

Pois tem no amor mimos taes
Que é gozar e pedir mais.

—Tem desportado a curiosidade publica
um facto, que na verdade, não é para menos.

Ha dias que da venda denominada Passo
da Patria, exhala um cheiro cadaverico, re-
pugnante, pestilencial.

O que mais surprehende é que ora aug-
menta, ora diminue de intensidade.

A' principio se disse que era um menino
de bexigas, mas tal menino, ha muitos dias
não está la mais, e a exalação continua!

Hontem, 7, á tarde, estava insupportavel!

—O caso é serio!

—Alguma causa infallivelmente ha de pro-
duzir aquella putrida emanação.

Uma casa que vende generos alimenticios,
muitos dos quaes de propriedades attrahen-
tes, não pode continuar em tão nocivo estado
de insalubridade.

—Pelo menos seja o proprietário obrigado
a desinfectal-a.

VARIÉDADES.

—João, dizia um inglez a seu creado, eu
quero partir as cinco horas da madrugada,
não te esqueças de me acordar ás quatro.

—Milord terá a bondade de tocar a cam-
paina ás tres e meia.

Morena.

—Morena formosa, de corpo gentil,
Que lenço tão lindo, que trazes ahí!
Quem deu-te meu bem? eu quero saber,
Tens medo de mim? não fujas daqui.

Não fujas ingrata... eu amo-te tanto,
Morena, meu anjo, querido bemzinho...
Eu dou-te essas joias, brilhantes e ouro,
E em troca desejo de ti, um beijinho.

—Um beijo, senhor, é só o que pede?
Coitado do moço, que um beijo não tem!
Não dou esse beijo, só quer me enganar,
Nem joias, nem ouro, desejo tambem.

—Não sejas tão má, não gostas de mim?
Eu quero contigo apertar bem o nó...

—Não quero, senhor, eu amo ao camponio
Não falle em casar, que me mette dó...

—Tu és tão bregeira. teu corpo dengoso
E, lindo, gentil; não queres ser minha?
Teus olhos tão vivos, morena, captivam,
Oh! vem comigo eu te faço rainha...

—Rainha?... Jesus! eu sou camponeza,
Grandezas e ouro, não quero obter...
Desejo a pobreza, com ella já lido,
Sou pobre, senhor, não me venha perder!..

—Teu rosto tão lindo, qual rosa em botão,
Faz-me recordar o travesso Cupido;
Vem cá, camponeza, eu quero ser teu,
Embora me chames, de mau, atrevido!

—Não teime, senhor, eu lá na cidade,
Da gente, do amor, tenho muito medo...
E foi-se a camponina, alegre pulando,
Deixou-me a velhaca, chuchando no dedo!..

Orsat.

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

A Mesa provisoria desta associação appella
para os Srs. typographos, livreiros e lyto-
graphos que ainda não fizeram entrega de
suas joias á fazerem por inteiro, ou por pres-
tações de 500 rs., ao Sr. thesoureiro Guilher-
mino Alvares da Costa Dorea, até o dia 11 de
março corrente. Bahia 1.º de março de 1871.

—O 1.º secretario; Joaquim Cassiano Hyppo-
bitto.

Atenção.

O abaixo assignado roga aos seus fregue-
zes que tomaram bebidas fiadas em seu bote-
quim ao Poço de Itapagipe, nem só para be-
berem no mesmo botequim, como para leva-
rem, afim de comerem e chuparem a pinga
em suas casas, o favor de saldarem seus de-
bitos, visto que já estão acabadas as festas do
Bomfim e bem pode ser que se tenham esque-
cido; pelo que o mesmo abaixo assignado tem
resolvido publicar pela imprensa os nomes
daquelles que não vierem quanto antes sol-
ver seus debitos. Bahia 7 de março de 1871.

Christovão Fernandes Velloso.

Gratifica-se generosamente a quem desco-
brir a branquidade do Pontes.

O reprovado.

Aluga-se uma escrava para o serviço de
uma casa de familia a tratar-se no Porto do
Bomfim, n.º 402.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª

SABBADO 11 DE MARÇO.

N. 763.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—10 rs. por serie de 10 numeros; 30 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama*, 10 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o meio de vida seguido por dous individuos que se suppõe serem ex-praças do 14.º

Alem de outras muitas alicantinas que praticam, chega um delles a qualquer pessoa ou venda, com uma cedula de 20 rs., e pede que lhe troquem em duas de 10 rs. Ao passo que se faz a transacção, o outro individuo fingindo se desconhecido, aproxima-se e de assalto arrebatá o troco da mão da pessoa ou caixeiro e larga se a correr; sendo a maior parte das vezes bem succedido no bote.

Esses dous individuos frequentam ordinariamente as praças e mercados, e fazem maior estada na praça dos Tamarindeiros. Dão-se tambem a advinhações fraudulentas.

Espera-se que S. S. procurará fazer desaparecer esses dous flagellos das bolsas alheias.

—Reside actualmente no Bomfim a creoula Domitilia, que é madrinha de uma menina orphan, a quem tinha em sua companhia desde que morou no becco do Açonguinho.

Dá-se o caso que a menina desapareceu e sendo desprovida de parentes, para o poder dos quaes podesse ir, tem causado especie sobre o fim que levaria.

Como a madrinha não dá solução do destino que deu a afilhada, ha mal intencionados que fazem commentarios um tanto desfavoraveis.

—Para desencargo da reputação da Sra. Domitilia, será conveniente que ella dê, a quem lhe deve tomar contas, um esclarecimento prompto do logar onde pára sua afilhada.

—E' preciso que cada um tome uma deliberação decidida para garantir-se da sanha dos ladrões. Com a policia ninguem conta. Es-

tá provado que é impotente diante da impavidez dessa maldicta raça.

—A cousa tem tomado um caracter assustador.

—Veja quantos casos nestes dias.

Segunda feira á noite, foi atacado em sua casa, um marceiro, morador á ladeira do Alvo.

—A ladeira do Alvo, principalmente, tem sido muito devastada.

—Os ladrões eram dous. Supõe-se que entraram pela Estrada Nova. O homem defendeu-se lançando sobre um delles um pote com agua, e acudindo um companheiro de morada, puzeram-se em fuga.

Na terça feira deram ainda na ladeira do Alvo em casa de uma creoula. D'ahi conseguiram apenas levar dous lençoes, dous panos da Costa e as gallinhas que haviam no quintal.

Outro tanto não aconteceu á creoula Anna Francisca da Piedade, moradora aos Afflictos, no mesmo dia terça-feira, pelas duas horas da tarde.

Saltaram pelo muro, arrombaram-lhe a porta da sala e levaram-lhe uma lata contendo grande porção de ouro e joias.

Havia uma creança em casa que elles tiveram de sentar sobre uma meza e tranear.

Foram vistos pela vizinhança dous sujeitos, um cabra e outro pardo; porem ninguem suspeitou o que iam fazer.

—E ficou a pobre rapariga sem o que era seu!

—Os moradores da loja n. 14 B, á rua do Collegio, deitaram-se na quarta feira á noite em uma esteira na sala, ao pé da porta, e ali adormeceram; ficando um lado da porta cerrado e outro fechado. Um larapio teve a coragem de abri-la, passar por cima dos donos da casa, ir ao quarto e limpar toda roupa que havia, paletots, calças, camisas, etc.

Quando sahia, ainda foi visto por duas pessoas que vinham do lado do Terreiro; presentindo-lhe largou a correr em direcção á ladeira do Aljube.

—Peça quasi equal pregaram em uma casa nos Curraes Velhos, freguezia de Santo Antonio.

Um ladrão acoitou-se em casa sem ser visto; os donos da habitação agasalharam-se á noite, sem suspeitar que no domicilio havia gente de mais.

Por alta noite abriu a porta e deu ingresso aos collegas que da parte de fora esperavam.

Quando os moradores acordaram acharam a casa despojada e as portas escancaradas.

—Na noite de quarta-feira arrombaram e roubaram a barraca de carne secca de Antonio Gallinheiro, á praça dos Tamarindeiros.

—O negociante A. Tuvo foi igualmente roubado, ha dias, em seu escriptorio. Leyeram diversas fazendas, tendo a prudencia de deixarem intacto um sortimento de sedas que podia ser conhecido, bem como um corte de cada qualidade de casimira das que levaram.

—Decididamente os ladrões tomaram conta desta cidade e a vão assolando desassombadamente.

—Noticia de ladrões.

—Mais ainda?

—No domingo 5 de março uma senhora idosa, que se transportava do Rio Vermelho para a cidade, em cadeirinha, ao chegar ao Gântuá, foi atacada por tres bandidos. Os pretos foram espancados e forçados a arrelar a cadeirinha.

Como nada de valor trazia a senhora, a deixaram seguir em paz, depois de ser bem revista.

—Ha perigo em transitar pelos arredores.

Ha cerca de um mez um moço empregado na thesouraria foi atacado, ao escurecer, no logar Quebra-bunda, estrada do Rio Vermelho, e esbulhado de 30\$ rs. que trazia.

—Vae isto de bom a melhor!

Quadrilhas no centro da cidade, quadrilhas nos suburbios e o povo entregue a seus recurosos.

—Eu que era entusiasta da companhia União e Industria, estou lhe perdendo a fé.

—O Sr.? Porque?

—Tem degenerado.

—E' o scello das creações humanas. Mas por ter uma parte gangrenada não se deve abandonar o corpo. A amputação tambem salva.

—Tenho tido noticia de muitos factos pouco airozos, o que me tem contristado, por ver que uma instituição creada na mais util intenção, onde nossos patricios laboriosos e honestos podiam achar o pão da subsistencia, tem-se tornado o receptaculo de tratantes e servido de capa a muita mareteira.

—Ahl mas se estão consentindo que introduza nella gente do olho vivo.

—Minha opinião á respeito da União Industria é conhecida; censurando os abusos que se dão nella não me podem accusar de falta de spirito de nacionalidade.

No vapor *Paraná*, chegaram alguns officiaes e sargentos voluntarios. Entre elles veio um moço que era aqui estudante, conhecido pelo Dr. *Acaragé*, o qual fugindo da casa de seus paes, creança, assentou praça no 1.º de voluntarios.

Ao saltarem, foram rodeados pela gente da companhia; na *lufa-lufa*, um delles que o moço, na sofreguidao em que estava de ver os seus e abraçar sua carinhosa mãe, não ponde tomar bem conhecimento, perguntou-lhe para onde ia; momentos depois não vendo seu babú e indagando por elle, lhe disseram que o ganhador tinha seguido. O moço caminhou.... caminhou... caminhou.... chegou a Preguiça, sem encontrar o ganhador.

Voltou, indagoa e não lhe souberam dizer quem elle era....

Até hoje está sem o babú no valor superior a 600\$ rs.!

—Cousa que desabona!

—O tenente coronel Fabricio, comprou madeiras para uma obra que faz ao Matatu. mandou transportal-as e la chegaram com grande falta.

Procura madeira, sacca madeira e nada de apparecer!

Depois de muito trabalho e indagações foram descobertas vendidas, em um deposito á Estrada Nova.

—Não devem admittir na companhia gente a torto e a direito e sim aquelles que forem de conducta conhecida.

—Si não houver muita moralidade, adeus União e Industria!.... Vae por agoa abaixo.

—Ouviu dons tiros de peça na madrugada do 8?

—Sim; o que era?

—Incendio no mar.

—Oh!

—Uma alvarenga da Companhia Bahiana, carregada de algodão, pegou fogo. Achava-se ancorada ao pé do vapor *Marquez de Olinda*.

—Na quinta feira sahiu um enterro do cemiterio do Campo Santo para a igreja de Nossa Senhora da Saúde.

—Foi a trasladação dos ossos do negociante José Nogueira Pinto.

—Trasladação de ossos, não, porque as carnes ainda não estavam desfeitas; apenas a cabeça era o que a terra tinha consumido.

estando tudo mais perfeito. O corpo exhalava um cheiro horrível, e tiraram assim mesmo, metteram em um caixão de zinco, para isso preparado, e trouxeram para egreja da Saude; tanto assim que veio até dentro de um carro mortuario.

—E a policia não teve sciencia d'isso?

—Isso é que não lhe posso responder.

—Então é bom levar-se o facto ao seu conhecimento.

—Si V. se quizer incumbir d'isso, faça; mas acho que perde seu tempo.

—Em todo caso é bom experimentar!

—Falla-se muito mal da qualidade de generos com que são alimentadas as praças do 14.º batalhão de linha.

—Pobres soldados! que vida não passarão!

—O rancho consiste em charque n'um dia e bacalhau no outro.

—A carne porem é da peor que ha no mercado, e as mais das vezes deteriorada; o bacalhau é ardidado, cosido em agua sem temperos, sem legumes.

—Pois o soldo chega para que os soldados tenham alimentação regular e boa.

—A farinha, alem de mofada e trigueira, assemelha-se a caroços de chumbo; o café é ordinario, e o pão, alem de fabricado com ruim farinha, é de tamanho diminuto.

Consta que a carne é tão má que já se deu o caso do medico condemnal-a, assim como que o commandante tendo occasião de ver a comida, estranhara que ella fosse de tão pessima qualidade.

—A má alimentação arruina a saude; e a nação é quem vem a soffrer differença com as despezas do hospital.

—Deve haver severa fiscalisação na entrada dos generos, porque o soldo da tropa dá para que elles sejam de primeira qualidade, e neste sentido é que se publicam os annuncios para o contracto.

—Si é veridico que um individuo com apparencias de zelador, zela por forma brutal a existencia de uma creatura, fazendo-a curtir agros tormentos, ao estalido continuo de mortificante azorrague, deve, quem tem obrigação de velar pelo respeito a lei, livrar a pobre infeliz da sanha de tão cruel algoz; porque, pela maneira inhumana por que zela da pobre vivente o tal zelador, não poderá esta ter muito bom fim.

—De certo.

—Mora na rua do Pão-de-Ló uma preta que dá ventura.

A sacerdotisa do fetichismo enche a casa de

mulheres de toda laia e de rapazes de vida solta, os quaes são attrahidos para ali, mais por causa de umas creoulinhas, escravas sem subordinação da mesma, do que pelos seus embustes. E então, á noite, principalmente, ferve uma bacchanal, onde a crapula, o desenfreamento, e a dissolução se fazem proclamar.

—Hei de pôr essa infima caterva sob as vistas do muxingueiro.

—O vapor *Santa Cruz*, da companhia Bahiana, sahido no dia 8 para o norte, arribou.

—Algun sinistro?

—Podia haver. Ab.ia agoa.

—Então abalroou com algum navio, ou bateu n'alguma pedra.

—Nada disso. Talvez a força do mar.

—E' porque deve estar bem estragado o casco do navio; temporal não reina actualmente.

—Mas elle foi vistoriado e dado por pronto.

—Eu tenho visto que na companhia Bahiana ha muita facilidade em por-se em risco a vida alheia.

—Capitão, communicam-me o seguinte:

«Um individuo mandou extrahir os ossos de uma moça sua parenta, e o sujeito incumbido desse trabalho, achando o cadaver intacto, queimou-o e substituiu por outra ossada, logrando assim aquelle com quem tinha contractado o trabalho de limpar os ossos de sua fallecida parenta.»

—Em que cemiterio se deu esse caso?

—Dizem que no do Campo Santo.

—No entanto conserva o sujeito a ossada de uma pessoa estranha, na persuasão de que é a ossada de sua parenta!

—E' verdade; este mundo é dos enganosi!

—Si um corpo não padece duas penas, eu quizera saber a razão por que um soldado a quem furtaram o capote pagou o valor deste e levou 50 pauladas de acrescimo.

—Eu lhe explico.

O castigo pecuniario é para indemnisar a nação; o castigo corporal é para o homem ter cuidado.

—E eu lhe digo que barbara é a lei para o soldado. cruel é o destino deste.

A PEDIDO

—Esta comedia pode acabar em tragedia.

—Si o protagonista antes disso não estiver doido varrido.

—Doido está elle, ha muito.

Pois é de quem tem juizo, querer entreter

namoro com uma moça que não lhe olha para a máscara, e que si sabe que existe tal entidade, é por vaga tradição?

—O moleque, especie de demonio familiar, é quem tem urdido todo trama, sustentando uma não interrompida correspondencia amorosa. Abre as cartas e responde em nome da senhora moça.

—E o parvo a exgotar-se! Mandou fazer uma empada no Desterro por 500 rs!...

—Sempre é namorador de empadas!

—Comprou uma fita larga e dourada do Senhor do Bomfim; e agora faz uma banqueta de tacos para offerter no dia em que obter o sim.

—O Salú tambem fez uma boceta assim, que offereceu ao imperador.

—Dinheiro não se falla; o moleque descobriu uma mina. No dia então em que leva uma carta da phantasiada noiva, o homem fica fora de si. E' capaz de dar..... a vida, si o mensageiro exigir.

—Que mania e que desfructe!

—Si elle já teve a coragem de levar em pessoa uma carta ao pae da moça pedindo-a.

—Ora que maluco e bôbo! Si a moça está procurando dessa fortuna....

—Quando foram passar a festa na ilha do Valor, o pateta ia todos os dias para o Pau do Pavilhão, e d'ahi dizia adeuzes, fazia acenos e macaquices.

—Homem, não diga mais nada, gente tola é trabalho dos outros.

—Eu receio o desfecho, e por isso seria bom que o travesso moleque cessasse com suas diabruras.

—Ou que o senhor o mandasse para algum logar de fora; Nazareth ou qualquer parte.

(Continúa.)

—A Pastora que foi promovida no regimento não é Pastora Maria da Conceição.

—Já se sabe quem foi que bifou da commoda o chapéu do Chili do irmão da irmandade do Senhor dos Passos.

—Quem foi?

—O dono quer verificar primeiro si o sujeito tirou por pilheria, porque neste caso ha de entregal-o; si não foi, então dirá o nome no estylo do Alabama.

Pede-se a certo jutz de guerra que deixe-se de andar a noite de chinellos e camisa de chita, que semelhante traje não lhe é proprio.

—Capitão, eu quero saber si V. Ex. não sabe o distinctivo de judeu.

—Deixe-me.

—Eu não deixo; quero lhe contar que em vista do Tit. 94 do Livro 5.º das Ordenações do Reino, que tambem nos regem, os judeus trazem signal e é preciso o capitão saber.

—Não quero saber; deixe-me.

—Espere, capitão, tenha paciencia; deixe-lhe dizer o signal, que diz a Ordenação, para differenciar os christãos dos judeus, é elles andarem de carapuça ou chapéu amarello. Como por ali diversos andam sem esse distinctivo?

—Mande o aspirante intimar para que assim cumpram, afim de não andarem no meio dos christãos sem serem conhecidos como judeus, pois chega o diluvio do trilho rodante e não podemos salvar.

—Capitão, diamante o que é?

—E' uma pedra preciosa.

—Parece que não é somente pedra preciosa que assim é conhecida; eu supponho que esse nome significa tambem alguma outra coisa.

—Porque suppõe? A' não ser isto ha de ser um instrumento com que na artilheria furam os cartuchames da polvora, dentro das peças.

—Então na companhia da bomba-macha usam d'esse instrumento furante.

Ha dias, entrando eu na estação d'essa companhia, ouvi o onça que assovia pedindo a um caixeiro, que pelo Senhor do Bomfim, o deixasse beijar o diamante.

—Ha de ser alguma pilheria do Leoncio.

—Acompanhada talvez da audacia e do atrevimento do seu capoeirismo!

ANNUNCIOS.

Ao Bomfim!

Domingo 12 do corrente, ás 5 horas da manhã, partirá da praça Conde d'Eu a philarmonica 40 de Voluntarios da Patria, reunida com um dos seus protectores, o Exm. Sr. general Faria Rocha, officiaes e praças existentes na provincia pertencentes ao batalhão 40.º de voluntarios, e bem assim todos os patriotas voluntarios da patria que quizerem assistir a missa em acção de graças pelo anniversario da chegada do batalhão 40.º a esta provincia. Bahia 10 de março de 1871.

Anacleto Rufino de Carvalho.

Gratifica-se generosamente a quem descobrir a branquidade do Pontes.

O reprovado.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª

QUINTA FEIRA 16 DE MARÇO.

Ns. 764—765.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.ª rs. por serie de 10 numero ; 3.ª rs. por series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama*, 15 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr subdelegado de Brotas, chamando sua attenção para uma casa ao Matatú-grande, a qual sendo dividida em sala, quarto, e cosinha, serve com tudo de guarida a seis ou sete mulheres madraças, e a igual numero de individuos do sexo masculino, vivendo elles e ellas, em completa ociosidade. Para aquella gente scetaria da inacção, todos os dias são santificados, por que de segunda a domingo são religiosamente guardados na parte relativa ao trabalho, *menos á noite*, que ninguem vê o que fazem. Alli porém revive a dissolução das orgias bachanicas, postas em pratica em toda sua expansão. Os sambas são sempre arranjados de maneira a confundir os sexos pela falta absoluta de trages.

Com quanto essas scenas se passem arredadas da cidade, é contudo em logar onde habitam familias, pelo que, espera-se que S. S., para quem, talvez, não seja novo o que fica exposto, por bem da moralidade social, tome uma providencia acertada.

—Um cadaver sem sepultura ha tres dias!

Ah, Deus do ceu!... quanta falta de charidade! quanta falta de religião! quanto esquecimento do amor do proximo!

—Onde está elle?

Em um cubiculo da loja do sobrado n. 10, ao Cruzeiro de S. Francisco.

A putrefacção está adiantada, o corpo começa a diluir-se.

Compraram uma vella e deitaram na bocca de uma garrafa, eis tudo.

—Quem é o fallecido?

—Uma mulher.

—E ha tanto homem charidoso nesta terra!

—Eu não creio!

Fazem dadivas importantes em alguma subscrição ostentosa, mas quando se lhes

pede uma esmola para o velho, a viuva, a orphan, e até para enterrar a um seu semelhante, sabem inventar mil subterfugios para não cumprir este dever humanitario

.....
—Não se pode descrever de todo do espirito de humanidade desta terra.

O cadaver da mulher foi levado para o hospital.

—Talvez pelo incommodo que começava a causar aos vivos.

—Não sei lá porque foi; hontem terça feira, depois que conversamos, pelas 10 horas e meia da noite, o corpo foi levado por alguns particulares, com assistencia do subdelegado, para o deposito de cadaveres do hospital de charidade.

—São cinco horas da tarde e o cadaver deste preto estendido na porta deste trapiche desde pela manhan!...

—Quem sabe até quando aqui ficará.

—Não ha inspector, não ha policia que vá dar parte, nem authoridade que o mande apanhar e dar á sepultura; pela manhan eu passei aqui ás 8 horas e já o corpo estava ali espichado!

—Entretanto si é dever de piedade christian enterrar os mortos, é igualmente de imprescindivel necessidade aos interesses vitaes da sociedade.

—Mas V. vê que de inexplicaveis coincidencias tece a mão do acaso nesta terra?

Hoje mesmo, terça feira, ouvi dizer que no Cruzeiro existe o corpo de uma mulher sem sepultura; aqui na porta do trapiche Julião um preto morto nas mesmas condicções!

—Como estava anunciado teve logar na quinta-feira passada a exposição da Imagem do Senhor dos Passos dos Humildes á adoração dos fieis, em sua capella á rua dos Zuavos, (Tingui).

Na sexta-feira pela manhan houve missa, que a irmandade mandou solemnemente dizer, e á noite pregou o Revm. pregador im-

perial Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha. Por mais uma vez admiramos o talento e a illustração do digno sacerdote.

Em um bem elaborado discurso traçou com linguagem clara e convincente os martyrios do nosso Redemptor; esboço esse que embora ligeiro nada deixou a desejar.

Bem mostrou o digno sacerdote ser um cultor strenuo das letras sagradas, e que d'este modo sabe corresponder á expectativa dos seus admiradores.

Depois da predica houve adoração da Cruz, um dos actos dos mysterios da Paixão da Crucificado, que se celebram no tempo da Quaresma.

—Fu assisti; a capella esteve religiosamente decorada; houve grande concurrencia.

—Mas notei não ter o irmão provedor requisitado da authoridade alguns guardas, porque teria evitado as bandalheiras e patifarias que os moleques praticaram dentro do templo, chegando ao arrojio de ridicularisarem os actos religiosos que alli celebravam-se.

—Continúa a população a ser flagellada pelos larapios.

—O povo está assombrado com tanta pilhagem.

—Cada vez ha de ir a mais com a policia que temos.

Dizem que o Sr. Dr. chefe não quer agentes informantes, e diz que não dá apreço a noticias de gazetas.

Si os que são coadjuvados por estes importantes auxiliares veem burladas suas providencias, o que não acontecerá a S. S. que se vê isolado!

—Os ladrões hão de lhe fazer foscas no nariz, sem que elle os conheça.

—Tem al un. factio hoje?

—Como sempre.

No sabbado, por cerca de uma hora da tarde, os ladrões entraram em casa de uns africanos, moradores na rocinha do finado Barros, á Estrada Nova, e levaram um sacco que encontraram com dinheiro, e foram dividir nos banhos do Manuel do Carmo, onde deixaram o sacco.

—A que estado chegou esta terra!

—A propria folha official, reconhece a calamidade por que estamos passando na seguinte noticia:

«RATONEIROS.—Já começaram as suas correrias pelas Pitangueiras e suas circumvisinhanças á semana passada. Invadiram uma casa n'esse arrebatde, pelo lado posterior, das 7 para as 8 horas da noite, levando objectos de uso domestico. Pela estrada do Matatú

tem sido atacadas diversas pessoas e algumas roubadas.

Já se vê que—de ratoneiros vão elles aproveitando a solidão de certos logares que não são percorridos pela força publica, para estrear o mister de salteadores; exigindo com todo o arrojio o relógio e a carteira que um moço levava »

— Isso ha de acontecer por força. Basta vê á noite a immensidade de gente que dorme pelos adros, nos assentos publicos, nos alpendres, debaixo das arvores; são necessariamente pessoas sem occupação, a quem a necessidade ha de obrigar a lançar mão de algum meio para viver.

—Na noite de terça feira, por volta de oito horas, em uma venda á estrada Nova, foram feridos dous individuos por um sujeito que deu uma punhalada sobre os rins de um e offendeu a outro no braço direito, pondo-se em fuga, acto continuo.

Foi preso pelo povo.

Consta que o offensor fôra praça de policia.

—Quebrar uma perna e um braço ao mesmo tempo!

—Oh!... a quem tão infausto acontecimento succedeu?

—A um pobre homem que andava fazendo pela vida. Trabalhava em um muro na Quinta das Beatas; quando menos esperava, o muro desabou com elle, lançando-o por terra e fracturando-lhe perna e braço!

—Contingencias que perseguem á humanidade!...

—Por falta de espaço e pela hora adiantada em que nos foi remettido, deixa de ser publicado hoje o regimento dos *cadêtes* que tem de guarnecer as fronteiras do Alto Amazonas.

—Deixe-o para algum dos numeros seguintes.

—O passeio da Sé aberto a esta hora! Admirar!

—Sem duvida esqueceram-se de fechalo.

—Indesculpavel esquecimento!

—Muita gente gostou d'isso.

—Esta tefra é assim, ou tudo ou nada; como não fecharam com o sol alto, deixaram aberto para facilitar certas scenas....

—Vejo todo dia os caixeiros e empregados dos Vehiculos Economicos bradando contra as multas que soffrem.

—Não deixam de ser rigorosas, já ouvi dizer que houve caixeiro que o ordenado não

chegou no fim do mez para pagar as multas.

—Entretanto aqui está o relatorio da gerencia, dizendo o contrario; 174.7832 rs. diz a honrada gerencia foi quanto recebeu.

—E como ella diz deve se acreditar; o amo sempre falla mais verdade que o caixeiro.

—Pechincha!... Grande pechincha!...

—O que é?

—Queijos a 2^o rs., no armazem Progresso.

—Vou já comprar um.

—Não se cause, porque este annuncio não passa de uma embaçadella.

—Como?

—O proprietario do armazem Progresso, annuncia os queijos a 2^o rs., e no entanto que quem os fôr comprar ha de escarrar com 3^o rs.

—E é assim que vão esses *especulundricos* progressivamente progredindo.

—Capitão, em nome da liberdade, d'essa santa causa que V. Ex. tanto advoga, venho de joelhos pedir-lhe que se compadeça de meus filhos.

—Levante se, rapariga, os joelhos da creatura só devem curvar-se diante de Deus!

Diga ao que vem.

—Eu n. e chamo Philippa, sou escrava de D. Izabel Maria de Santo Antonio, que se acha recolhida ao convento da Soledade; tenho tres filhos: José, Maximiano e Francisco.

Minha senhora passou cartas de liberdade a todos elles, estando as dos dous primeiros com a data de 26 de março de 1858, e a do ultimo com a de 1.^o de setembro de 1866.

No tempo da guerra do Paraguay, minha senhora entregou meus filhos ao Sr. Marcolino d'Araujo, e elle os levou para seu engenho.

—E as cartas se acham em notas?

—Acham-se: a do primeiro no cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, a do segundo no do tabellião Jorge Ferreira e a do terceiro no do tabellião Antonio Joaquim Damazio.

—Então, não ha nada a receiar, porque estou certo que o Sr. Marcolino não reduzirá seus filhos á escravidão!

—Mas, então, como é que elle recusa entregar-os agora que minha senhora os mandou buscar!

—Provavelmente pelo amor que a elles to mou.

—Capitão, V. Ex. por quem é valha-me... eu lhe supplico em nome dos ceus!

—Levante-se, rapariga, já lhe disse uma vez que os joelhos da creatura não são para curvar se diante dos homens, ainda mesmo dos poderosos da terra, e sim diante de Deus!

Vá ao Sr. Malaquias José dos Reis, que gratuitamente se offereceu a sociedade libertadora Sete de Setembro para, como procurador, tractar de todas as causas de liberdade, e peça-lhe, em nome da mesma, de que é elle firme athleta, que empregue os meios precisos, afim de descobrir-se a ponta desta meitada!

—O Sr. Luiz Martins proprietario da venda Passo da Patria, por quatro dias consecutivos publicou no *Jornal* o seguinte:

«AO PUBLICO.

Em satisfação ao publico e ás denuncias dadas pelo *Alabama* do dia 4 e 8 do corrente mez, contra a venda denominada Passo da Patria sita á rua direita de Palacio, declaro que fui visitado hoje mesmo ao meio dia, pouco mais ou menos, pela competente autoridade policial e não tendo encontrado *nada* do que denunciou o dito *Alabama* se faz publico para conhecimento de todos, como se pode verificar com a mesma autoridade. Bahia 8 de março de 1871.»

—Quaes foram essas denuncias dadas pelo *Alabama*?

—Disse primeiro que na venda havia um bexiguento.

—A verdade nua e crua; confessada pelo proprio dono da venda; foi retirado por causa do clamor geral.

—Disse mais que sem embargo de deixar de existir o bexiguento na venda, do interior della rescendia um cheiro mau, insupportavel, incommodativo.

—Tambem é exacto; toda vizinhança sentia e mesmo quem transitava; e tanta consciencia tinha o Sr. Luiz Martins que levava todo o dia a queimar alfazema.

—Não sei pois o que foi que o *Alabama* denunciou, que a authoridade policial não encontrou.

—O homem está vendo modo de angariar os freguezes que andam um pouco espantados.

—Então diga-me isso.

—Cahem os burros dos Vehiculos e o caixeiro é suspenso e multado. Não me dirá que culpa tem este?

—Nenhuma. Ainda o boleiro pode ser.

—Pois foi o que se deu na sexta-feira. Seguiu um wagon; os burros, ou por cansaço ou por manhosos, cahiram das mãos; á noite o caixeiro recebeu ordem de suspensão e multa.

—O ordenança do chefe de policia variou?

—Ainda não o vi atrar pedras.

— Mas correndo assim, á tarde inteira, sem necessidade, pela ladeira de S. Francisco até o Caminho Novo, neste desenfreado galope, em risco de espedaçar-se nas pedras ou de esmagar alguém!

— Quer mostrar que tem boas pernas.

— Um agente da força publica ser o proprio que desconsidera a lei!

— O homem obra, ao que parece, ao impulso de algum *poder occulto*.

— E' exacto... esses dias de domingo tem o que se lhe diga.

— Na noite do domingo para segunda feira, foi horivelmente espancado um individuo no Terreiro.

— Dizem que estava ebrio e impertinente.

— Mas havendo policia no logar não interveio; os espancadores fizeram as vezes desta. Esbordoaram o homem e em cima prenderam-no.

De maneira que além de maltractadissimo, ainda ficou na cadeia dous dias; e seus offensores impunes.

— Está direito!

Quem pode mais tem razão.

— Na porta do chamado Asylo de mendigos, ha de se ver durante o dia um crioulinho que, terá uns 15 annos, com o corpo chagado e coberto de polia.

Chama-se Evaristo, veio de Santo Amaro. Sua mãe, por extraordinario estado de indigencia, o trouxe para ser tratado no hospital de charidade.

As irmans de charidade não ignoram esta circumstancia.

Pois essas mulheres que se inculcam de charitativas e bemfazejas, tiveram a crueldade de fera de enxotar do hospital o desgraçado assim mesmo doente como se achava, n'uma terra onde não tem pae nem mãe, nem quem delle tenha dó.

— Está provado que no hospital de charidade só se trata de moribundos porque fallecem logo, ou de enfermos de molestias frivolas e passageiros.

— Estas mulheres!.. Com uma fingida charidade vão commettendo toda casta de excessos e desfructando uma vida commoda e recreativa...

— Que o attem o Sebastião e o François.

— O individuo conhecido por *Sabe-ler*, apresentou-se segunda-feira no escriptorio do Sr. Zuany, por occasião de um leilão que ali se fazia e fez as todas; por fim *atirou* sobre o bolso de um inglez. Felizmente não ponde

safar a *erva*, porque foi presenciado por alguém e enxotado d'ali incontinenti.

— Que fado de homem!

— Que vicio!...

— Nesse dia mesmo, creio eu, sabiu da cadeia, implicado como estava, no roubo da crioula Anna Francisca, que dizem foi elle quem praticou.

— E foi; elle e um tal Innocencio. Levantaram a vidraça da janella; *Sabe-ler* saltou dentro e o Innocencio ficou de fora á espreita de quem viesse. Admira o arrojo desses dous homeas, que não se intimidaram nem recitaram serem vistos pelos pedreiros que trabalhavam em uma obra um pouco adiante.

— Mas esses roubos de ouro, depois de postos em salva-guarda não ha policia que os descubra. Cahem no fundo do mar.

— E' exacto; ha um sujeito que os compra e tem seu fundidor á mão para reduzir-os a barras immediatamente.

— Assim, a Sra. Anna Francisca que fique mamando no dedo e trate de ver quem lhe dá outro ouro.

— E vive esta perigosa gente sem temor e sem receio subtraindo pelo dolo, pela fraude, pela pilhagem o fructo de mil fadigas e labores!

— E para elles não ha punição possivel. No dia em que sabem da cadeia, nesse mesmo dia vão roubar!

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

V.

Ainda não está terminada a nossa tarefa, e muito menos concluido o que temos em mira: o campo foi vasto, e a foice ha de corresponder-lhe.

Um por um hão de ser esclarecidos os topicos do nojento opusculo, que temos sob as vistas, e da discussão franca e leal ha de necessariamente resultar a verdade em toda sua plenitude.

A mentira e a maledicencia hão de desamparar o solio triumphante, que uma vez ainda pretenderam occupar, e assim ficarão esmagadas ante o forte argumento dos factos consummados.

A empreza nos tem sido bastante difficil-tosa, assaz temos luctado pela pequenez da nossa intelligencia; mas quando se caminha em terreno firme e verdadeiro, todos os embarracos são pouco, os obstaculos nenhum.

Trincheiras que se levantem, baluartes que

se erijam, tudo é nada, tudo desaparece: só a verdade é tudo.

Firmado n'esse conforto animoso, e n'essa legitima esperança iremos em marcha, e por tanto consideração de ordem alguma nos fará arredar do nosso firme proposito.

Entremos em materia.

Continuando no exame dos pontos da carta do nosso consul, diz o Sr. Loureiro:

«Em que sentido o consul geral do Brasil «chama generosos aos seus compatriotas, e «como acha que este imperio é destinado pela «Providencia para guarda de todas as nossas «velhas glorias?»

Depois de feita semelhante interrogação, com todo desplante se exprime: *é o intelligissimo jurisconsulto o Sr. Dr. Alexandre Braga, quem nos vai ainda emprestar um raio da sua eloquencia para com elle illuminarmos o cerebro mirrado e obscurecido dos nossos.... benefeitores;* e em seguida transcreve no seu libreto estas palavras do *distincto* advogado, aos quaes se pode bem applicar a seguinte sentença: *Ambo florentes ætate, Arcades ambo.*

Eil-as:

«Portugal não pode ser um mendigo coberto de andrajes, e que não morre de fome por que o Brasil o soccorre!

«Engano! O Brasil deve nos tudo a nós, «no passado, e no presente.

«Nos velhos tempos das nossas immensas «glorias, que encontraram lá os marinheiros «portuguezes, quando aportaram áquellas «praias os navios de Cabral? Somenteselva «gens, dormindo no seio das florestas, adorando «idolos sanguinarios, matando barbaramente os prisioneiros, vivendo de carne «humana, com que se regalavam n'aquelles «horriveis banquetes, a que davam o nome de «cauim!

«Nós, porem, vendo o Brasil em tão lastimoso estado, condoemo nos do seu infortunio, e demos-lhe tudo.

«Demos-lhe cidades, povoação, lingua, religião; demos-lhe leis, artes, industria, civilisação e costumes.

«De sorte que, no passado o Brasil deve-nos serviços tão valiosos, que nem o ouro «de suas minas poderá pagal-os nunca!

«No presente haverá por accaso algum motivo que nos obrigue a ser-lhe grato e reconhecido?

«Não de certo. Portugal não vive das esmolas de nenhum paiz estrangeiro. O ouro «que os nossos compatriotas trazem das plagas da America *é o fructo de seu trabalho.*

«Demais, sem a colonia portugueza o Brasil nada teria, nem industrias, nem artes, «nem navegação, nem commercio, estando

«bem longe portanto de ser uma nação tão «opulenta, como se nos mostra na actualidade; porque o Brasil, apesar de sua apparente grandeza, precisa até que nós lhe mandemos d'aqui algam sapateiro.»

Réflctamos agora, porque nunca houve maior deturpação nos dominios da historia, como a que vê-se n'esta narração.

Certo não sabemos classificar tanta banalidade e tanta sandice, salidas da penna de um escriptor publico.

Nem tudo se deve exprobrar, mas a omisão aqui torna-se em falta irreparavel.

Fique o Sr. Loureiro scientificado, e bem assim os seus patricios, que si o Brasil não tivesse sido Reino-Unido de Portugal, talvez que o seu progresso fosse outro, o seu adiantamento maior.

Sim: ao passo que vemos nações, que de modo algum se poderão equiparar ao Brasil, já pela escassez de seus productos naturaes, já pela ingratidão do solo, florescerem e d'este modo caminharem a passos largos na vanguarda do aperfeiçãoamento, ao passo que progridem ellas de um modo espantoso, o nosso imperio não pode chegar á altura que lhe é devida!!

Sim, Sr. Loureiro, outro povo, que não o vosso, mil vezes tivesse pisado primeiramente a terra da Santa Cruz, e então as esperanças mais promettedoras de seus filhos ter-se-hiam realisado, e aos vossos olhos não passariam como mero sonho, ou miragem aterradora!

Sim: e força é confessal-o! Comvosco trouxestes o atraso do paiz, que destinado fôra pela Providencia para os grandes commettimentos, trouxestes a discordia e a corrupção, e a essencia de tudo custa muito a desaparecer.

Em chimica a combinação de dous corpos, que entre si possuem o maior grau de affinidade dará um composto, cujas propriedades nada têm que ver com as substancias que entraram n'essa reacção, mas não o cremos, por que o vosso exemplo protesta contra esse axioma.

Os principios portuguezes ficaram no Brasil, e só por elles se engendram os grandes males, de que vae sendo victima.

Parece incrivel, mas é facto averiguado.

O Brasil, si degenera, é por ter em seu seio portuguezes, e quando mesmo não os tivesse, os seus principios ainda subsistiriam.

Mil vezes, portanto, o Brasil pertencesse *ab initio* a outro estado, que não o vosso!

E Portugal na verdade não carecerá do imperio?

Que modestia, que comedimento nas expressões?

Custar-se-ha em acreditar, mas é ponto que hoje não soffre mais controversia, e é que a grande parte dos capitães adquiridos no Brasil vão animar e dar vida ás industrias e obras materiaes dos portuguezes.

Diz um escriptor brasileiro: *Computa-se em mais de 10,000 contos de réis as remessas feitas para Portugal pelos seus naturaes em cada anno: antes da nçssa emancipação politica era muito menor o desfalque de nossos capitães, quasi toda a fortuna ganha no paiz era n'elle empregada, hoje o contrario acontece, e muito principalmente depois que se estabeleceram as companhias de vapores transatlanticos; porquanto raro é o portuguez, que tendo junto algum peculio não o vá empregar no seu paiz, rollando depois em busca de ganhar outro para dar-lhe a mesma applicação.*

Mas o portuguez tem razão em dizer que d'elle precisamos até de um sapateiro, porque si o Brasil houvesse tomado uma medida indeclinavel para fazer cessar semelhante cancro destruidor de sua industria, si o seu governo tivesse feito sanar mal tão perigoso, e que nos ameaça corroer a *fundamentis*, reduzindo-nos á penuria, talvez que Portugal a tanto não se arrojasse.

Sim: o resultado é esse, e sempre o será, porque não havendo para nós compensação alguma, somos o responsavel.

Para isso veja-se as immensas casas portuguezas, que ha no commercio do municipio da côrte, e quando á primeira vista pareça um impossivel e absoluto, ahi está contudo a ultima estatistica demonstrando o numero de 5,000 casas portuguezas existentes n'esse logar, e 1,373 brasileiras.

No Rio de Janeiro, na Bahia, e em Pernambuco o mesmo se dá. De que provirá uma tão grande desproporção? Será como geralmente se propala de que os brasileiros não têm aptidão para a vida do commercio? Ou haverá n'isso um *quid* inexplicavel, mas que graças á epocha que atravessamos, a sua *incognita* já se acha descoberta?

Cremos que o brasileiro é bastante apto para as transacções commerciaes, e em apoio á esta opinião os factos vêm comprovar, pois que casas nacionaes têm tomado grande incremento. Que casa mais forte haverá, que a Maná, e no entanto não é nacional?

Todo negocio se resume nas seguintes palavras, e é que para haverem muitas casas como estas, muitos annos de vida penosa se tornam precisos, e quanto aos portuguezes, estes, como é publico e notorio, enriquecem da noite para o dia.

Bem se vê, portanto, que o Brasil é mais que generoso para com o reino portuguez, e que o nosso consul geral, assim se exprimindo, fallara a linguagem da verdade, a unica conducente com os factos por todos conhecidos.

Si finalmente o que acabamos de relatar não pode ser adulterado, sob pena de lesa-ignorancia, como é que o Sr. Loureiro vem dizer-nos que com todo o ouro de nossas minas não lhe pagaremos jamais os serviços, commettendo um duplo erro — o da ignorancia, e, o que mais é, o da ingratidão?

E' só e somente assim que argumentamos. Continuaremos.

Mario.

A PEDIDO

—Capitão, voltemos ao mesmo assumpto.

—Que mesmo assumpto, si não sei de que trata-se?

—Ah! V. Ex. já se esqueceu da carta do padre Rocha Vianna, dirigida ao ministro do imperio?

— Isso não, peço-lhe, porém, que abstenha-se de continuar por ora n'essa discussão, attendendo e muito para o tempo em que estamos.

— Não acho lhe razão alguma, meu capitão, e muito embora o nosso illustrado e virtuoso prelado nos admoestasse a mais completa abstenção na analyse d'essa carta, visto estarmos no santo tempo da Quaresma, e fazendo nos ver que o Nosso Divino Mestre só abrija a sua bocca para orar ao Eterno Pae pelos seus perseguidores, e que portanto não demos occasião ao menor escandalo, recordando-nos a sublime maxima do Evangelho: «Ai d'aquelles por quem vier o escandalo», comtudo, guardando o devido respeito, perguntaremos:—Porque o Sr. padre Rocha Vianna, vigario, bacharel e desembargador, não se lembrou que estavamos na Quaresma para dar publicidade áquelle conteúdo de injurias, qual mais escandalosa?

—Em verdade não ha negal-o, mas desculpe, porque a fragilidade é propria do homem, e alem disso alguma razão assistiu ao Revm. parcho para proceder de modo tão austero.

—Julgo que não; motivo algum, que não seja bastante censuravel, pode ter elle a seu favor, razão de ordem alguma pode attenuar falta tão reprehensivel.

—Ao contrario, razão de sobejo teve o Sr. Rocha Vianna de pronunciar-se tão alto contra o clero, pois como consentir-se *vaqueiros* sendo *vigarios*, e o que mais é, o *vaqueiro* do *Querera* sendo parcho da freguezia de uma terra illustrada? é um escandalo!!

—Mas, capitão, não voltarei agora á analyse d'essa missiva, pois que estou certo, de que toda injuria n'ella contida ha de necessariamente reverter contra o seu author, e tanto é isso verdade, que o *nobre* vigario está de todo arrependido.

—Como arrependido? Que tem elle mostrado pára asseverar se ter o arrependimento invadido aquella alma?

—Pois V. Ex. não viu a escapatoria com que sahio elle no *Diario* de 8 do corrente em resposta ao *liberal* que procurou analysar a sua carta?

—Não, e de que genero foi essa evasiva? até agora não tenho sciencia d'ella, e portanto é favor patentear-m'a.

—Já e já. Diz o Revm. vigario: «dando publicidade á carta que tive a honra de dirigir ao Sr. ministro do imperio, desejei e desejo que se discuta as altas questões de direito publico ecclesiastico, pois que esses negocios desfallecem á mingua de discussão pela imprensa, já que o clero não tem representantes no parlamento, discussão que firme opinião favoravel em favor do elemento religioso; mas com anonymos não discuto, e nem essas questões desdoirem a algum nome proprio, que as discuta »

Ora, capitão, si o padre Rocha Vianna tivesse em mira discussão seria e leal sobre o elemento religioso diria tanto absurdo, irrogaria tanta offensa ao clero em geral?

—E' uma verdade incontestavel.

—E em que trecho aventa questão alguma o *nobre* vigario, que mereça esclarecimento de quem quer que seja, quando na sua carta tudo revela a voracidade metallica?

—E' tambem outra verdade, todo barulho, toda celeuma é só e sómente por causa do dinheiro.

—E então, capitão, porque vem ainda o *fi dalgo* embair a opinião publica? Nem tanto, nem tão pouco!!!

—Tudo n'esse mundo tem a sua explicação. Eu conheci um irmão do Mussurunga, que já ha muito, tinha as mesmas idéas do padre Rocha Vianna, mas nunca as expoudeu pelos meus conselhos, que eram reiterados.

—Mas a que vem V. Ex. trazer o nome do defunto Mussurunga n'esse embroglio?

—E' que esse homem, sendo irmão d'este distincto musico, jamais o quizera ser por apresentar elle a tez mais tiznada, e que estudando para ordenar-se, e conseguindo esse fim, julgou-se logo um *non plus ultra*, e então em toda parte procurava desprestigiar os seus collegas-padres.

—Ah! contince, capitão, faça-me esse favor, a sua historia tem grande interesse para a so-

lução do presente problema, sem demora prosiga.

—Bem: esse padre chegou a ser vigario, e logo depois com os vencimentos da congrua dirigiu-se a uma academia, e abi ou merecida ou immerecidamente recebeu o diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela referida academia, não contente com o que viera de *bifar*, tirou, dizem, que por concurso, uma das melhores freguezias, foi logo mestre, por *empenho*, de uma das cadeiras do ensino ecclesiastico e occupou logar subido na magistratura dos padres.

—Oh! que avidéz! que cobiça! continue, meu querido capitão.

—Na freguezia tornou-se um abutre devorador da honra das familias honestas, tinha em casa quatro a cinco comadres, e julgando ser pouco, mesmo porque o era, o dinheiro que ganhava, teve em mira dirigir ao governo uma representação n'esse sentido, mas por minha causa nunca o fez.

—Capitão, estou desesperado para saber do resultado de historia tão importante.

—Descance, eu lh'o darei. Este sacerdote somente levado pela devassidão de seus torpes costumes, teve a ousadia de mandar para o seminario o irmão de uma sua comadre, e a falta de charidade de fazer com que um seu sobrinho, que estava tambem no seminario, d'elle fosse expellido, e immediatamente fel o assentar praça no corpo policial da provincia, onde residia.

—Oh! que horror! custo a conceber tanta perversidade em um sacerdote de Christol!

—Em conclusão, esse padre, cujo principio fôra de *guia* de gado nas mattos onde ha *tucanos*, e que com as mãos ainda cheias de immensos callos, largara o *ferrão* para folhear os livros da mais bella educação, esse padre, que se dizia filho de outro *padre*, porque o seu irmão Mussurunga o era tambem, tirando a freguezia, como já disse, viera arranchar-se na vizinhança do padre Rocha Vianna em quanto apromptava-se e preparava-se para seguir para ella, e suppõe-se que então o mesmo Rocha Vianna indignado por ter sahido vigario um *vaqueiro*, entendeu dirigir ao seu collega João Alfredo uma representação contra o clero, e n'esse seu procedimento não haverá quem o reprove.

—Ah! agora sim, quem tem a culpa é o irmão do tal Mussurunga; o padre Rocha Vianna justifica solemnemente o seu comportamento, e portanto os fóros de *illustrado*, *branco*, *morigerado*, et *reliqua* não lhe podem ser negados.

A cumbuca do Maciel mudou-se para o palecete ás Portas do Carmo onde se reuñem rapazes inexperientes sacrificando o seu dinheiro em proveito de dous ou tres expertos. Brevemente publicarei os nomes dos padecentes que ali vão.

O Socorro.

—Na ladeira da rua por onde passo, casa n.º 8, ha uma *entaipada* a quem cabe bem o qualificativo de fera engaiolada.

—Vive enclausurada?

—N'uma especie de *gallinheiro*, d'onde só vê sol e lua pelas fendas do tecido de junco que lhe cobrem as janellas

Mas a *nympha* côr de ebano, vingá-se barbaramente em uma creoulinha de 8 annos, da reclusão em que o traz a amante.

Procede de uma maneira cruel, selvagem, deshumana para com a indefeza creança, a quem não tem valido os constantes reclamos da visinhança.

—Pois ha de indubitavelmente valer-lhe o subdelegado do logar a quem vou communicar.

Motte.

*De Analia a doce expressão
Meu captiveiro formou.*

GLOZA.

Ternura inspira a Plutão,
Doma a fera a mais bravia,
Té aos numes extasia
De Analia a doce expressão.
Por ella meu coração
De amores se embriagou;
Meus ais Analia escutou;
E um sim dessa divindade
Prendeu minha liberdade,
Meu captiveiro formou.

—Quero contar-lhe uma tratada.

—Eu lhe ouço.

—Um individuo comprou géneros em uma loja e nunca pagou. O caixeiro cançou de procural-o. Nunca estava em casa, apesar de lhe ouvir a voz soar de dentro.

Um dia que o caixeiro o encontrou na rua, elle convidou-o á que fosse até sua casa. Julgando o caixeiro que era para receber o importe, acompanhou-o. O sujeito abriu a porta da sala e depois que apanhou-o dentro de casa ameaçou-o e insultou-o átzozmente.

—Isso é um assalto de bandido. Como se chama o sujeito?

—Por contêmplação ao José, não lhe digo. Saiba apenas que mora na ladeira da Avó de Christo.

—Si é lá, o Claudio ha de me dizer.

—Sr. Queiroz, adens. Si eu soubesso que V. ia indagar, não lhe contava.

Sempre a mesma gente!

Já não está terminada a missão do conselho administrativo do *Monte-Pio da Bahia*, porque até hoje contentaram-se esses senhores em convidar os socios atrazados ao cumprimento de seus deveres?

Porque por sua vez também não cumprem com o que lhes prescrevem os estatutos.

Não terá valor algum o art. 12 dos mesmos?

Basta de tanto governar!....

A trindade Lopez.

ANNUNCIOS.

João Luiz das Virgens e Friandes continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, suas officinas. Podem ser procurados em seu escriptorio á ladeira do Taboão, loja n. 70—D.

Adverte-se aos devedores da pastelaria á rua do Aljube que vão quanto antes solver seus debitos, sob pena de ser-lhes publicados os nomes sem excepção.

Quem precisar de uma mulher de cor, com bastante pratica, para qualquer serviço, ou seja de cosinha, ou de engommar, ou de acompanhar creanças, excluindo somente o de sahir á rua para comprar, procure nesta typographia que se lhe indicará.

Armador.

Antero Maximiano dos Santos Marques mudou a sua residencia da rua de Baixo de S. Bento para a travessa do Castanhêda n.º 6 em frente ao Sr. Boucher, tintureiro; onde pode ser procurado para os misteres de sua profissão e promette desempenho e commodo nos preços.

Adiverte-se ao Sr. Manuel da Costa Espinheira, para que vá, quanto antes, á rua do Taboão, loja n.º 4, entregar as fazendas que, em setembro de 1869, levou — em confiança — para amostra, ou alias o seu importe — 34\$560 — pois o dono da dita loja não tem obrigação de sustentar.

Na mesma loja precisa-se fallar — com urgencia — ao Illm. Sr. professor Raphael Rodrigues Cardozo, para negocio do seu interesse.

Gratifica-se generosamente a quem descobrir a branquidade do Pontes.

O reprovado.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª

TERÇA-FEIRA 21 DE MARÇO.

Ns. 766—767.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., Becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 20 de março de 1871.

Portaria ao fiscal da Victoria, recomendo-lhe uns ferinos cães da roça do Sr. Vieira, á ladeira da Barra, os quaes despençam-se pela ribanceira abaixo e veem morder quem passa na estrada; devendo S. m. advertir ao dono da referida roça disso. Cumpra.

—Ha cousa de um mez, para mais, embarcaram se em um dos vapores da Companhia Bahiana, da carreira da Cachoeira, dons passageiros. Em certa altura tomaram canôa para os transportar ao logar de seus destinos.

Dous dias depois, os catáveres desses individuos davam á costa em logares differentes e até hoje não se tratou de saber o que causou a morte áquelles dons infelizes, nem se indagou tambem si com elles naufragaram suas bagagens.

Não quero affiançar que se perpretrasse um crime, sou até propenso a erer que fosse o effeito de algum desastrado acontecimento, mas me parece que são factos de magnitude tal que a authoridade não deve dormir nelles, meramente quando a voz do povo, que, dizem, ser voz de Deus, põe sobre elles a bocca.

—Eu entendo que V. pensa com toda discrepção e acerto.

—Preconise o Sr. Antoninho do aceio a sua empreza como quizer. A verdade não se torce; o serviço é mau, é mau, é mau!...

—Louvor em bocca propria é vituperio.

—Quem tem seus olhos bem vê. Si elle appella para o publico e não tem a merecida reprimenda, é porque o publico, especie de criança grande, se deixa levar por quanta caraminhola lhe apresentam.

—Não ha mais escarnecedora zombaria do que esse appello feito ao publico.

—Nesta estação calmosa, andam os carros da limpeza ás onze horas e meia do dia levand-

tando poeira que suffoca os transeuntes. Isto é serviço bem feito?!

—E as ruas ficam poreas. Na rua do Collegio os carroceiros, ha tres dias, que passavam por dons inchados e formidaveis ratazanas e não os levavam nos carros.

—E o becco do Arcebispo, ha muitos dias, não é varrido.

—Ora peegos para semelhante systema de aceio.

—Soube que as africanas aguadeiras fizeram uma colligação?

—Não.

—Anda atrazado com as cousas de sua terra.

—Eu não me importa com o que não é da minha conta.

—O guarda do chafariz do Ferreiro adquiriu a antipathia das negociantes de barril d'agua, pelas maneiras bruscas e impertinentes que usava para com ellas. Não queria que derramassem agua quando enchiam os barrís e exigia por isso mais um vintem; prohibia que lavassem a cara ou que arrastassem os barrís

Reuniram-se em baixo de uma das arvores e ahi discutiram e deliberaram não carregar agua no dito chafariz emquanto o homem não mudasse de opinião. Dividiram-se em tres turmas, indo uma para Guadalupe, outra para S. Bento e outra para o Pelourinho. Comminaram uma multa para aquella que infringisse o que ficava assentado.

O resultado é que o homem esteve isolado na segunda e terça feira e viu-se obrigado a mandal-as chamar e dar satisfação á cada uma de per si e a presental-as com duas garrafas de vinho.

—Homem, si a mania dos meetings pega, até nos africanos, é prova que corremos a galope na estrada da civilisação.

—Na insaciavel voragem com que os larpios vão devastando esta terra, não ha mais para onde appellar.

Uma horda de mal-feitores assentaram de

passar a custa do alheio e vão vivendo comodamente.

Quem já viu uma medida sequer, uma única, para conter, a torrente de depredações e latrocínios com que ultimamente os larapios tem affligido ao povo inteiro?

Não ha para quem recorrer; a cidade está sob a assoladora acção dos salteadores e gatumos.

—Os roubos ja não tem conta.

—Quarta feira a parda Clara, moradora á ladeira de S. Francisco casa n.º indo á freguezia de Brotas, voltou no dia immediato. Encontrou uma porta travessa de sua habitação arrombada e a casa roubada. Levaram lhe em dinheiro 600 rs. e diversos objectos de prata.

—Tambem a venda do Sr. Cornelio, na mes a ladeira, foi experimentada a escôpro. Um dia destes, não conseguindo os ladrões arrombar-a por algum incidente.

—Elle que se guarde.

—Na cidade baixa, um individuo praticava a mesma operação na porta de um armazem. Na noite de quarta feira. Sendo visto, deitou a correr.

—No Areial de Cima invadiram uma casa pelos fundos e levaram 39 gallinhas, roupas e diversos objectos.

—E a policia acha tudo isso ainda pouco e não dá importancia a noticias de gazetas!

—O Bomfim nas sextas feiras é um lugar propicio á praga do olho-vivo.

O bando de farejadores dos bolsos dos circunstantes corre para aquelle sitio na certeza de que elle lhes fornece fertil campo para suas gentilezas.

Trajados com apurado luxo que lhes proporcione a suave meio de vida adoptado. misturam-se na multidão, acotevelando a gente, apalpando a uns, cortando a cadeia do relógio a outros, de sorte que nunca fazem a viagem atôa.

—Na sexta feira houveram muitas empalmções. Entre outras, roubaram o relógio de um individuo, safaram a carteira com cento e tantos mil reis de um Sr. Calmon e vinte mil reis do bolso da calça de outro individuo.

—E por isso não ha gente mais devota e pontual adoradora do Senhor do Bomfim ás sextas feira do que a do olho vivo.

—Como tem a lingua porca este doudo!

—E' sempre assim. Rasgando todo panno que encontra e emendando em tiras como si quizesse tomar medida ao mundo inteiro e pronunciando obscenidades.

—Vive quasi nã.

—A's vezes completamente.

—Aqui na rua dos Arianis, ao Bomfim, com tantas casas e tanta gente habitando, como consentem!

—Cousas e cousas da terra.

—O mundo está perdido.

Um irmão vendendo sua irman.

—Que malvado! querer escravizar sua geração!

—Não foi a liberdade da irman que o monstro quiz vender, capitão, mais do que isso, a honra.

—Perverso! Ente abjecto!

—Sabendo que um tal João Bocorio andava em busca de uma companheira, por lhe ter desaparecido a sua, contractou-se para lhe fornecer uma. Tomou 400 rs. para transporte, foi á Itacaranha, e disse á irman que uma tia se achava moribunda e não podia expirar sem vel-a. A ingenua moça acreditou nas palavras do irmão, especie de Pedro mal-as-artes, acompanhou-o e elle veio entregal-a a João Bocorio, dizendo aquella que ali ficasse que logo voltaria.

Passados os momentos de hospede, João Bocorio convidou-a a tomar posse da casa: foi quando descobriu-se a trama do Piroca.

—Degenerado irmão!...

—A irman, mais briosa que o indigno irmão reagiu contra toda convenção que lhe propôz João Bocorio e indicou a casa de um padrinho para onde queria ir.

—Esta devassa Latronopolis tem attingido á meta da depravação. Não ha scena por mais polluta de que ella não tenha sido o theatro.

—Capitão, vi um caso que me fez arrepiar os cabellos, e senti, palavra de honra, calefrios!

—Algum lobis-homem, alguma mulla sem cabeça, ou alguma alma do outro mundo, não?

—Não cassúe, olhe que o caso é serio.

—Pois vamos logo com isso.

—Tive necessidade de ir ao cemiterio do Campo Santo.....

—Parece-me que eu advinhei, é negocio de alma do outro mundo!

—V. Ex. pelo que vejo, não me quer ouvir?

—Si eu o não quizesse ouvir, já me tinha retirado.

—.....vi entrar o carro que conduz os defuntos pobres do hospital; conduzia o cadaver de um homem que os medicos haviam feito autopsia, estando por conseguinte em postas.

Momentos depois vejo um dos pretos trabalhadores do cemiterio sair com um peda-

co de carne que tirou do cadaver. Chamei-o e indaguei para que levava elle aquelle pedaço de carne humana.

«E' pra fazê remedio, sinhô, respondeu-me elle e foi retirando-se.

Uma rapariga que ali se achava tambem, me disse:

«Que remedio, meu senhor!... aquelle pedaço de carne de defunto que elle leva, dizem, é para fazer com que os homens amasiados fiquem sempre presos e jamais larguem as amasias.»

—Infeliz do desgraçado que comer aquella carne!

—Agora attenda V. Ex., qual não seria a minha surpresa, quando soube que o cadaver de que o preto levou o pedaço de carne era de um homem meu amigo, que a irman nao querendo ter trabalho com elle, jogou-o no hospital!...

—De facto faz recuar espavorido ante este quadro de impiedade e superstição!

—Aquelles dous sujeitos cahiram nas garras da policia. Lá vão presos.

—São dous ratoneiros; *Sabe-ler* e outro. Foram encontrados ás onze horas da noite na cidade baixa em *projectos*; o cabo Garcia mandou-os presos.

—Ah!... que peça pregaram os maganos na policia!

Na rua do Tijollo largaram-se cada um para seu lado, deixando os soldados de bocca aberta!

—Cousa celebre!

Esta policia uma hora antes conduzia um ebrio, que mal podia mecher-se, preso pelos cós da calça; agora traz dous ratoneiros, ageis possantes, soltos á vontade para dar lugar a que elles lhes escape das unhas!

—E' uma mesmo para dar o que pensar.

—Quem diz que esta cidade tem acieo e limpeza, ainda não viu porcaria.

O largo do Theatro está reduzido á uma completa montureira.

—E' verdade; no passeio dos assentos do lado da ladeira da Conceição tem gallinhas e gatos mortos, de maneira que exhalam uma fedentina insupportavel!

—Alem do nauseabundo cheiro de ourina pôdre, que se respira ao passar pelo referido largo.

—Tanto faz V. fallar, como não; isto é clamar no deserto.

—As consequencias das travessuras desses meninos vadios, são sempre fataes.

—O que se deu?

—Uma desgraça.

—A culpa recae a mais das vezes sobre os paes ou os senhores.

—Na sexta feira um menino, de côr escura, não achou onde vadiar si não sobre a muralha da nova rua que se está abrindo pela montanha entre as ladeiras da Misericordia e Conceição.

—Que imprudentezinho!

—Entrou pelo becco das Escadinhas, ao Pau da Bandeira, galgou a muralha e poz-se a andar de um para outro lado. De repente rolou daquella immensa altura e cahiu sobre as pedras sem sentidos lançando grande quantidade de sangue. Apanhado, foi conduzido para casa, enrolado em um esteira.

—Realmente causa pena.

—Capitão, V. Ex. assistiu o espectáculo extraordinario do circo gymnasio—*Auriol*, no sabbado 13 de março?

—Assisti; gostei de ver aquelles jovens trabalharem; trabalham artisticamente!...

O joven Mattos, nos puladores do Olympo, trabalhou bellissimamente, a não deixar nada a desejar.

Foi geralmente applaudido, podendo dizer-se que pertenceram lhe as honras da noite!...

—Espelho no qual se mira a civilisação da epocha:

«HORRORES DA GUERRA.—A proposito da passagem por aquella cidade dos francezes aprisionados nas ultimas batalhas nos arredores de Orléans, escrevem de Nancy:

«Os ultimos prisioneiros feitos em Orléans foram conduzidos de França para a Alemanha em wagons *descobertos*, viajando de dia e de noite, com um frio de 10 e 12 gráus.

«Ao chegar a Nancy, os infelizes amontoados nestes vehiculos, tinham neve até ao ventre: havia quatro ou cinco gelados em cada wagon, e os demais soltavam gritos de frio e de fome.

«As senhoras de Nancy tiraram os chales, e os homens os gibões, para os atirarem áquelles desgraçados, com alguns alimentos, e o comboio continuou seu caminho.

«Que thesouros de odio e de vingança amontoados para o futuro!»

—A falta de policia nesta cidade dá lugar a muitas cousas.

—Já V. vem com alguma das suas!

—Não é das minhas não, é das dos capadocios desta terra.

—O que foi que houve?

—No sabbado, depois que acabou-se a representação do circo gymnasio—*Auriol*,

uns engraçados que lá estiveram entenderam quebrar as vidraças das casas da rua da Lapa.

—Que malvados!

—Publicou o *Alabama* que a um pobre diabo encasquetou-se que devia entreter *namor de caboclo* com uma senhora, dirigindo-lhe cartas que eram correspondidas por um traquino moleque, e enviando presentes que o mesmo punha no papo.

Peis um Sr. Salustiano, com tenda á la-deira de Sant'Anna, não tomou que a cousa se entendia consigo?

—Está doudo varrido.

—Diz elle que quem mandou a empada foi sua pessoa.

E no domingo veio com um formidavel cacete para defronte da typographia, dizendo que vinha quebral-a, convidando para isso Julio Feijoada e outros. Pediu a uns e outros que lhe mostrassem os donos, que queria es-lordal-os, porque não deviam aceitar um tal papel contra elle.

—Dá-se que desfructe!

—E desse dia em diante leva toda noite a passar repetidas vezes para lá e para cá, pela frente do estabelecimento, a parar defronte, a queixar-se a todos que encontra.

—Decididamente está demente.

—E anda pelos conventos, pelas tendas de barbeiro, pelas casas de negocio, a dizer que ha de fazer e acontecer, relatando ameaças e projectos de vingança que pretende exercer, porque conta com muita gente boa a seu favor. E nesses logares por onde anda, o espirito galhofeiro acha largas para entreter-se á custa do pobre homem que parece ter perdido o sizo.

—Debicam-no em regra.

—Em toda essa irrisoria farça, ha porem um lado serio, para o qual chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia e das mais authoridades.

Um individuo de nome Miguel, conhecido pelo *Peixe gallo*, nutrido rancor contra um dos proprietarios da typographia, aproveita o ensejo para insufflar o homem a que commetta violencias, offerecendo-lhe armas, aconselhando-o até a que vá tocar fogo no estabelecimento, o que é sabido por mais de 6 pessoas que estão promptas a jurar por terem visto e ouvido, accrescentando esse canalha que traz o *mulato* do *Alabama* atravessado na garganta.

Ora, doente, como parece estar, a imaginação do Sr. Salú, podem muito bem os *salutares conselhos* do miseravel fazer pressão no seu espirito, e o homem ser victima de uma imprudencia.

—Sirva isso de prevenção.

—Mas porque se ha de agastar o Sr. Salú, quando a publicação não se refere a si?

Si S. m. ainda está em duvida declaramos-lhes em alto e bom som que não é com elle. E' com um desfructavel *rato* que entendeu dever servir de bôbo, namorando uma senhora, sem esta saber, porque está sendo mystificado por um travesso moleque que o bigodeia comendo-lhe os presentes e respondendo-lhe as cartas. E' com um *peteca* que jurou não entrar no seu quarto sem ser com a futura noiva e por isso dorme toda noite sobre um banco. O Sr. Salú não pratica isso, não dá semelhantes desfructes; é um homem que não é mais criança, um artista laborioso e grave; como estamaga se?

A comparação da boceta é somente porque o toleirão namorador faz uma caixiua pelo mesmo molde porque S. m. fez a boceta que offereceu ao imperador.

—Em quem é esta estrondosa descompostura?

—Em um dos donos da typographia, onde se imprime o *Alabama*.

Esta mulher chama-se Izabel; da janella do Sr. Bispo de Florença, no Terreiro, viu o homem passar encostado á botica do Barata e despeja sobre elle os epithetos mais injuriosos, os ultrajes mais acres e insultuosos, o articulado da mais rafada farpella.

—A estupidez desta mulher, como a de muita gente, dá para entender que tudo quanto se imprime n'uma typographia é obra dos donos da mesma. Neste ponto desculpa-se-lhe pela ignorancia.

—Mas o facto de sahir seu nome n'uma folha não lhe dá direito a lançar aquelle montão de injurias, a usar daquella linguagem torpe e immunda, tão immunda como a bocca da marafona que as despeja.

—V. o que tem com isso? Ella que continue; quem boa cama fizer nella se deitará.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

VI.

Na imprensa, como na tribuna as questões só podem ser debatidas, quando na attitude do assumpto. Invertel-as, desnaturar-lhes a forma—é do escriptor sem pejo e mercenario.

Mudar a significação absoluta dos termos, e o restricto valor das proposições, de modo a interpretal-as ao seu bel-prazer, e amoldal-

as á conveniencia propria — é fraqueza no juizo, si não falsidade no character.

E justamente foi assim que procedeu o Sr. Loureiro para o fim do seu opusculo.

Levado exclusivamente pelo ensejo de atturar nos a affronta no insultuoso campo de ameaças, qual mais vehemente, excogitou todos os meios, empregou todos os recursos, e invidou todos os esforços; de sorte que baralhando todo o assumpto, satisfez o seu instincto de fera no miseravel plano de suas concepções; felizmente que tudo ha de receber a sua conveniente resposta.

Firme pela victoria de nossos direitos satisfaremos á tamanha insolencia, e certifique-se o Sr. Loureiro, de que si todas as pennas portuguezas, que se erguessem contra o Brasil, fossem como de sua bitola, apenas serviriam para mais realçar o brilho da honra nacional ao envez de mareal o: a verdade tem horror á mentira, o merito foge do demerito, a justiça não pode encarar a corrupção e muito menos o opprobrio e a ignominia, e os homens de bem, quando atassalhados em a sua propria dignidade por outros, que se dizem diffamadores, d'elles nenhum caso fazem, á opinião sensata do publico deixam o julgamento, e é quanto basta.

Sim: a razão é bem simples de comprehensão; o justo e o reprobó formam o contraste mais anthitético na ordem moral do universo.

Si nos vae faltando já a condescendencia, de que temos até hoje usado para com esse nosso adversario, e receiamos perder de toda essa indulgencia empregada pela monstruosidade de suas asserções.

E si não vejam aquelles que nos leem.

Depois de asseverar sob a presumpção de estapido orgulho de que a sua terra natal por maneira alguma pode ser grata ao Brasil, vom tratar da hospitalidade, que recebem os seus patricios de nós brasileiros, e então naquella forja de disparates deparam se mais estes. Eil-os:

«Porque razão chama o consul ao Brasil — hospitalero imperio?»

«Para que apregoarem se virtudes, que se não leem?»

«Pois hospitalidade se revela em procurar-se os hospedes em noite de regosijo publico para nelles cevar os seus instinctos sanguinarios, e os seus enthusiasmos selvagens, como succedeu pelo fausto successo da passagem de Humaytá em 1868, de modo que no Rio de Janeiro alguns subditos portuguezes foram desacatados, e até a bandeira nacional arrastada pelas ruas?»

«E chama-lhes generosos aos seus compatriotas, o consul! Até parece que as pala-

avras, creadas entre nós para exprimirem os nobres sentimentos da nossa alma, tomam um sentido avesso proferidas por aquelles homens! Generosos, elles! — como si coubesse generosidade em almas pequenas, e em corações empedernidos no trafico aviltante da escravatura!

«Hospitaleros, elles! — como si para comprehender a hospitalidade não fosse mister, antes que tudo, uma alma grande, e um coração bem formado.....»

Respondamos a primeira parte d'esta questão, e em seguida apreciemos a segunda.

De duas uma: ou a denuncia, que teve o Sr. Loureiro por intermedio dos seus patricios foi por demais falsa, ou foi ella invenção da cachola de S. S.

D'esse dilemma não poderá escapar S. S. sob pena de ferir se para qualquer dos lados, que tente abraçar, sim: porque, sob palavra affirmamos, que por essa occasião nada, que fizesse desabonar o character portuguez, se dera na capital do imperio, lá estavamos, e nem o menor ruido resonou a tal respeito.

Para deshonra nossa e honra do Sr. Loureiro os proprios patricios d'elle que nos dismintam.

Nenhum estrangeiro fôra desacatado e suppondo por um momento que similhante passo fosse dado, nós, Sr. Loureiro, não teriamos rasão e de sobra?

Si os vossos patricios que viviam em perfeita communhão connosco, que se julgam com direito á nossa fraternidade, eram os primeiros a procurar desprestigiar os nossos feitos, e á nossa vista, não nos restava o direito, não nos permanecia a liberdade de fazel-o? Sim: e sim.

A bandeira portugueza n'essas occasiões devia ser levada de rastros pelas ruas mais immundas da capital, e quando bem enlamegada deveria ser deixada á sanha furiosa da matilha para ter o destino merecido; mas felizmente que o povo brasileiro não o fez, e pela sua honra nunca o fará; elle é muito generoso e nobre, não paga o insulto pelo insulto, a ingratição pela ingratição; elle já é muito civilisado, e actos tão reprovados não poderá jamais practicar.

Esta é que é a verdade, Sr. Loureiro, é a logica dos factos, quem falla.

Que os brasileiros não podem ser generosos, diz o Sr. Loureiro, e nas declamações faz o seu cavallo de batalha; não é para admirar, S. S. é capaz de muito mais.

Ahi estão os seus patricios, e elles que digam si muitos não se acham estabelecidos pelos unicos esforços de nós brasileiros, elles que para honra propria que digam em alto e

bom som si jamais recorreram a um brasileiro, que os podesse servir, que não fossem acobardados.

Aqui, Sr. Loureiro, convem dizer-vos uma verdade assaz dura de ouvir-se, e é que os vossos patricios são justamente os que maltratam aos seus conterraneos recém-chegados.

Hoje muitos portuguezes acham-se em melhores condições, que os seus avós, sendo nacionaes, estes deram-lhes as mãos, e elles acceitaram-as.

E poderia citar-vos um sem numero d'estes exemplos, mas para que, si vós, melhor que nós, o sabeis!

Elles ali estão, e nos dismintam, si possível fôr.

Ainda continuando prosegue d'este modo o nobre redactor do *Salamaleck*: «Pois hospitalidade é a pressão exercida com as mais severas leis sobre algum dos nossos conterraneos, quando acaso practique o mais leve delicto?

«Hospitalidade é a paridade entre a condemnação de um portuguez á seis annos de degredo para a ilha de Fernando de Noronha pelo roubo de quatro saias, e a d'um brasileiro, julgado na mesma occasião, a oito mezes de cadeia pelo roubo de mais de cem contos de reis ao Banco Rural do Rio?

«Hospitalidade é a ancia feroz com que a ralé do povo brasileiro aguarda, ainda hoje, o anniversario da sua independencia, para, a uma senha dada, romper em toda a especie de desacatos e excessos contra os portuguezes pacificos, residentes no imperio?

«Hospitalidade, finalmente, é o insulto nas praças, na imprensa, e no parlamento; no parlamento tambem onde os nossos conterraneos tem sido *amigavelmente* apodados de sangue-sugas, e de outros epithetos não menos amigaveis?»

Quanta injustiça, quanta barbaridade!!

Onde, em que parte, em que villa, em que logar em summa no dia festejado da nossa independencia se apupa os portuguezes?

Em que recanto do imperio se opera este phenomeno?

Em que tribunal já se infligio grandes penas a um portuguez com relação a um brasileiro imputado e provado na mesma falta ou crime?

Em qual das camaras ousou o representante do Brasil denominar de sangue-sugas aos portuguezes.

Assim poderá negar até o poder do Altissimo o Sr. Loureiro!!

Argumentando-se por esse modo não ha paiz que preste, nenhum homem que seja honrado.

Felizmente que todos já conhecem hoje o

caracter do Sr. Loureiro, e é quanto basta.

Parodiando as vossas palavras, podemos dizer: Não - os brasileiros tem uma alma magnanima e um coração bem formado, vós é que sois os mesquinhos no animo e na acção, sim porque dizer o que ousaes é só de uma intelligencia corrupta e depravada.

Ouvia, Sr. Loureiro!

Por hoje basta, no proximo numero continuaremos.

Mario.

A PEDIDO

Palinodia

revista, correcta e augmentada por um namorado repellido.

Querido amigo, a casar
Vendo te assim inclinado,
Pela verdade forçado
Vou sem rebugo fallar;
Nas damas has de encontrar
De genios diversidades;
E para que divindades
Não as julgues, attenção!
Vou dizer o que ellas são,
Ouve as suas qualidades.

Mais ou menos inconstantes
Todas as mulheres são;
Mas para fingir paixão
As Marias são galantes;
As Paulas são pouco amantes,
Uma Antonia é muito ufana,
Uma Adelina é tyranna,
Uma Rosa muito esquiva;
Mas sobre todas altiva
E' a que chamar-se Anna.

As Luizas tem seu geito...
Mas são moças azougadas:
Só se mostram assucaradas
Para embaçar o sujeito.
E que direi a respeito
De uma Mathilde ou Silvana?...
Sonsas são, qual Juliana...
A Lucinda é muito arteira,
Porem não tanto matreira,
Nem maldosa como Anna.

Virginia é muito ciosa,
Mui medrosa Evangelina,
Mui requebrada Corina,
Melania mui preguiçosa,
Blandina é pouco extremosa,
Adelaide deshumana,
Ursula não palaciana;
Josepha tudo mal-diz;
Porem mostarda ao nariz
Nenhuma traz como Anna.

Tem mans bofes Ursulina,
 Tem faniquitos Cantidia,
 Senhorinha ou Leonidia
 De pedir trouxeram sina;
 E' mui velhaca Jovina;
 Lina muda por semana;
 Florencia, Sara, Luciana,
 Rachel, Belmira, Henedina...
 Cada qual é mais maligna,
 Porem não tanto como Anna.

Enfrosina é galhoseira,
 Felicidade beata;
 Laura tem genio de gata;
 Lourença é muito loureira;
 Leonor é interesseira;
 Felicia e Martiniana,
 Idalina, Cassiana...
 Todas morrem por janella;
 Mas inda assim não dão trela
 A rapazes como Anna.

Henriqueta é incapaz
 De guardar qualquer segredo;
 Clotilde tem, qual penêdo,
 Genio forte e pertinaz;
 Lucrecia séria se faz;
 Herminia é bem pouco lhana,
 Aurelia tem sempre gana
 De namoro; mas, coitada!
 Inda assim não é culpada
 De perjuros como Anna.

Cordolina é aluada,
 Elvira peor que féra,
 Miquelina... desesperal
 Balbina é cobra damnada,
 Ernestina é tresloucada,
 Gasguita Severiana,
 Vira-folha uma Germana;
 Adelia tem pouco acento;
 Porem vária como o vento
 Eu só conheço uma... Anna.

A Ricarda, a Rosalina,
 Qualquer dellas é nojenta;
 Para amar não serve a Benta,
 Nem tão pouco Marcolina;
 Pouco firme é Virgilina;
 Rosalia em tudo chicana;
 Tem má lingua Floriania;
 Brasilia finge a valer;
 Mas vaidosa até morrer
 Eu não vejo sinão Anna.

E' mui simploria Thereza,
 Otilia muito infiel,
 Ignez agra como fel,
 Veneno puro uma Andreza!
 Não contes achar firmeza
 Em Florinda e Aureliana;
 Eva é sujeita magana,

Carolina mentirosa;
 Porem a mais perigosa
 De quantas existem é Anna.

Não queiras com Eugenia graça,
 Nem com a santinha Eulina,
 Si sorrir-te uma Porcina,
 Resa o credo em cruz, e passa!
 Uma Adalgisa ultrapassa
 Em ciumes Lauriana;
 Flavia por uia *banana*
 Soluça, esbraveja, berra!
 Mas não faz em casa a guerra,
 Quo por um nada faz Anna.

(*Continúa.*)

—Capitão, ha dias presenciei um caso as-
 coroso.

—Qual foi?

—Subia a ladeira da Misericórdia um ve-
 lho, de côr preta, descalço; descia uma criou-
 la de espavento, têsca como um *quiabo duro*.

Ao cruzarem-se, estabeleceu-se entre elles
 o seguinte:

«—Maria Felippa...

«—Meu pae, eu tenho casa; quando qui-
 zer fallar comigo, me procure lá.»

Ouvindo tal resposta, o velho curvou a ca-
 beça e seguiu cabisbaixo.

—Porem ao que vem isso?

—Para lhe mostrar este mundo como é
 cheio de vaidades; até uma rapariga que
 nada vale, se envergonha de fallar na rua com
 o progenitor de seus dias, porque este é um
 pobre *cangongo*.

○ **pau de sebo.**

Vê se no meio da praça,
 Um novo prelio travado,
 Entre um homem denodado
 E longo mastro sebo.

E' tantalismo jocoso,
 E' lucta de sobe e desce,
 Cada vez o pau mais cresce,
 Cada vez mais sebo acode!

O pobre quer e não pode:
 O peito, a barriga esfrega;
 Si aperta — o pau escorrega,
 Si afrouxa — escorrega o pau.

Não pode encontrar um vão
 Porque tudo é sebo só,
 E quando o sebo faz nó
 Ainda resvala mais.

Os recursos usuaes
 Todos 'lhi baldados são;
 Si apoia o pé — corre a mão;
 Si apoia a mão — corre o pé.

Da turba—que ávida vê
Essa lucta desigual,
Cada escorrego lhe val
Estrondosa gargalhada...

Surge então desafiada
A vontade de vencer,
Mas nada vale querer
Contra o sebo que não quer.

E lá o premio a descer...
A bater-lhe na cabeça...
Porem—ai—a sorte avêssa
Fal-o do premio fugir.

Embaixo todos a rir...
Em cima premio a brilhar...
Maldicto sebo a embargar!...
Que terrivel posição!

Mal haja a lei d'attracção
Que assim ao sebo se allia
Contra o pobre que porfia
A trepar tão longo pau...

Tal das filhas de Danau
Era o trabalho baldado,
Si lá era—pau furado,
Aqui é—seboso pau.

Victoria, 1.º de fevereiro de 1871.

Quem pergunta, quer saber.

O Xico borrador ou pintor, terá por fim
acabar com a irmandade da solfa?

O Murciú mestre capellado terá aconse-
lhado para isto!!!

Ou os ultimos trovões teriam incendiado as
contas?

Coitado do compromisso,
Entregue á certa gente,
De ha muito sempre infeliz
Mas alguém sempre contente!!

Muito soffre a irmandade
Com esta tal direcção;
Abusos, sim! sim! deleixo
Tudo alli ha em porção.

E' preciso o illustre doutor
Que das capellas é juiz
Acabar com a velha mesa
Que dar posse inda não quiz.

O compromisso diz quinze dias
Da festa a não exceder
Quatro mezes passados são,
O que isto quer dizer?

Chiton! chiton! chiton! O Tempo mostrará.
O observador.

—Capitão, uma noticia a ultima hora.

—Venha lá com isso.

—No domingo, pelas 7 horas da noite,
uma sucia de moleques, que vinham da rua

Nova de S. Bento, encontrando um outro, ao
sahir ao largo de S. Pedro, deu uma cacetada
fracturando lhe um braço!

Este gritou aqui-del-rei, e nem um guarda
policiaal siquer appareceu.

—Eu o que sei, é que esta terra vae mar-
chando progressivamente.

—Tenho mais uma outra, capitão.

—Sempre vem V. com suas noticias depois
de terminado o expediente.

Avie-se.

—Os doentes de febre amarella do hospital
da Misericordia estão sendo removidos para
o pavimento por cima do *Forum*.

—Somente?

—E' só, capitão.

—Então empine-se!

ANNUNCIOS.

Hodie mihi eras tibi!...

Eduardo Firmino da Silva, Candido Ricar-
do de Sant'Anna e Aristides Ricardo de Santa
Anna convidam a todos os seus amigos para
assistirem a missa e memento que se ha de
celebrar, na quinta-feira 23 do corrente, 1.º
anniversario do passamento de sua presada
mãe D. Maria Joaquina de S. José, no con-
vento dos religiosos franciscanos, pelas 8 ho-
ras da manhan, e por cujo acto de religião e
caridade desde já se confessam eternamente
gratos. Bahia 20 de março de 1871.

Para quem gosta.

Acham-se expostas á venda duas novas mo-
dinhas unidas, intitulasdas—*Os Dois Anjos*—
nas lojas de livros do Sr. Martin ao largo da
Praça, e de charutos do Sr. Laurentino, á rua
Direita de Palacio. Preço 270 rs.

Quem precisar de uma ama para engommar
ou cosinhar, dirija-se ao Cruzeiro de S. Fran-
cisco n.º 9.

Atenção.

Na rua do Bangala casa n.º 51, indica-so
quem dá dinheiro a premio sobre penhores
por modico premio. Bahia 15 de Março de
1871.

João Luiz das Virgens e Friandes conti-
nuam a encarregar-se de obras de pedreiro e
carapina, suas officinas. Podem ser procura-
dos em seu escriptorio á ladeira do Taboão,
loja n. 70—D.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª

SABBADO 25 DE MARÇO.

Ns. 768—769.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEIDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que se digne de acolher favoravelmente a reclamação da Sra. Bernardina Maria Ribeiro, moradora ao becco do Arcebispo, na qual pede que lhe seja restituído seu filho menor Felix de Valois, o qual se acha desencaminhado desde principios do mez de dezembro e lhe consta ter seguido para o Inhambupe da Praia, levado pela Sra. Margarida Maria do Nascimento e seu amazio Luiz Ferreira da Costa, que moraram ao Cruzeiro de S. Francisco.

Não tendo a reclamante, apezar dos esforços e diligencias empregadas, podido conseguir obter novos ou maus dados do referido seu filho, recorre á intervenção de S. S. como a unica competente em taes casos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, communicando-lhe que diversos moradores da rua do Cabral queixam-se da petulancia e impunidade com que uma caterva de moleques affronta na referida rua a decencia e o socego com alaridos e obscenidades todas as noites; pelo que espera-se da não contestada actividade de S. S. providencias em termos.

—Capitão, um facto selvagem e atroz.

—Vá começando.

—E com tudo eu não posso relatal-o claramente. V. Ex. melhor do que eu comprehendendo como são as cousas nesta terra e sabe as immundices que o manto das condescendencias dispende a certa gente collocada em tal ou qual posição.

—Então perde o feitio a sua novidade.

—E' bom sempre que se saiba as atrocidades que se perpetraram no seio de uma sociedade illustrada como esta.

—Acho rasoavel.

—Então um momento de attenção.

De uma casa desapareceu certa quantia e foi attribuido o roubo a um rapaz pardo, escravo da mesma.

Para confessar, foi posto em tratos. Depois de soffrer o martirio dos *anjinhos*, foi hontem, quarta feira, cruelmente surrado e depois de torturado pelo azorrague, lhe applicaram pimenta sobre as chagas.

—Oh, isso passa de perversidade.

—Não sendo esses tormentos bastantes para arrancar do paciente a confissão exigida, foi elle pendurado pelos braços á uma arvore por espaço de duas horas, flagello que se repetiu hoje pela manhan.

—Quanto canibalismo!

Mas como V. pode saber disto?

—Eu estava trepado n'um *outeiro* de onde se descortina a vista de nossa formosa *barra* e d'ahi presenciei.

—E um homem deste porque goza a *fe de rico* julga-se com supremo arbitrio de trucidar seus semelhantes!

—Que horas são?

—Uma da madrugada já sou.

—E aquelle vulto pela ladeira de S. Francisco, carregado como um ouriço-caixeiro.

—Entrou no becco das *Facadas*.

—Neste tempo de tantos larapios, quem sabe si aquelle sujeito não será um delles? Vamos espiar?

—Si entende que devemos ir, vamos.

—E' bom a gente ver para saber; o cujo não é larapio; pelo contrario é um daquelles incumbidos de velar sobre os larapios.

—Um agente policial.

Mas onde foi elle arranjar tanta carne do sertão á esta hora?

—Pelo que pronuncia uma voz de mulher, lá na *cafurna*, talvez saibamos a procedencia: «Sr. Geraldo, aqui V. não deixa esta carne; amanhã eu não quero estar apertada.»

—Ouviu?

—Perfeitamente.

—E que acha?

—Que nos retiremos; para o que queriamos saber, já basta.

—Si V. quer va; eu fico ainda para ver si neste negocio do Sr. *Geraldo, bispo*, mais alguma cousa.

—Si houvesse nesta cidade uma policia activa que dêsse cabo de certos malandros, a devassidão não estaria n'ella tão adiantada.

No sabbado á noite, o Sr. capitão Almeida Couto, empregado na secretaria d'assembléa provincial, seguia pelo largo do Theatro, quando apresentou-se lhe um sujeito branco, bonito e pôz se a rebocal-o.

O Sr. Almeida Couto, massado com aquillo, perguntou lhe o que queria?

«—Quero que me desaperte.

«—Mas, te orquin o homem, desaperthal o em que sentido, meu amigo?

«—Me dê ahí dous mil réis, disse o cujo, que eu estou muito preciso.

«—Não tenho dinheiro, para sustentar viciosos.

«—Ora! dê os dous mil réis, disse o peralta, e me leve em sua casa, que eu faço uma cousa que o Sr. ha de ficar satisfeito.

«—Retire-se, disse o Sr. Couto, eu sou um homem casado, e veja bem que não tenho a cara d'esses devassos que por ahí andam.»

—Na verdade si a policia se occupasse em agarrar esses perltas sem meio algum de vida, que querem forçar os preceitos naturaes, para desta sorte obterem dinheiro para seus vicios, por certo que a devassidão não estaria em tão alta escalla!

No tempo em que serviu de chefe de policia desta cidade o Sr. Dez. Freitas Henriques, desapareceram do largo do Theatro os celebres Manuel Bahia e José Roberto, assim como um yaya Mariquinhas que havia na portaria de S. Francisco.

—Neste caso, vamos pedir ao honrado cavalheiro que se acha hoje a frente da policia desta provincia, para que imite o exemplo do sempre lembrado Freitas Henriques, prestando assim, em nome da moralidade, um valioso serviço!.....

—Capitão, um caso singular.

—Ouvirei, se lhe apraz.

—Um rapazola, filho do Sr. Mundin da Caixa Economica, raptou uma moça, na segunda-feira e carregou com ella para casa de seus paes.

—Os paes de quem, homem?

—O pae e a mãe d'elle, capitão.

—Bonito lance de respeito filial!

—A moça, segundo dizem, sahio de casa dos parentes em perfeito estado de virgindade; no seio da familia do raptor foi que houve o defloramento.

—Lá isso é por conta de quem disse; ninguém viu.

—Como é isso exemplar e moralizador.

Ora bem se diz que a mulher não se agrada do carrapato por não conhecer o macho.

—Então porque?

—Pois uma criança daquella, sem officio nem beneficio, sem ao menos saber regularmente as primeiras letras, que a irman era quem escrevia as cartas de namoro.

—Mas V. não diz que foi com o apoio do pae e da mae?

Elles que aguentem com a trouxa.

—Mas *cadê* p'ra ferir?

—E digam que esta terra não galga os degraus da perfectibilidade!

—Explosão na maxambomba.

—Quando foi esse estouro?

—Na terça feira.

A machinan.º 2 esparralhou-se na Madragoa, interceptando o caminho.

Felizmente não houve caso serio a lamentar; o incommodo maior foi o de terem os passageiros de fazerem a viagem a pé.

—Logo no dia, em que metteram machinista novo, acontecer este trastorno!

—A religião catholica não ordena a veneração das imagens dos santos?

—E' preceito de fé.

—Mas aqui está um padre que se deixa ficar coberto passando a procissão de S. José.

—Porém veja os moleques como gritam—*fóra peu!*

—Elles mesmos são os proprios que dão pouca importancia ás ceremonias religiosas.

—E lá se vae o padrego em *agua aberta*, com ares de *Janjan*.

—Plantaram-se arvores no Terreiro, como objecto de commodo publico.

—E na realidade são.

—Gastou-se dinheiro, empregou-se trabalho e cuidados.

—Nem podia ser por menos.

—Mas agora que essas arvores começam a fructificar estão sujeitas as estragadoras pedradas dos meninos vadios.

As cajazeiras estão todas esfolhadas por tantas pedradas que recebem.

—Eu só estou pela impassibilidade com que os agentes policiaes, assentados em baixo das mesmas, presenciaram essa obra de destruição.

—Nesta terra só se andando de olhos fechados e de ouvidos arrolhados para não ver-se e ouvir-se tanta indecencia.

—E o que me diz de quem mora na vizinhança dessas mulheres da vida airada?

Eu ainda estou em os ouvidos atordoados da noite de sabbado.

Que deboche! que orgial

—Em que logar?

—Na rua d' Ajuda casa n. 9, em que mora uma tal Firmina.

Essa mulher de vida irregularissima reunia uma pandega desenfreada, que praticou excessos.

O retinir dos vidros das vidraças, que esmigalhavam-se ao embate das pedradas, fazia atroz contraste com a voseria desordenada, os gritos descompassados que a horda desenfreada soltava.

—E habite uma mulher de costumes tão perdidos no meio de gente honesta!

—Para que havia de dar a doudice desta mulher!

—Foi escrava, creio, da casa do finado Marcolino Maia.

—Andar pelos monturos enchendo balaios de cisco para despejal-os nas portas alheias.

Quando é presentida dão-lhe pancadas e obrigam-na a apanhar de novo e a reconduzir o lixo; mas ella continúa em seu proposito.

—Está uma douda que deve ser incommoda á empreza do aceio.

—Si para semelhante empreza houvessem incommodos.

—Revoltante procedimento!

—Este homem é um desalmado.

—Trabalha em pinturas na casa de saude do Dr. Seixas.

—Não se espanca assim a um velho de 100 annos.

—O *Papa-ovo* tem a bocca muito suja, é verdade, mas elle não podia espancal-o brutalmente.

—E em cima blasonar que não faz caso da authoridade do chefe de policia, nem do subdelegado.

—Temeraria gente é esta gente do olho vivo!

—Eh! Parece incrível!...

—Faz cahir o queixo!

Veja se pode se dar maior arrojto:

Na quarta feira um individuo chegou no trapiche *Barnabé* pertencente ao Sr. Fernandes Lima, lançou mão de uma barrica de açúcar d'entre algumas, que se achavam no solar do edificio, enrolou-a para o meio da rua, chamou um ganhador e conduziu com ella. Já ia pelo Caes Dourado quando deram pela tratada.

Aprisionados o ganhador e o conductor, este com imperturbavel cynismo pôz-se a apontar para um estrangeiro que seguia a-diante, dizendo que fôra elle quem lhe mandara tirar a barrica.

E mudando os passos pôz-se a gritar: — «ah, senhor!... psio... ah, senhor!... psio...» E neste disfarce foi se esgueirando, deixando o Sr. Fernandes Lima pasmo de ver a audacia d'aquelle aventureiro. Quando o homem cuidou que não, o taful estava longe.

—Na casa de Correção ia havendo morte.

—Os presos revoltaram se?

—Não. Um sargento de cavallaria que se achava de guarda, metten a espada em um soldado que estava de sentinella, á meia noite, na ilha das Cobras e este quasi o vara.

—Eu creio que é contra a disciplina dar no sentinella.

—Dizem que o sargento ja de dia havia dado estouros em um outro soldado, conhecido pelo *Joaquim Papae*.

—Em que dia se deu isso?

—Na quarta-feira 15.

—Em resumo o soldado é quem ha de estar soffre do.

—É verdade e creio que até vae responder a conselho; o sargento esteve detido apenas duas horas.

—As cousas são assim; sempre quebram no costado do mais fraco.

—Na estrada de ferro tambem se dão boas consinhas e a provincia que garante juros de 7 % faz um papel de peteca; sendo de mais a mais constantemente prejudicada.

—Pois olhe, não deve ser por falta de vigilancia, a provincia tem um engenheiro fiscal encarregado de não consentir que a lesem.

—Ouça lá o que me communicam.

No dia 12 achando-se a senhora do Sr. Tipleid incommodada, na Pojuca, e receitando o medico, foi a receita remettida pelo telegrapho para Alagoinhas para ser aviada.

—Está como os casos funestos se dão; houvesse um engano da parte da telegraphia e tinhamos o caldo entornado.

—Passando o trem ordinario á um hora da tarde, ordenou o Sr. Tipleid que quando chegasse a Alagoinhas, a maquina retrocedesse com o remedio para sua senhora e assim aconteceu.

O trem ficou em Alagoinhas e a maquina voltou para a Pojuca a cumprir o mandado do engenheiro.

—Este procedimento desdiz da proverbial pontualidade ingleza.

—Na Pojuca demorou-se a maquina até 6

horas á espera que o medico apparecesse para examinar o remédio e ver si estava exacto.

Agora diga-me, um empreza de viação pode empatar seu trafego pelo interesse de um unico homem?

—Não.

—E a provincia não teve prejuizo, pelo menos na despeza do carvão?

—Está claro.

—E o serviço não pesou sobre os empregados, que podendo ter a tarde de domingo, foram forçados a trabalhar até seguramente 10 horas da noite, porque só ás 7 partiu o trem da Pojuca?

—Pesou; mas como foi por causa da mulher do Sr. Tipleid, potencia na via ferrea, não ha que reclamar.

—De sorte que nesta terra não ha nada que não ande a matroca. Apregoa se como modelo a severidade ingleza no respeito e observancia á lei e aos regulamentos que dirigem as emprezas... Entretanto ahi fica uma amostra do panno.

—E' que tudo que chega a esta terra *broma*

—Veja como anda isto:

Na terça-feira agasalhou-se um ladrão nos aposentos do sobrado n. 63, ao Caes Dourado, tão bem agasalhado que os moradores não deram por elle na occasião de fecharem as portas á noite.

Quando viu que todos estavam recolhidos e havia tempo bastante para terem adormecido, sahio de onde estava escondido e começou a dar caça á casa, fazendo uma colheita menos má.

Ao retirar se, no abric da porta da sala quiz o accaso que fizesse barulho e acordasse uma mulher que ahi dormia, a qual deu signal que havia gente estranha.

Enquanto o ladrão se via embaraçado para sair, outra mulher passando por uma porta travessa, correu ao destacamento a pedir socorro. Mas o destacamento, commandado pelo sargento Melchiades, achava-se em tal estado que não deu accordo de si. O ladrão pôz-se em fuga; perseguido pelos moradores e por alguns marinheiros, foi preso adiante da rua do Julião e ahi lhe tomaram todo furto que consistiu em cordões, anneis, brincos, pulseiras e collares de ouro.

Levaram-no preso e entregaram ao destacamento, para no dia seguinte dar-se as convenientes providencias.

Em tal estado de *cansaço* se achavam as praças do destacamento que adormeceram e deram tempo a que o ladrão facilmente e sem difficuldade procurasse o caminho de casa; e as que não adormeceram sahiram a *divertir-se*,

inclusive o sargento, que foi encontrado pelo subdelegado em casa de umas raparigas.

—E conte-se com segurança nesta terra, onde ha uma policia tão deleixada e ladroes de tanta animosidade!

—A benefica meza da Santa Casa da Misericordia está desenvolvendo a febre amarella no seio da população.

—E as authoridades de braços crusados consentindo.

—Montou um hospital na rua da Misericordia, por cima do Forum, centro da reunião do povo. N'um só dia entraram 11 doentes.

—E como nesta terra um criminoso deleixo preside a todos os actos, as cadeirinhas que conduziram taes doentes, d'ahi a meia hora eram occupadas por pessoas sans, que nellas se transportavam.

—No dia immediato falleceu logo um dos atacados. Posto o cadaver no caixão, houve jogo de empurra; ninguem queria carregalo para deitar no carro mortuario, de sorte que o carro permaneceu por mais de tres horas á espera.

—E agora os despojos dos que fallecem são atirados pelas janellas no pateo.

—Como é isto saudavel, com este calor abafador!

—Quando a molestia assolar intensamente, ha de se tomar, então, tardias medidas preventivas.

—Capitão vou-lhe contar um facto passado na quarta feira.

—Vejamos.

—Um individuo, que em algum tempo andou embarcado, feito mestre de navios mercantis, foi á estrada de ferro ver se lhe haviam chegado umas encommendas.

Na volta, ao chegar em S. Francisco de Paula um sugcito que estava em uma porta com ar de quem ia sair, ao vel-o foi logo dando-lhe o tratamento de capitão.

«Senhor capitão, V. S. quando vae ao Assú da Torre?»

O homem que de facto tem sempre portadores para tal lugar, perguntou-lhe o que queria.

«Como fugiu um escravo do tenente aqui, meu visinho, e constando que se acha n'esse lugar, queria que V. S. mo levasse uns annuncios para serem por lá distribuidos.»

O capitão, segundo o tractava o tal desconhecido, não se quiz negar; e mandou ver os annuncios em mão do tenente.

Passados alguns minutos, appareceu o tenente, e disse-lhe que os annuncios não estariam promptos si não ás 5 horas e meia.

Neste interim bateram á porta.
«Quem está?... pergunta o figurado dono da casa.

—*Osté não quer compra bilhete de Hespanha?*

—O que diz aquelle homem? perguntou o supposto dono da casa ao capitão.

—Ignoro, respondeu este.

—Entre cá dentro, mio caro signori. O que quer?

—*Osté, caballero, não quer compra bilhete de Hespanha?* disse o recém-chegado.

—Cá.... cá.... cá....

Ora bilhete da Hespanha, uma loteria que ninguem sabe quando corre!

—*Osté quer, compra, que se osté tira sorte, eu paga logo.*

—Oh! vamos lá ver isso, diz o tenente.

O fingido hespanhol puchou do bolso uns numeros, deitou sobre uma meza e disse — para no numero que *osté quer* e se sabe numero preto eu paga.

—O tenente casou 2\$000 rs. em um dos numeros; o hespanhol cobriu e depois descobriu, dizendo—*ganhaste osté, caballero.*

Depois o hespanhol saca do bolso uma carteira bem recheada e propõe ao tenente que se quizesse havia de parar com mil réis ou do contrario não jogava mais.

O tenente tira do bolso 30\$ rs. e diz ser todo dinheiro que tem.

O hespanhol volta-se para o dono da casa e pede-lhe que interesse com o tenente; este diz não ter dinheiro; elle finge voltar o rosto e o tenente mostra ao capitão por um accionado que sabia aonde estava o numero preto.

Voltando-se depois o pretendido hespanhol dirige se ao capitão, dizendo, *caballero*, interessa com este sua companhêro.

Ora, o capitão tendo visto que tudo aquillo era uma armadilha para verem si elle cahia, disse para o imaginario hespanhol — «quando v. ia para a Hespanha, já eu voltava de lá, e foi pegando no chapéu e retirando-se!»

—Desta vez a companhia do olho-vivo foi infeliz no laço que armou, foi ella quem perdeu a partidá!

Ser, qual deusa e não humana,
Auta falla que se esgana;
Hedvigés é astuta;
Mas dos enredos na lucta
Ganha a palma sempre Anna.

Gracinda por tudo chora;
Margarida é porcalhona;
Clelia (entre nós) é mijona;
Promette e falta Theodora;
Luzia cospe tod'hora;
E' snoria Emiliana;
Umbelina é uma gitana;
Candida mata sorrindo;
Porem falsa até dormindo
Não has de achar sinão Anna.

Jésuina é cavillosa.
Guilhermina vingativa,
Lydia forte em logrativa,
Ignacia muito ardilosa;
Hermelinda é mui dengosa;
Felismina moça insana;
Maxima, Martha, Adriana,
Cada qual tem seu defeito;
Mas nenhuma tem no peito
Tanto fei como tem Anna.

E' mui varia Celestina,
Arminda muito acanhada,
Amelia assás espinhada,
Um não me toques Delfina,
Tem muita usura Christina,
Muita toleimã Caetana,
Muitos *me deixoe* Diana;
Fausta é muito desabrida;
Porem mulher delambida
Não encontras como Anna.

As Gertrudes são pimponas,
As Franciscas mui bregeiras,
As Thomazias marralheiras,
As Sofias comilonas;
Barbara merece taponas;
D'Eulalia a lingua é catana;
Rufina chupará *canna*
Antes de aos trinta chegar...
Pois olha: sem exagerar,
Qualquer vale mais que Anna.

Claudemira, Florentina,
Simôa, Esther, Dejanira,
Hortencia, Cléta, Janira,
Domingas, Alexandrina,
Estephania, Catharina,
Judith, Justa, Firmiana,
Martinha, Feliciana,
A nenhuma escolher deves:
Todas são cabeças leves;
Bem que mais sérias que Anna.
Valeria e Marcionilla
Evita: são um castigo!

A PEDIDO

Palinodia

revista, correcta e augmentada por um
namorado repellido.

(Continuação dos ns. 766—767.)

Angelica é desconfiada,
Eudoxia mui presumida,
Vicencia demais sentida,
Clara mui dissimulada,
Carlota exige tratada

Nem na tu'alma achem abrigo
 Brigida, Augusta, Camilla,
 Joanna esquece que argilla
 E', e faz-se soberana;
 Constança machuca damna,
 Mata de raiva um mortal!
 Quiteria é genio do mal,
 Mas nunca peor que Anna.

Uma Juliêta ou Paulina,
 Evita, amigo, ou Damasia,
 Que te direi de uma Eufrasia!
 Nem por sombra uma Sabina!
 Foge a Elisa ou Clementina,
 Nem procures Damiana;
 Ambrosina é leviana;
 Flora atormenta e dá mel;
 Porem fingida, revél,
 Avara, ruim... só Anna.

Gliceria diz que é discreta,
 Porem não te fies nella;
 Ritta, sagaz como aquella,
 Inculca uma alma selecta;
 Reduzem um homem a patêta
 Emilia ou Virgiana,
 Etelvina ou Cypriana
 Qual é ruim, qual peor;
 Porem a peste maior
 Que podes achar... é Anna.

Temoclêa e Herdolina,
 Eliceria, Afra, Hilaria,
 Joaquina, Januaria,
 Irene, Isaura, Trifina,
 Tulinda, Perpetua, Adina,
 Branca, Arlinda, Mariana,
 De maridos tendo gana,
 Se atêm a duas amarras:
 Foge, pois, de suas garras,
 Porem foge mais de Anna.

E' mui manhosa Celina,
 Libania muito grosseira,
 Epiphania enredadeira,
 Tôla e altiva Leopoldina;
 Izabel é mui sovina;
 Julia fel dos labios mana;
 E' parva a Justiniana;
 Esmeralda pouco attenta;
 Mas de cousa boa isenta
 Eu nunca vi senão Anna.

Domethilde, Josephina,
 Côra, Ercilia, Felisberta,
 Eufemia, Simplicia, Bertha,
 Octavia, Jacintha, Alcina,
 Helena, Amalia, Honorina,
 Donina, Iria, Marciana,
 Pouco bem dellas emana,
 Nenhuma tem jus a gabos;
 Mas fossem todas diabos,
 Qualhuer preferira a Anna.

Ha muitas outras que calo
 Porque vejo-as temerosas...
 Sao culpadas, mas formosas...
 Causam sempre certo abalo...
 Seus defeitos não propalo...
 Porem nenhuma me engana!
 Entôa a Deus uma hosanna
 Si mesmo dessas escapas:
 Ellas são demos de capas;
 Diabo sem capa é Anna.

Assim, amigo, sê cauto
 Na escolha que fizeres;
 Desconfia das mulheres
 Eis o dever que te panto
 Padeces de amor? N'um lauto
 Banquete esse mal te sana!
 O craneo fervente abana...
 Mas só casando achas cura,
 Então evita a perjura
 Mulher que se chama Anna.

—Vejam só o diabo como as tece.

—O que ha de novo?

—São umas lambe-einzas do *Boqueirinho*
 que dormem e amanhecem na janella.

—Quem são essas noctivagas que fazem da
 janella cama?

—Umás taes que dizem, que fazenda não
 estando no mostrador, não tem gasto.

—Quando é ordinaria.

Diga me onde moram essas taes.

—Muito facil de saber. E' ao pé de uma
 venda.

—Que numero?

—Nem é 40, nem 38.

—Bem; hei de apparecer por lá para ver
 essas bexigas incommodativas.

Noticias da casa de trabalho sem prisão.

O diabo coxo no sabbado quiz *tentar* ao
Manuel Patrulho que estava de sentinella e
 este deu-lhe muito estouro de reflex. (O empre-
 gado *Ana-estacio* foi demittido por isso.)

E' por demais escandaloso o que pratica
 esse homem. Tem elevado nesta casa a sodo-
 mia ao maior apuro, e eu juro que elle não
faria tanto si não contasse com a impunidade.

O governador não vê estas cousas; só se
 apura em flagellar os infelizes a quem a des-
 graça ou um momento de irreflexão precipi-
 tou neste abysmo.

Come-se carne magra e pôdre. O pão em
 lugar de seis onças virou para seis gatos. O
 toucinho é do tamanho de uma marça de bo-
 tão.

Os fiscaes não precisam ter mais trabalho
 em fiscalisar os generos deteriorados, porque
 todos são arrecadados para servir de alimento

aos desgraçados que jazem neste inferno em vida.

—Capitão, que tal é o inspector d'alfandega?

—Não o conheço; mas tenho ouvido fazer-se lhe boa ausencia; como funcionario publico, dizem, que é amigo da justiça.

—Tenho uma representação a dirigir-lhe.

—Sobre o que versa?

—Pedindo uma providencia no sentido de que os exportadores de assucar não sofram em seus interesses com o systema de arrumação, que ha nos trapiches.

—Lembrou-se hoje d'isso?

—Amontoam grande quantidade de caixas umas sobre as outras, e succede muitas vezes que um negociante despacha uma caixa de assucar e quando manda retirá-la do trapiche não pode, pelo embaraço que ha em safá-la do lugar em que se acha, sendo obrigado a esperar uma, duas e tres semanas até que se desarrumem as que estão por cima.

—E' uma medida de equidade.

—Mas eu não sei si o homem me prestará attenção.

—Experimente.

Soneto.

Um novo judas resurgiu agora,
Filho d'um padre, pardo desfarçado;
Que tão devasso é, quanto é ousado,
Do ministro nos pés por ouro chora.

As suas faces de pudor não cora,
A classe, á que pertence o desgraçado,
Manchada porque o tem nella collado,
Com a sua maldicção melhor vigora.

Juiz, lente, vigario, que desgraça!
Só nesta terra vê-se um vil sendeiro,
Que de torpe usurario já mais passa.

A honra vende elle por dinheiro,
Para do negro vicio encher a taça,
Deflorou trez irmans o tal vaqueiro.

—Capitão, outro dia assisti a um leilão de burros em que era preegoeiro o Sr. Meirelles, muito digno subdelegado da freguezia de Santo Antonio.

—Sim, e o que ha?

—Ha que no meu espirito suscitaram-se certas duvidas.

—Quaes são ellas?

—Si a gravidade inherente ao cargo de subdelegado é compativel com o officio galho-feiro e chasqueador de preegoeiro de leilões.

Ora eu ouvi alli certos diterios e certas respostas á vista de um auditorio immenso, que me geraram essas duvidas.

—E' por que V. de si mesmo é todo excêntrico. Hoje não se olha para essas cousas.

—Ah, está direito; no seu pensar hoje pode-se até ser chefe de policia e frequentar casas de jogo.

Sr. redactor.—Uma fatalidade tem feito com que V. ouça só aos empregados da companhia de Vehiculos Economicos, que por abusarem e commetterem actos de fraude, são despedidos.

As muletas impostas nunca foram em numero tão crecido, que absorvam todo o ordenado mensal.

Até certo tempo, ellas eram applicadas só em beneficio dos uniformes dos empregados, premios, quando se distinguiam, e soccorro quando por si, ou por qualquer pessoa de sua familia, soffriam.

Hoje não existem; desconta-se dos vencimentos as faltas de comparecimento para o serviço. Os empregados venaes, por que são despedidos, espalham o recorrem a este jornal, para com esta mentira se justificarem.

Um caixeiro.

Para arredar interpretações equivoacas, declara-se que a publicação inserta no *Alabama* n. 755 não se entende com o Sr. Manuel José Teixeira de Araujo, com venda n. 9, á Preçuica.

VARIÉDADES.

Uma maxima que vale por quatro; em largura, cumprimento e profundeza:

O homem que pensa no futuro, olha para cima; o que pensa no passado olha para baixo; si olha para diante, pensa no presente; não pensa em nada se olha para a direita e para a esquerda. Agora si olha frequentemente para traz é porque pensa com certeza nos credores.

—Ob! que bambochata!... é pena que não haja mais que um carnaval por anno, Manuel.

—Diabo! bastavam dous no mez para me fazer dar a costa. Tenho o estomago como uma fornalha, a garganta como uma lixa, e a lingua como um ferro velho!... A culpa foi tua que me embebedaste em todos os tres dias; não se resiste a tres carrapanas seguidas!

—Alma de chicharro!... porque não fizeste como eu... bebi mais do que tu, e só tomei uma carraspana.

—Uma só?...

—Só; mas começou no domingo e acabou na terça-feira.

—Com effeito é o meio mais seguro para não se embebedar duas vezes.

A proposito.

Julgava-se uma causa de attentado ao pudor em um dos tribunaes criminaes da cidade de Lillo, e achavam-se na galeria para assistirem a essa audiencia varias senhoras.

O juiz, antes de principiar a leitura das peças do processo, tomou a palavra e disse que suspendia a audiencia por cinco minutos, porque tratando-se de uma causa que offendia o pudor feminino e devendo prevenir as pesscas presentes d'esta circumstancia, concedia aquelle prazo para que as senhoras honestas podessem sahir do tribunal.

Nenhuma das senhoras que a curiosidade levava áquella audiencia sahiu do tribunal, e o juiz, decorridos que foram os cinco minutos, voltou-se para o escrivão e disse-lhe:

«Pode principiar a leitura do processo porque todas as senhoras honestas já sahiram do tribunal.

Foguete.

A certo yoyô bonito,
Que está sempre na janella,
Servindo para palito
De uma menina bem bella;
Quero um conselho lhe dar,
Não vá abonos pedir,
Quando quizer se casar
Porque podem descobrir.
Sendo elle um troca-tintas,
Sem meio de vida ter,
Não é melhor que desista
Do que um—não—receber?
Si acceitar meu conselho
Não se ha de arrepender,
Pois é de homem já velho
Que tem razões p'ra saber.

Quem te avisa
Teu amigo é.

Perguntaram um dia ao poeta inglez Prior porque razão não havia matrimonios no paraíso. «E', respondeu elle, porque não ha paraíso no matrimonio.

Um roceiro havia emprestado dous burros a outro roceiro, para este fazer uma pequena viagem, mas vendo que já se demoravam os animaes foi á casa do visinho esperal-o. D'ahi a poucos momentos chegou o roceiro acompanhado de seu pagem por nome Burromeo, e que tendo uma pequena doença em caminho o havia feito demorar. A' chegada do roceiro e seu pagem, aquelle que o esperava não pô-

de deixar do estranhar a demora na viagem, e disse-lhe:

— Olhe, visinho, você demorou-se muito na viagem, e d'outra vez não me pilha a montaria.

—Perdão, visinho, disse-lhe aquelle, a culpa não é minha, mas sim do Burromeo que adoeceu em caminho.

—Seu o burro! e está então eu o dei ou vendi? Foi necessario aquelle explicar-lhe o *qui pro quo* para não haver algum desacato.

Dous amigos depois de jantarem a fartar principiarão a teimar qual dos dous tinha mais comido. Um delles já desesperado disse:

—Olhe, que eu comi como um burro!

O outro não querendo ficar supplantado respondeu.

—E eu como um boi.

A que um gaiato que estava perto, aproveitando o ensejo, disse-lhes:— e da mesma forma, e pela mesma maneira...— que os fez ficar envergonhados.

ANNUNCIOS.

Attencão.

As commissões que promoveram a subscrição entre os caixeiros d'esta praça a favor das familias dos voluntarios d'esta provincia, tem resolvido fazer a distribaição pelas ditas familias das quantias até hoje arrecadadas, para cujo fim se devem mostrar habilitadas com o competente attestado do parochio da freguezia a que pertençam, podendo desde já dirigir suas propostas em carta fechada aos Srs. bibliothecarios do Gremio Literario e Gabinete Portuguez de Leitura, até o dia 31 do corrente.

Bahia 15 de março de 1871.

DEPOIS DE FECHADA A MALA

—Não causa mais espanto ouvir contar os amiudados assaltos dos ladrões ao lar alheio.

—Ja parece fabula!

—E como são destemidos! Em alto dia é que praticam suas correrias.

—Contam com a falta da policia.

—Hontem, sexta-feira, dous individuos abriram uma casa no Bercó, chamaram um ganhador, ajudaram uma arca grande, e sahiram. Sendo visto pela visinhança sahir a arca, sem ser acompanhada pela dona, causou especie. Tomaram-na do poder do ganhador e os larapios pozeram-se em fuga.

—Ah, Sr. Dr. chefe de policia, assim tambem parece mais que tibieza.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª

QUARTA-FEIRA 29 DE MARÇO.

N. 770.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Penha, pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance, afim de que um individuo de nome José, que mora fronteiro ao Sr. Carias, no logar denominado Caminho de dentro, o qual reúne em sua casa uma sucia de capadocios, todos os domingos e dias santificados, não continue a proferir, junto com a sua pandega, as palavras immoraes de que fazem uso, desrespeitando assim o decoro das familias que ali moram.

Em vista do exposto, e em nome da moralidade ultrajada espera-se ser attendido.

—No sabbado ao meio dia, passava um soldado do 14 pelo largo do Theatro, na occasião em que sahia o *bond* dos Trilhos Urbanos, o qual deu-lhe uma encontroadella, jogando-o por terra, e por milagre da Providencia elle não varou-se na boioneta que levava na mão, mas ficou bastante maltractado!

—Imprudencia!

—Capitão, na segunda-feira, á noite, os ladrapios deram na cidade baixa na loja de fazendas, denominada—*Centro commercial*, e levaram um relógio que encontraram, além de muitas fazendas.

Os ratoneiros trabalharam para abrir um cofre, onde existia um conto e tanto de réis, mas não puderam conseguir.

—Safal olhe que os ladrões andam agora quentes!...

—E a policia fria!....

—Hoitem, terça-feira, as ruas desta cidade foram theatro de um espectáculo estúpido, repugnante, barbaro e incivil.

—Tudo isso?

—Transitava por ellas, em ar de pregão, uma mulher, negra, de catadura repulsiva,

trazendo na mão direita formidavel relho, alçado sobre o alto da cabeça e com a esquerda segurava pelo cós da saia, uma outra mulher, de côr fula, que levava um pequeno taboleiro vasio na cabeça.

Após uma cantarola que pronunciava, imprimia uma relhada nas costas da victima e seguia.

Do que dizia essa improvisada carrasco apenas se percebiam as seguintes palavras—*aqui vae esta negra fugida, que vestiu saia nova....* o mais era inentelligivel.

Este quadro degradante e indigno percorreu desde a freguezia de Sant'Anna, ladeira de S. Francisco, Maciel de Baixo, Baixa dos Sapateiros até o Pilar.

No Terreiro, houve quem commovido se oppozesse á tão selvagem e anti-humana scena, e pretendesse que a miseranda fosse á presença do subdelegado. Apresentou-se um portuguez declarando ser senhor da escrava e que o castigo era authorisado pelo subdelegado do Pilar, unico que podia revogal-o, no que foi apoiado pelos soldados de policia que se sentam em baixo das arvores e que só se moveram, quando viram o ajuntamento em redor da soffredora. Declararam esses agentes da ordem publica ao portuguez que levasse sua escrava da maneira que lhe conviesse, porque sendo seu senhor, *d'ella podia fazer o que quizesse.*

Insistindo-se para que fosse apresentada ao subdelegado da Sé, em cujo districto se passava o facto, elles oppozeram-se formalmente, perguntando a quem assim opinava, *si era inspector de quartirão para estar cagando regras.*

—Esse atroz senhor nem se lembrou ao menos que estamos no santo tempo da quaresma, tempo de perdão e indulgencias, para expor uma creatura sua semelhante a tão aviltante trato!

—E do que serve haver lei em um paiz, onde o senhor brutal calcando os preccitos do Evangelho, affrontando a opinião, exhibe publicamente scenas de degradação moral, e exerce sobre o infeliz escravo castigos iniquos

e repulsivos, apresentando-se acintosamente aos olhos dos agentes da authoridade e apadrinhando-se com o nome destas!...

—Que diabo de alarido é aquelle ali na rua da Madragôa, em casa d'aquelle velho africano?

—Quanta gente reunida!

—O que será mesmo aquillo?

—Eu sei lá...

—Vamos nos informar?

—Estou prompto: eu cá sou pau para toda obra.

—Ouçamos primeiro o que conversam a quelles sujeitos moradores da casa vizinha.

«—Ora, isso não tem geito! O preto estava sentado em sua porta, o Sr. Francisco Abreu passou por elle, junto com um alfaiate de nome Elyseu, e deu um *casculo* no pobre africano, este chamou-os—*malandrins*.

«A' este dicto, o Sr. Francisco Abreu entende que como é filho do subdelégado e inspector de quarteirão, tem jurisdicção para invadir a casa do preto, e junto com o celebre Elyseu, dão-lhe muitas bordoadas, assim como na preta companheira d'aquelle.

«Quasi matam os pobres pretinhos, si eu não fossemos em soccorro dos mesmos!»

—Já ouviu o que é?

—Já, meu amigo, é o filho do subdelegado o author d'aquelle alarma.

—Mas V. o que quer? hoje é domingo, e aqui em Itapagipe faz muito calor; provavelmente o homem está *esquentado*.

—Esquentado ou não, isto é um abuso intoleravel.

—Porem o que havemos de fazer?

—Clamar contra o procedimento irregular do filho de uma authoridade policial, tanto mais quando até é elle inspector de quarteirão.

—Rapaz, modere o genio—*manda quem pode*.

—Capitão, uma grande novidade.

—Diga o que é, sem preambulos, como queria o fallecido presidente general Andréa, para não impacientar-me.

—Um *rato* anda com um *gallo*!

—Que é o que V. está dizendo? Está doudo? Onde viu isso?

—Na rua, capitão, onde dá-se e vê-se tudo.

—Está bom, já sei; seria algum *gallo* amarrado na porta de qualquer casa, e algum *rato* sabido que vendo comida põz-se ali...

—Não havia comida de qualidade alguma, e sim *erva*...

—Como estás abstracto, pois *erva* não é co-

ida de que se faz ás vezes *caruú*, e sempre *maniçoba*?

—Mas ouça, capitão, vindo eu da fonte daquelle fructo que corta...

—Já o entendo, *gravatá*; adiante, continue.

—... e tendo de fallar a um meu conhecido por nome *Miguel*, na freguezia de Santa Anna, soube por um *boccorio*, ao subir da ladeira, que o homem da *bucolica*, cheio sempre de *circumstancias*, para evitar *brincadeiras*, deixava de estar em terra e ia para o mar, incumbindo a um *sineiro* de vez em quando do alto da torre lançar os olhos sobre o *Desterro* e *Nazareth*, logares de suas impressões e entretenimentos, desde menino empinando *pagaios* e *arraias*, jogando *castanhas* e *peão*, costume esse que nunca perdeu até ser *guarda nacional* sempre moscando o serviço, serviço que diz ter-lhe desagradado como *raposa*, quando o *gato capado* o obrigou a não apunhar *passarinhos* e a vestir a farda, concorrendo para isso o então *general* improvisado *major Sergio*.

—Ignorava tudo isso; esses *boccorios* sabem de cousas ..

—Já esquecidas por velhas; dizendo-me mais o *sobredito* cujo que o *bucolica* quer mudar de nome ou antes de sobre nome, deixando o de *santos*, porque elles já não fazem *milagres*, muito custoso, apesar do diurno e fatigante namoro, o seu consorcio, ou com *afilhadas de padre*, ou em *contraste* com qualquer outra parenta, filha ainda, elle tambem *filho*.

—E que cognome tomará elle?

—Isso é o que não sei, talvez de *Sá* ..

—Seria necessario, para tanto, que no craneo não tivesse mais elle *luz* alguma, e fosse como um louco.

—E o capitão duvida disso á face de tantas *macaquices*?

—Não digo que sim nem que não; é mister a respeito, como si fosse uma *sybilla*, ouvir a experiente...

—Não carece isso, eu conheço uma preta africana, que até parece *advinhar*, que todos chamam-na minha *tia*, recebendo ella qualquer cousa que se lhe dê pela consulta.

—Será bem bom que se desate semelhante *nó*, sem carecer da espada d'outro *Magno Alexandre*, quanto ao *gordio* chamado.

—Então saberemos de muitas *treitas* e grandes *negocios*, sendo estes d'aqui e aquelles d'ali, como o *papalvo* falla, e se pronuncia sempre; lambendo os *beicos* quando toca na *menina*, assevera que é *bonitinha*, tomando vinte pitadas ou trinta em meia hora; então sabereinos da união e companhia *gallo-rato*.

— Por amor de Deus, não falle mais disso; quem é que disso faz caso?

— Perdõe, meu capitão, não são tão inofensivos—o rato e o gallo.

— Mordem e beliscam, e nada mais.

— Esse pouco, que fura a pelle e derrama sangue...

— Deixe lá o gallo e o rato: pucharemos as pennas do gallo, sem quebrar-lhe o bico, e tiraremos a pelle do rato, sem arrancar-lhe os dentes: e si continuarem... outros meios e recursos brandos temos ainda para frustrar quaesquer resultados que possam vir da companhia — rato-gallo, agora pela grande guerra européa. os gallos comendo ratos, e por isso ficando demonstrado que rato ha de esconder-se para não aniquilar se por gallo, e que, si maior fôr a crise, lá irá tambem o gallo a par do rato.

— Fallou bem, capitão, e eu me calo e vou-me embora.

A PEDIDO

— Capitão, faz favor de ouvir-me?

— Temos novidade?

— Uma bisca embarcada em uma casa de penitencia seraphica de terceira ordem para garantir o futuro de uma velha lusitana, que vive de ser creada de servir.

— E o que tem isso? A casa não é de charidade?

— Mas, capitão, o regulamento manda que só se aceitem as senhoras, que forem mulheres ou filhas dos irmãos da casa e estas mesmas que não sejam septuagenarias.

Além disso ha grande opposição quando uma natural do paiz quer entrar para a confraria. Exigem certidão até o 4.º grau de sanguinidade, como na passada direcção exigiu um sujeito bem nosso conhecido. Outros dizem que a ordem não precisa de mulheres e alguns emfim exigem que a pretendente prove ser de casta fina e apurada.

— Deixe-se desses preconceitos tolos que já caducaram. Os homens sensatos de certo não se lembrarão disso; só pode entrar na cachola de alguns azeiteiros estupidos ou mesmo de algum conterraneo aduldor, que atravez da peneira que lhe escurece a vista o fôfo orgulho, não se conheça a si proprio.

Demais não tem visto V. como essa casa, si é a que eu penso, caminha para o regresso? Não tem presenciado seus actos como são pouco concorridos?

Que os que pertencem á ella e dispõe de posição pecuniaria e social a tem abandonado a uma meia duzia de pés de boi?

— Bem, capitão, em outra occasião lhe relatarei cousinhas de mais aleance.

Soneto.

— Cançaste, ó vate?

— Não cancei, fiz ponto.

— Porem, ponto final?

— Quem sabe disso!

— Remisso foi-te amor?

— Não foi remisso.

— Contas com elle?...

— Nem comigo conto.

— Affrontas então pois?

— Eu não affronto.

— Intercedes, talvez...

— Meio sedição!

— Mas si a morte chamar-te a seu serviço?

— Serei sempre de amor soldado prompto.

— Tua crença, porem?

— Era illusoria!

— Succumbes?

— Não, que os genios sup'riores

Morrem p'ra o mundo e vivem para a historia.

Para quem sabe amar, ha sempre amores;

Para as flores da lyra, ha sempre gloria;

Para a gloria da lyra, ha sempre flores.

Recommenda-se ao Dr. chefe de policia para que mande admoestar a um creoulo de nome Vicente, filho da africana Victoria, moradores á rua da Misericordia, pois o dito creoulo entende que deve tomar generos na venda da quina da Praça para matar sua fome e quando o caixeiro pede-lhe o dinheiro, ouve as palavras mais obscenas que ha, á ponto de um dia o caixeiro da referida venda, offendido com tantos insultos, pular o balcão e fazer qualquer asneira, pois um prescipicio deste não é para menos.

— Capitão, já completou a banda dos tambores do regimento dos cadêtes?...

— Ainda não.

Logo, é possivel ser admittido o Aleixo.

— Que esperanza!!... e mais alguém até.

Pois bem, vou mandar a policia secreta á rua da Formosura buscal-o para se allistar na companhia do Porfiro Vianna, ou outra qualquer.

— Que duvida; Ahi, só quem pode fazer opposição é o Pinelle e mais ninguem.

— Capitão, communicaram-me um facto que o julgo puramente real, segundo m'ó asseverou pessoa conceituada.

— Si é facto importante, é favor dizer-me logo.

—Eu o considero como tal; mas a V. Ex. compete julgá-lo.

—Apreciemos.

—No dia 21, pelas 7 horas da noite, Francisco da Costa Dourado e outro individuo foram á venda á baixa da ladeira da Soledade insultar ao caixeiro da referida venda por causa do troco de uma cedula de cem mil de réis.

Neste interim appareceu o dono da venda, travando-se uma lucta entre este e os aggressores, pelo que houveram ferimentos.

Recolhendo-se depois o dono da venda para sua casa e fechando a porta da rua, os aggressores não podendo forçá-la, contentaram-se em apedrejar as vidraças e quebrar os caixilhos das janellas á força de cacetes.

Passado este spectaculo, digno do atrazo em que se acha esta nossa provincia, compareceu o Sr. Henrique de Meirelles, actual subdelegado da freguezia de Santo Antonio, acompanhado do seu ordenança, e sem indagar o facto, como devia, mandou buscar quatro praças de policia e com grandes gritos e alaridos prendeu um dos taes; este foi sobre elle e nem só lhe pôz o paletot em pedaços, como sovou-lhe o *beque de prôa*. O subdelegado lucta para ver-se livre das mãos do preso, sendo preciso para isso a intervenção do povo e dos soldados. Ora, logo que o subdelegado se viu livre das garras do sujeito, gritou que ia buscar mais soldados e largou se a correr pela ladeira acima.

Com effeito, d'ahi a meia hora appareceu elle com mais quatro guardas, porem já o preso n'essa occasião tinha sido conduzido pelos quatro primeiros; mas sabendo elle que Francisco Dourado havia escapado, procurou-o para fazer-lhe effectiva a prisão e este que se achava em *porto seguro* (em sua casa de morada) tambem por sua vez refrescou com uma horrenda descompostura, em vozes altas, ao subdelegado, que tudo soffreu, sem atinar com o que devia fazer!...

Volta por fim o referido subdelegado com os guardas, bastante sentido da vergonha por que tinha passado e do desprestigio que havia soffrido a sua authoridade. Chegando na ladeira do Baluarte encontra com o que se achava preso que continuava a resistir, e ordena a força que o conduzia que o levasse a rastro, sendo ali apupado pelo povo, alem de uma nova chuva de descomposturas, que de novo soffreu.

—Oh! isto é muito desmoralisar-se a authoridade!

—Mas o que faz admirar se ahi, capitão, é somente uma cousa.

—Qual?

—No dia immediato, antes das 6 horas da

manhan, estava o preso solto e livre por ordem do subdelegado, a quem elle havia prestigiado no dia antecedente!

—Esta é que é de *cachupeleta!*

Motte.

*Teu lindo porte, teu rosto
Maltrata meu coração.*

GLOZA.

Que prazer, que grande gosto
Eu sinto n'um só instante,
Si desfructo delirante
Teu lindo porte, teu rosto;
Aos ferros sempre disposto
Da mais extrema paixão;
Sujeito á escravidão
Vivo só por teu respeito
Que o amor que nutre o peito
Maltrata meu coração.

F. G.

Barbeiro.

O monje *pacificador*, barbeiro á rua dos *preguiçosos*, aleija dedos, colla nariz e outros trabalhos que com vagar têm vindo e hão de vir a luz; tambem declara ao respeitavel publico que tem outra casa do mesmo trabalho em Itapagipe, e tudo isto faz por preço commodo, por que não é santo, e sim monje.

Só na Bahia, esta terra em que se vive folgadamente..... eu tambem vou ser barbeiro!

S. Antonio e S. Pereira.

Faço sciente ao publico que já se deixa de sellar qualquer documento por falta de estampilhas, como fosse a lancha *Costa* que deixou de seguir viagem por falta das ditas estampilhas para sellar.

VARIÉDADES.

Senhora de palavra.

—Ritinha, toma cuidado,
Notam já nos teus enganos;
Ha dez annos que declaras
Contar de edade trinta annos.

—Pois que notem!... disse um
Ter trinta annos; está dito!
Sou senhora de palavra;
Tenho trinta annos, está dito.

ANNUNCIOS.

Vende-se a pastelaria Dous de Julho atraz da Sé n°. 52.

Typ. de Marques, Aristides e G.